



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
Ano 2012

**Maria Manuel
Barbosa Valente**

**Avaliação da Integração dos Alunos nos Cursos de
Educação e Formação**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação na área de especialização em Avaliação, realizada sob a orientação científica da Doutora Isabel Maria Catarino Huet e Silva, Investigadora Auxiliar Equiparada do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Aos meus pais, Teresa e Joaquim, porque apoiaram sempre o meu trabalho.
Sei que de onde estiverem me olham e jamais permitem que eu desista.

Ao meu irmão, Aires Armando, pela força que me transmite lá do Além.

Aos meus filhos, Teresa e José, pela ternura e carinho que me dão,
demonstrando uma enorme vontade de que a mãe prossiga.

À minha neta, Sara Manuel, que acabou de nascer e a quem posso contemplar
com doçura nos momentos em que descanso um pouco.

o júri

presidente

Profª Doutora Maria Teresa Bixirão Neto
professora auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutor José Augusto Bessa de Oliveira
professor do quadro do Agrupamento de Escolas de Oliveira de Frades

Doutora Isabel Maria Catarino Huet e Silva
equiparada a investigadora auxiliar da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Agradeço a Deus e a muitas pessoas que me ajudaram a prosseguir este desafio, em especial:

À Doutora Isabel Huet, pela sua orientação atenta, pelas preciosas críticas e sugestões, e por destacar o que de positivo eu ia construindo, incentivando-me, assim, a continuar a trabalhar e a proceder às solicitadas correções com ânimo e de forma dedicada.

À Professora Doutora Teresa Neto, pelo indiscutível alento para o impulso inicial.

À minha família, pelo apoio incondicional e por aceitarem tantos momentos de ausência e mesmo, em certas situações cruciais, a falta de apoio absoluto, total dedicação e disponibilidade.

Às minhas amigas e companheiras de mestrado, com quem embarquei no mesmo porto, Ana e Celeste, pela partilha de experiências, pelo sorriso, pela compreensão e por saber, fundamentalmente, que estávamos no mesmo barco e que remávamos na mesma direção.

palavras-chave

Avaliação, integração, insucesso escolar, novas opções de currículo, CEF, formação vocacional

resumo

O presente trabalho tem como finalidade avaliar a integração nos Cursos de Educação e Formação (CEF) dos alunos que provêm do ensino regular. Os CEF, criados pelo Despacho Conjunto 453/2004, surgem no âmbito da tomada de medidas para combater o insucesso e o abandono escolar. Ora, tratando-se de percursos formativos com uma forte vertente vocacional, frequentados por jovens que apresentam histórias de insucesso repetido, levámos a cabo um estudo sobre a sua integração, como se sentem na escola, quais as suas expectativas, como cumprem metas e desafios.

Utilizou-se uma metodologia de estudo de caso, de cariz qualitativo, tendo esta sido escolhida pelo facto de a investigação recair numa entidade bem definida e delimitada: duas turmas de CEF de um agrupamento de escolas da Zona Norte do país – uma no primeiro ano e outra no segundo ano do curso.

keywords

Evaluation, integration, school failure, new curriculum options, CEF, vocational education

abstract

The main aim of the present work is to evaluate the integration in the Education and Training Courses (CEF) of the students that proceed from the mainstream education system. In fact the Education and Training Courses, created by the Joint Decree No. 453/2004, have emerged amongst different issues to counteract school failure and early drop-out. Since this vocational curriculum is intended for students that show repeatedly school failure, we have carried out a research work to evaluate their integration, how they feel at school, what their expectations are, how they achieve their goals and overcome challenges. We decided for the case study methodology, based on a qualitative research, once the study falls into a well defined and circumscribed entity: two CEF classes of a school cluster located in northern Portugal – one in the first year of the course and the other one in the second year.

ÍNDICE GERAL

| | |
|--|-----------|
| AGRADECIMENTOS..... | I |
| RESUMO..... | II |
| ABSTRACT..... | III |
| LISTA DE TABELAS..... | VI |
| LISTA DE GRÁFICOS | VII |
| LISTA DE QUADROS..... | VIII |
| SIGLAS UTILIZADAS..... | IX |
| | |
| INTRODUÇÃO | 2 |
| CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO | 6 |
| 1. AVALIAÇÃO – PRESSUPOSTOS E DESAFIOS..... | 6 |
| 2. FATORES DE INSUCESSO E CAUSAS DE ABANDONO ESCOLAR | 8 |
| 3. MEDIDAS PARA COMBATER O INSUCESSO E O ABANDONO ESCOLAR | 15 |
| 4. A EDUCAÇÃO EM CONTEXTO DE FORMAÇÃO | 19 |
| 4.1. NA EUROPA | 20 |
| 4.2. EM PORTUGAL | 22 |
| 5. A MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM..... | 23 |
| 6. A IMPORTÂNCIA DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO DA ESCOLA NA APRENDIZAGEM..... | 25 |
| 7. OS CURSOS DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO..... | 27 |
| 7.1. DESTINATÁRIOS DOS CURSOS DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO | 28 |
| 7.2. FUNCIONAMENTO DOS CURSOS DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO..... | 29 |
| 7.3. ORGANIZAÇÃO DOS CURSOS DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO | 29 |
| 7.4. ASSIDUIDADE | 33 |
| 7.5. A AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS NOS CEF | 33 |
| 7.6. CERTIFICAÇÃO | 35 |
| 7.7. PROSSEGUIMENTO DE ESTUDOS | 35 |
| CAPÍTULO II – ESTUDO EMPÍRICO | 38 |
| 1. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO | 38 |
| 1.1. OBJETO DE ESTUDO | 38 |
| 1.2. QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO | 38 |
| 1.3. OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO | 38 |
| 1.4. O MÉTODO: ESTUDO DE CASO | 38 |
| 1.5. POPULAÇÃO ALVO | 40 |

| | | |
|-----------|---|-----------|
| 1.6. | CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO DE CASO | 40 |
| 1.6.1. | <i>Caraterização da População Alvo</i> | 41 |
| 1.6.2. | <i>Tipologia do Itinerário de Qualificação</i> | 48 |
| 1.6.3. | <i>Finalidades das Áreas de Formação</i> | 51 |
| 1.7. | DESENHO DA INVESTIGAÇÃO | 51 |
| 1.7.1. | <i>Técnicas de Recolha de Dados</i> | 52 |
| 1.7.2. | <i>Instrumentos</i> | 55 |
| 1.7.2.1. | Entrevista Estruturada | 56 |
| 1.7.2.2. | Inquérito por Questionário..... | 57 |
| 1.7.3. | <i>Análise de Dados</i> | 58 |
| 1.7.4. | <i>Quadro Resumo do Desenho da Investigação</i> | 61 |
| 2. | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 62 |
| 3. | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 85 |
| 4. | ESTUDOS FUTUROS | 88 |
| | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 90 |
| | ANEXOS | 95 |
| | ANEXO 1 – GUIÃO DA ENTREVISTA REALIZADA AOS ALUNOS DOS CURSOS DE IOSI E DE SM..... | 97 |
| | ANEXO 2 – REGISTO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS AOS ALUNOS DOS CURSOS DE IOSI E DE SM..... | 101 |
| | ANEXO 3 - GUIÃO DA ENTREVISTA REALIZADA AOS ALUNOS DE SM APÓS TEREM REGRESSADO DA FORMAÇÃO EM CONTEXTO DE TRABALHO..... | 133 |
| | ANEXO 4 – REGISTO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS AOS ALUNOS DE SM APÓS TEREM REGRESSADO DA FORMAÇÃO EM CONTEXTO DE TRABALHO..... | 135 |
| | ANEXO 5 – INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS MONITORES DE ESTÁGIO DOS ALUNOS DE SM | 145 |
| | ANEXO 6 – DOCUMENTOS: AUTORIZAÇÕES / CONSENTIMENTO INFORMADO | 149 |

LISTA DE TABELAS

| | | |
|-----------|--|----|
| Tabela 1 | - Tipologia dos percursos de formação | 30 |
| Tabela 2 | - Matriz curricular do curso Tipo 2 de Instalação e Operação de Sistemas Informáticos | 49 |
| Tabela 3 | - Matriz curricular do curso Tipo 2 de Serralharia Mecânica | 50 |
| Tabela 4 | - Critérios | 55 |
| Tabela 5 | - Análise do conteúdo das entrevistas realizadas aos alunos de ambos os curso | 74 |
| Tabela 6 | - Aquisição de competências genéricas | 79 |
| Tabela 7 | - Aquisição de competências específicas | 80 |
| Tabela 8 | - Opinião dos monitores sobre a duração do período de estágio | 81 |
| Tabela 9 | - Preparação para o exercício da atividade profissional | 82 |
| Tabela 10 | - Grau de satisfação do monitor de estágio face ao trabalho desenvolvido | 83 |
| Tabela 11 | - Análise do conteúdo das entrevistas realizadas aos alunos de SM após a formação em contexto de trabalho | 84 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | | |
|------------|---|----|
| Gráfico 1 | - Género dos alunos por cursos | 42 |
| Gráfico 2 | - Idades dos alunos de ambos os cursos | 42 |
| Gráfico 3 | - Alunos do curso de IOSI dentro e fora da escolaridade obrigatória | 43 |
| Gráfico 4 | - Alunos do curso de SM dentro e fora da escolaridade obrigatória | 43 |
| Gráfico 5 | - Retenções no percurso escolar dos alunos do curso de IOSI ... | 44 |
| Gráfico 6 | - Retenções no percurso escolar dos alunos do curso de IOSI ... | 45 |
| Gráfico 7 | - Ano de escolaridade de proveniência do ensino regular dos alunos do curso de IOSI | 45 |
| Gráfico 8 | - Ano de escolaridade de proveniência do ensino regular dos alunos do curso de SM | 46 |
| Gráfico 9 | - Profissão dos pais dos alunos de ambos os cursos | 47 |
| Gráfico 10 | - Profissão das mães dos alunos de ambos os cursos | 48 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|-----------|--|----|
| Quadro 1 | - Quadro resumo do desenho da investigação | 61 |
| Quadro 2 | - Frases ilustrativas | 63 |
| Quadro 3 | - Frases ilustrativas | 63 |
| Quadro 4 | - Frases ilustrativas | 64 |
| Quadro 5 | - Frases ilustrativas | 65 |
| Quadro 6 | - Frases ilustrativas | 65 |
| Quadro 7 | - Frases ilustrativas | 66 |
| Quadro 8 | - Frases ilustrativas | 66 |
| Quadro 9 | - Frases ilustrativas | 67 |
| Quadro 10 | - Frases ilustrativas | 68 |
| Quadro 11 | - Frases ilustrativas | 69 |
| Quadro 12 | - Frases ilustrativas | 70 |
| Quadro 13 | - Frases ilustrativas | 71 |
| Quadro 14 | - Frases ilustrativas | 71 |
| Quadro 15 | - Frases ilustrativas | 72 |
| Quadro 16 | - Frases ilustrativas | 73 |
| Quadro 17 | - Frases ilustrativas | 73 |
| Quadro 18 | - Frases ilustrativas | 78 |
| Quadro 19 | - Frases ilustrativas | 81 |
| Quadro 20 | - Frases ilustrativas | 83 |

SIGLAS UTILIZADAS

| | |
|-------------|--|
| AE | - Aplicações de Escritório |
| ANQEP | - Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional |
| CEF | - Cursos de Educação e Formação |
| CMA | - Cidadania e Mundo Atual |
| GBD | - Gestão de Bases de Dados |
| ICORI | - Instalação, Configuração e Operação de Redes e Internet |
| IEFP | - Instituto do Emprego e Formação Profissional |
| IMM | Instalação e Manutenção de Microcomputadores |
| IOSI | - Instalação e Operação de Sistemas Informáticos |
| LBSE | - Lei de Bases do Sistema Educativo |
| ME | - Ministério da Educação |
| MEC | - Ministério da Educação e Ciência |
| MEE | - Ministério da Economia e do Emprego |
| MTSS | - Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social |
| PAF | - Prova de Avaliação Final |
| PALOP | - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa |
| PNAPAE | - Plano Nacional de Prevenção do Abandono Escolar |
| REDE EDUtec | - Rede Nacional de Escolas Públicas de Referência, Identificadas por Projetos Inovadores de Educação-Formação |
| RVCC | - Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências |
| SM | - Serralharia Mecânica |
| TIC | - Tecnologias da Informação e Comunicação |

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Este trabalho, no âmbito das Ciências da Educação, na área de especialização em Avaliação, versa sobre a integração dos alunos nos Cursos de Educação e Formação (CEF) na escola. Ora, sendo a existência destes cursos ainda bastante recente e tratando-se de percursos formativos, na generalidade, frequentados por jovens que provêm do ensino regular e que apresentam histórias de insucesso repetido, pouco motivados para a aprendizagem de conteúdos mais académicos e com maior preponderância para uma área mais técnica/prática, cabe levar a cabo um estudo de avaliação sobre a sua integração; sobre a forma como reagem e atuam, como se relacionam, como interagem, como potenciam conhecimentos, como se realizam e concretizam aspirações, como cumprem metas e desafios.

Reconhecendo a importância que cada vez mais se dá à adoção de currículos que contemplam uma vertente de qualificação profissional e que preparam os alunos para o futuro ingresso no mercado de trabalho, e sendo estas novas ofertas relativamente recentes, o seu estudo é da maior pertinência.

O interesse pela problemática advém do facto de trabalhar desde 2006 com turmas que integram estes novos percursos formativos e de constatar que, dadas as múltiplas características comuns que estes alunos apresentam, designadamente a nível económico, social e cultural, há que fazer uma análise e avaliação da sua prestação, grau de satisfação e adaptação a estes cursos; como é que a escola os “acolhe”, como corresponde aos seus interesses e lhes dá perspectivas de futuro – vão trabalhar mas continuam a estudar numa linha de formação ao longo da vida / não vão trabalhar de imediato e investem na sua formação académica. Do mesmo modo, uma grande inquietação é conhecer como os jovens que adquirem qualificação profissional mobilizam saberes e experiências, potenciam competências em contexto de trabalho, se estão ou não aptos para desenvolver a profissão para a qual foram preparados.

Trabalhos de investigação atuais, como a dissertação de mestrado “*Os Cursos de Educação e Formação: um estudo de caso*”, de Maria Manuela Figueiredo (2009), “*Cursos de Educação e Formação na escolaridade obrigatória: um caso*”, de

António Clemente (2010), “*Os Cursos de Educação e Formação como resposta aos problemas de aprendizagem: perspetivas dos professores*”, de Maria Helena Pereira (2010), ou “*Reconstrução de um lugar social dos alunos dos Cursos de Educação e Formação*”, de Cristina Nóbrega (2010), têm contribuído para reforçar a análise e discussão da problemática destas novas ofertas formativas.

Os estudos sobre esta questão refletem sobre as novas oportunidades de recuperação de escolaridade. A diversificação de percursos formativos surge como uma forma de resolver a literacia, a igualdade e o sucesso escolar. Tendo em consideração que na escola de hoje há uma grande heterogeneidade de alunos, oriundos dos mais variados contextos, com experiências e motivações diversas, é imperativa a oferta de currículos que se ajustem a cada aluno e proporcionem o desenvolvimento das suas capacidades e competências a fim de o tornar um cidadão feliz, promovendo, deste modo, a inclusão e o bem-estar pessoal e social (Clemente, 2010).

Ora, face à pertinência da realidade descrita e à delimitação precisa do nosso objeto de estudo, há questões que se colocam e que passamos a indicar:

- Q1 *Que representações possuem os alunos dos CEF sobre a escola?*
- Q2 *Que grau de motivação e satisfação revelam relativamente às componentes de formação geral e à componente de formação tecnológica?*
- Q3 *De que modo a formação vocacional adquirida influencia/potencia eventuais escolhas de futuro?*
- Q4 *Em que medida a formação adquirida nos CEF está adequada às necessidades do mercado de trabalho?*

De acordo com as questões enunciadas, definimos os seguintes objetivos:

- ⇒ Apreender as representações dos alunos dos CEF sobre a escola.
- ⇒ Compreender como os alunos reagem/atuam em termos de motivação e satisfação, comparativamente, nas componentes de formação geral e na componente de formação tecnológica.

- ⇒ Analisar a importância da formação académica e profissional nas eventuais escolhas de futuro.
- ⇒ Verificar a adequabilidade da formação dos CEF face às necessidades específicas do mercado de trabalho.

A abordagem metodológica assentará no Estudo de Caso, baseado numa investigação empírica, sobre um fenómeno dentro do seu contexto real. Como técnicas de recolha de dados, recorreremos a entrevistas estruturadas e ao inquérito por questionário.

O trabalho que agora apresentamos é constituído por dois capítulos. No primeiro capítulo, debruçamo-nos sobre temáticas que nos permitem constatar fatores de abandono escolar e as medidas implementadas de forma a que os jovens cumpram a escolaridade obrigatória, não descurando uma abordagem sobre a educação em contexto de formação na Europa e em Portugal. Todavia, em particular, é feita uma análise pormenorizada sobre a criação dos Cursos de Educação e Formação: a quem se destinam, como se encontram organizados. Tendo sempre em atenção fulcral o nosso objeto de estudo, procedemos a uma pesquisa sobre a importância da motivação na aprendizagem. Do mesmo modo, não negligenciamos a influência das condições de trabalho no sucesso escolar. No segundo capítulo, apresentamos a metodologia de investigação, a análise e discussão dos resultados, procedemos ao registo de atinentes considerações finais, bem como à colocação de questões pertinentes para estudos futuros.

Deve ainda assinalar-se a importância deste estudo ser replicado noutros contextos e noutras escolas, pois é sem dúvida uma forma de potenciar, de melhorar ou até mesmo de reformular estas ofertas formativas.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Avaliação – Pressupostos e Desafios

Ao iniciarmos o nosso projeto de investigação, deparámo-nos com imensas questões sobre a avaliação, tais como: o que é a avaliação? para quê avaliar?; quando avaliar?; o que avaliar?; como avaliar? quem é avaliado?; quem avalia?.

A avaliação é de facto um conceito muito amplo e abrangente. Não se trata aqui de uma avaliação de aprendizagens, mas de uma avaliação que nos permite monitorizar o sucesso ou não da integração nos CEF dos alunos que provêm do ensino regular, de forma a, num futuro próximo, as escolas poderem reformular ou melhorar a sua oferta educativa, particularmente, proceder se necessário a uma reformulação dos CEF. Trata-se, realmente, da avaliação como potenciadora da qualidade da formação, sendo a qualidade entendida nesta modalidade de ensino como o sucesso da integração dos alunos nos Cursos de Educação e Formação.

Segundo Scriven (1991),

“Evaluation is the process of determining the merit, worth and value of things, and evaluations are the products of that process.” (p.1)

A avaliação no que diz respeito à implementação de programas educacionais não é francamente algo de novo, de acordo com Madaus & Stufflebeam (1988), citados por Stufflebeam & Shinkfield (2007),

“When Ralph Tyler introduced his famous objectives-based approach to evaluation in the 1930s, he provided a valuable service by giving educators a framework for systematically studying and evaluating the effects of educational innovations.” (p.60)

Ora, tal como Stufflebeam & Shinkfield (2007) afirmam,

“If evaluations are conducted well, organizations and their people will have the satisfaction of knowing with confidence which elements are strong and where changes are needed. Evaluation therefore is a positive pursuit.” (p. xxv)

É deveras com este propósito que pretendemos levar a cabo o nosso trabalho de investigação.

Shadish, Cook & Leviton (1995, p. 58) aludem os seguintes passos na prática da avaliação:

- What questions will be asked
- What design will be used
- What activities will be carried out to facilitate use

E de facto, após a delimitação do nosso objeto de estudo, estes passos são contemplados no nosso referencial de avaliação.

A avaliação que nos propomos realizar, baseia-se num estudo empírico, o que está inteiramente de acordo com as tendências das teorias da avaliação, conforme apontam os autores que acabámos de referir: “ (...) evaluation theory needs to be even more thoroughly grounded in empirical research...” (p. 9).

Ainda segundo os mesmos autores:

“Over time, evaluation theories changed and diversified to reflect accumulating practical experience. Exclusive reliance on studying outcomes yielded to inclusive concern with examining the quality of programs impact.” (p.32)

No que concerne ao nosso trabalho de investigação integrado no âmbito da avaliação, adotaremos uma abordagem qualitativa, pois como aludem autores de referência na temática: “Qualitative data, it is asserted, can provide rich insight into human behaviour” (Guba & Lincoln, 1994, p. 106).

Como proceder, então, à avaliação no nosso caso em particular? Tratando-se de um estudo empírico, com participantes muito específicos, delinearam-se estratégias que de um modo objetivo, porém pormenorizado, possibilitarão um estudo que será profusamente abordado no capítulo 2, tendo em consideração

que a avaliação “ (...) has two arms, only one of which is engaged in data-gathering. The other arm collects, clarifies, and verifies relevant values and standards” (Scriven, 1991, p. 5).

2. Fatores de Insucesso e Causas de Abandono Escolar

De acordo com Martins & Parchão,

“O conceito de insucesso escolar, traduz o não atingir de metas (fim dos ciclos) pelos alunos dentro dos limites temporais estabelecidos. Os indicadores que traduzem este fenómeno são, na prática, as taxas de reprovação/retenção, repetência e de abandono escolar. Existe, contudo, um outro tipo de insucesso escolar não facilmente quantificável mas provavelmente mais nefasto: a (des)adequação entre os conteúdos transmitidos na escola, as aspirações dos alunos e a não conjugação destes fatores com as necessidades do sistema social (particularmente do sistema político, cultural e económico) e dos seus subsistemas de emprego/trabalho e tecnológico.” (2000, p. 2)

Segundo Benavente (1990), o insucesso escolar tem um carácter massivo, constante, precoce, seletivo e cumulativo.

A massificação das escolas é um facto evidente nas últimas décadas. Será que a escola dá resposta em termos de opções curriculares e pedagogias que se adequem aos diferentes tipos de alunos, estes com características e interesses diversos?

Outra questão, não de menor importância, é o aumento da escolaridade dos jovens. Frequentando mais alunos a escola, foi-se mantendo o modelo de organização pedagógica, de acordo com a conceção de que a democratização do ensino se concretiza através da igualdade de acesso ao tipo de ensino que antes era apenas para alunos que objetivavam prosseguir estudos, numa vertente mais académica. Sem dúvida que esta lógica acaba por redundar em elevados níveis de reprovação e de insucesso escolar.

Deste modo, é premente ajustar a escola às exigências de uma nova realidade. Estamos, na verdade, perante uma escola de massas, que é heterogénea social e academicamente, de acordo com Formosinho & Machado (2008).

Além disso, devemos ter em consideração que “as dificuldades sentidas perante os novos públicos escolares são o resultado direto de a escola ser «invadida» por problemas sociais novos” (Alves & Canário, 2004, p. 1003). Ainda de acordo com estes autores, atualmente deparamo-nos com novos alunos, estes deixam de ser filhos das classes médias para passarem a ser por vezes “os filhos dos drogados”, “os filhos das famílias desestruturadas”, “os filhos de famílias complexas e também com sintomas de violência maiores em determinadas áreas” ou, mais recentemente, “os filhos do rendimento mínimo garantido”. Sem dúvida que a escola de hoje se confronta com uma população escolar mais difícil, mais difícil no sentido em que está mais diversificada. Alguns jovens apresentam mesmo características comportamentais e de aprendizagem muito problemáticas, correndo o risco de abandono da escolaridade obrigatória por várias razões, como é o caso de problemas familiares, económicos e psicológicos – falta de motivação pessoal, conforme se assinala em Currículos Alternativos no Ensino Básico – Guia Prático.

De acordo com Almeida *et al*, há vários fatores que explicam o sucesso e insucesso escolar,

“A investigação sociológica tem demonstrado que o fracasso escolar não atinge, de igual modo, todas as classes e grupos sociais. As taxas são mais elevadas, e de forma bem diferenciada, junto dos alunos pertencentes aos sectores sociais convencionalmente designados por “classes desfavorecidas.” (2005, p.3630)

Segundo Gomes (1987), atesta-se que nesta categoria social se incluem as crianças e jovens provenientes de famílias operárias, camponesas, de minorias étnicas, que vivem, por vezes, em bairros ou zonas urbanas degradadas, nos subúrbios das grandes cidades ou no isolamento de certos meios rurais. Também segundo o mesmo autor o “fracasso escolar” dos referidos grupos sociais deve-se

a uma inadequada socialização familiar, designadamente a baixas aspirações e expectativas de sucesso na escola.

Ainda, nesta prossecução, Martins & Parchão (2000) corroboram que

“Todos os trabalhos empíricos realizados, em Portugal ou em outros países, apontam a existência de uma correlação positiva entre a origem social dos alunos e o seu (in)sucesso escolar verificando-se que são os grupos étnicos que maiores taxas de insucesso apresentam, seguindo-se por ordem decrescente das taxas de insucesso os filhos dos assalariados agrícolas, operários, agricultores com exploração, empregados dos serviços, patrões, quadros médios e por último os filhos dos quadros superiores e das profissões liberais e especialmente dos professores.” (p. 4)

Benavente (1990) alude que

“O sucesso/insucesso dos alunos é justificado pela sua pertença social, pela maior ou menor bagagem cultural de que dispõem à entrada na escola. O cruzamento entre origem social/resultados escolares revela a existência de mecanismos mais vastos na produção do sucesso/ insucesso, que não pode ser atribuído apenas a causas psicológicas individuais.” (p. 716)

Da mesma forma, Seabra (2009) num estudo sobre *Desigualdades Escolares e Desigualdades Sociais*, constata que

“ (...) a escola, ao ser enformada pela cultura das classes dominantes e ao não reconhecer legitimidade nem valor académico a modelos culturais diferentes do que adota, penaliza os estudantes que são portadores de uma cultura familiar que é dissemelhante da cultura escolar. As dificuldades acrescidas sentidas pelos alunos oriundos das classes sociais mais desfavorecidas e o seu conseqüente insucesso escolar maciço explicam-se por esta rutura cultural sentida ao acederem à escola. O sucesso escolar dos estudantes mais favorecidos socialmente encontra a sua razão de ser nas afinidades culturais sentidas e nas vantagens decorrentes da detenção (e uso) do capital cultural herdado.” (p. 90)

Perrenoud (2000) corrobora esta convicção sobre a interferência do capital cultural, como se pode comprovar:

“Presentes em todas as sociedades, as desigualdades reais de capital cultural apresentam-se, primeiramente, como capacidades desiguais de compreensão e de ação, revelando um poder desigual sobre as coisas, os seres e as ideias. Nem todos os indivíduos que coexistem numa sociedade, tanto as crianças quanto os adultos, enfrentam as situações da vida, sejam elas banais ou extraordinárias, com os mesmos meios intelectuais e culturais.” (p. 18)

Devemos, na verdade, ter em conta que o ambiente socioeconómico que rodeia o aluno, influencia e condiciona, nalguns casos, o seu progresso escolar. É claramente evidente existir uma forte correlação entre o nível económico e o nível cultural do agregado familiar, tendo este último uma enorme relevância para o sucesso escolar.

Neste encaço, Martins & Parchão (2000) afirmam que

“O nível de instrução da família, o tipo de consumo e posse de bens culturais criam aspirações e atitudes diferenciadas perante o saber, com influência sobre o desenvolvimento cognitivo, as escolhas e o sucesso escolar dos seus filhos. Neste sentido, enquanto que as classes com capital cultural médio-alto e alto facultam aos seus filhos orientações "mais corretas" e relacionadas com um futuro onde qualidade e prestígio estão presentes, as classes populares, ao contrário, tendem a inculcar nos seus filhos uma perspectiva de futuro próximo, procurando-se diminuir os custos e adquirir proventos imediatos. Este facto terá influência não só no insucesso escolar, como também na escolha de cursos menos prestigiados e pior remunerados.” (p. 5)

Deste modo, enfatiza-se o facto de que o insucesso escolar também se explica pela presença ou ausência de “capital cultural” nas famílias de onde são provenientes os alunos. Na verdade o sucesso está mais garantido quando na família existem hábitos culturais rentabilizados pela escola. Certamente que os alunos com maior facilidade verbal, com uma cultura geral mais ampla, com

comportamentos facilitadores de aprendizagem poderão obter melhores níveis de desempenho (Araújo, 1987).

Ora, devemos ter em consideração que

“Um dos desafios fundamentais com que atualmente as escolas se deparam, é a tarefa de responder, de forma eficaz, à crescente diversidade de alunos, todos eles com direito a uma escolaridade básica e a um ensino de qualidade.” (Caldeira *et al*, 2004, p. 61)

De acordo com Benavente (1994), ultrapassar as situações de abandono escolar “exigirá uma redefinição dos laços existentes entre os vários intervenientes diretos (professores e jovens) e os intervenientes indiretos (famílias, autarquias, coletividades, empresas), num quadro de políticas educativas propiciadoras de tal redefinição” (p. 132). Ainda, segundo Davies (1993), citado por Clemente (2010), “a descontinuidade entre as escolas e as famílias é o principal obstáculo ao sucesso das crianças em risco” (p. 62).

De salientar, porém, que não deverão ser negligenciadas, de modo algum, as interações, as relações humanas e pedagógicas entre os professores e os alunos.

Em conformidade com Almeida *et al* (2005), a comunicação de expectativas influenciadas pela reação dos professores à origem social e às características socioculturais dos alunos pode contribuir para a interiorização dos estereótipos de “bom” ou “mau” aluno, desenvolvendo-se, a partir daí, imagens internas de “brilhante” ou de “estúpido”, instituindo-se em verdadeiras profecias de níveis diferenciados de rendimento e sucesso escolar. Esta mesma teoria procurou examinar o currículo, chamando a atenção para a exclusão dos saberes e culturas populares e para a ênfase colocada pela escola no saber académico e abstrato. Este tipo de currículo facilitaria a carreira escolar dos alunos que, socialmente, com ele se identificassem (Araújo, 1987).

De acordo com Martins & Parchão (2000),

“As variáveis, nível sócio cultural associado à forma como está organizada a escola, sobretudo os currículos académicos, parecem ser as mais responsáveis pelo insucesso escolar massivo dos alunos provenientes das classes mais desfavorecidas.” (p.5)

Na perspetiva de Roldão (2004), “nós defrontámo-nos até, de certo modo, com um aumento do insucesso, a partir da unificação dos ciclos e da extensão da escolaridade, o que por vezes é usado demagogicamente como um argumento contra a própria escolaridade” (p. 221). Todavia aqui a questão é o que acontece na escola e nas práticas de ensino que se traduz em consideráveis taxas de insucesso.

A escola ao pretender ser lugar de uniformização, introduziu currículos universais, de acordo com um perfil médio de aluno, e privilegiou os saberes clássico, geral e enciclopédico. Ora, currículos iguais obrigam o uso de iguais pedagogias e preveem uniformidade nas exigências, nos resultados, nos comportamentos, na linguagem, no saber, na extensão dos programas, dos tempos de transmissão de conhecimentos e dos períodos de avaliação.

Segundo Formosinho (1987), este tipo de escola privilegia os saberes académicos, e a sua compreensão obriga a uma certa abstração e à capacidade de lidar com hipóteses sem necessidade de verificação empírica. Se os alunos oriundos de classes médias e médias-altas não apresentam dificuldade dado que os códigos linguísticos e as posturas estéticas são consonantes, o mesmo não se passa com os alunos oriundos de classes baixas. Estes factos, associados à incapacidade de descodificação das mensagens por parte destes alunos, condicionam a aprendizagem, acabando estes por não conseguirem progredir e a reprovação não apresenta efeitos pedagógicos, na medida em que o aluno que reprova uma vez tende para que a situação se repita, interiorizando, por vezes, comportamentos específicos e adquirindo estatuto entre os outros alunos.

Figueiredo (2009) advoga que

“As competências cognitivas associadas à modernidade urbana são sobrevalorizadas em detrimento das competências práticas ligadas a outros modelos culturais e ao trabalho manual.” (p. 18)

Também, Roldão (2004) refere que

“A escola atende, serve (ou deveria servir) hoje públicos que são muito “mais diferentes” do ponto de vista cultural, do ponto de vista dos seus percursos sociais, do ponto de vista dos recursos para se relacionarem com o saber escolar e com os saberes curriculares que a escola tem a missão de passar, e que são precisos para o mundo do trabalho e para o mundo social. Porque se não fossem precisos a escola era inútil.” (p. 222)

E é esta necessidade de resposta que a escola tem obrigatoriamente de contemplar nas suas ofertas curriculares.

Ainda, segundo a autora antes referida (Roldão, 2004),

“A escola não é o lugar onde se passa saber inerte, é o lugar onde se opera o *empowering* de pessoas, dos cidadãos todos, para serem capazes de usar, de mobilizar, de gerir inteligentemente, na sua vida e ao longo da vida, o saber, no sentido mais lato do saber – o saber científico, o saber cultural e o saber de muitas naturezas.” (p. 223)

É de facto importante termos bem presente, conforme regista Rosa (2004) que

“ (...) instituir mais tempo de permanência escolar obrigatória não basta. Para se conseguir acelerar o acréscimo de qualificação escolar dos jovens em Portugal, não é só preciso que os jovens estejam mais tempo na escola, é também preciso que esse tempo equivalha a mais tempo em sucesso.” (p. 207)

Na verdade, Portugal, em termos de abandono escolar, apresenta uma das taxas mais elevadas comparativamente aos outros países da União Europeia, encontrando-se atrás de si apenas Malta e a Turquia, segundo dados de 2009 (EU, 2011, p.6), este um “problema social e institucional” (Benavente *et al*, 1994),

e é manifesto que o abandono escolar pode ser entendido como uma dimensão do insucesso escolar. Para colmatar esta lacuna, é necessário diminuir o insucesso escolar, implementando medidas de combate a estas inúmeras “saídas” bem penalizantes em termos pessoais, académicos e profissionais.

3. Medidas para Combater o Insucesso e o Abandono Escolar

A Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), Lei 46/86, de 14 de outubro, representa um marco importante para a educação e formação profissional em Portugal. De acordo com o artigo 16º, integra-se a formação profissional como uma modalidade especial de educação escolar. Segundo o artigo 19º, a formação profissional, para além de complementar a preparação para a vida ativa iniciada no ensino básico, visa uma integração dinâmica no mundo do trabalho pela aquisição de conhecimentos e de competências profissionais. Têm acesso à formação profissional os que tenham concluído a escolaridade obrigatória, os que não concluíram a escolaridade obrigatória até ao limite de idade estipulado e os trabalhadores que pretendam aperfeiçoamento ou a reconversão profissionais. A organização dos cursos de formação profissional deve adequar-se às necessidades de emprego, podendo integrar módulos de duração variável e combináveis entre si, com vista à obtenção de níveis profissionais sucessivamente mais elevados. O funcionamento destes cursos pode ser realizado em escolas do ensino básico e secundário, através de protocolos com empresas e autarquias, como apoio a instituições e iniciativas estatais e não estatais, através da dinamização de ações comunitárias e de serviços à comunidade e pela criação de instituições específicas. A conclusão de um módulo ou curso de formação profissional confere o direito à atribuição da correspondente certificação, sendo estabelecidos processos que favoreçam a progressão no sistema de educação escolar.

Mas é sobretudo a partir do Tratado da União Europeia ou de Maastricht (1992) que a Comunidade Europeia se começa a preocupar com uma educação geral e formação profissional marcadas pela qualidade, cooperação e por uma dimensão europeia.

Tem sido, na verdade, uma inquietação constante conduzir à educação e formação para a vida, sempre com o objetivo de potenciar o emprego, conforme podemos verificar através da *Estratégia de Lisboa - Conclusões da Presidência do Conselho Europeu de Lisboa, de 23-24 de março de 2000*:

“Os sistemas educativos e de formação europeus necessitam de ser adaptados não só às exigências da sociedade do conhecimento mas também à necessidade de um maior nível e qualidade de emprego. Terão de oferecer oportunidades de aprendizagem e de formação concebidas para grupos-alvo em diferentes fases das suas vidas: jovens, adultos desempregados e pessoas empregadas que correm o risco de ver as suas competências ultrapassadas pela rapidez da mudança.”
(Comissão Europeia, 2000, p. 10).

Ainda, neste encaço, em 2002 foram traçados três objetivos estratégicos para 2010 (Comissão Europeia, 2002, p.12):

- Melhorar a qualidade e a eficácia dos sistemas de educação e de formação na UE, à luz dos novos requisitos da sociedade do conhecimento e das mudanças registadas no ensino e na aprendizagem
- Facilitar o acesso de todos aos sistemas de educação e de formação, à luz do princípio orientador da aprendizagem ao longo da vida, do fomento da empregabilidade e do desenvolvimento das carreiras, assim como da cidadania ativa, igualdade de oportunidade e coesão social
- Abrir ao mundo exterior os sistemas de educação e de formação, à luz da necessidade fundamental de fomentar a pertinência relativamente ao trabalho e à sociedade e fazer face aos desafios resultantes da globalização

Tem de facto existido uma enorme preocupação em combater o abandono escolar, implementando-se diversas medidas, conforme se pode verificar através de uma consulta aturada do Plano Nacional de Prevenção do Abandono Escolar (PNAPAE), de março de 2004, anunciado pelo Primeiro-Ministro em 6 de abril de 2004 e apresentado pelos Ministros da Educação e da Segurança Social e do Trabalho em 7 de abril de 2004.

O Plano Nacional de Prevenção do Abandono Escolar é apresentado como um esforço coletivo para prevenir o abandono escolar, em sentido alargado, isto é, prevenir a saída da escola e do sistema de formação profissional ou dos sistemas de educação e de formação, por um jovem com menos de 25 anos, sem conclusão de estudos ou sem obtenção de qualificação de nível secundário ou equivalente.

O grande objetivo do PNAPAE é reduzir drasticamente as taxas de abandono escolar e de saída precoce. Para o efeito, observem-se as quatro recomendações registadas:

- Integrar na escola; apoiar o desenvolvimento e promover o sucesso;
- Atribuir um sentido de utilidade e de vocação à escola;
- Valorizar socialmente a escola e a escolaridade de doze anos – uma escola e uma escolaridade úteis, integradoras e com sentido vocacional, capazes de criarem uma cultura de Aprendizagem ao Longo da Vida;
- Apoiar uma política de articulação interministerial alargada e de envolvimento da sociedade para a prevenção do abandono escolar, acentuando as vertentes social e da juventude.

Para atribuir um sentido de utilidade e de vocação à escola, designam-se:

- Articulação entre o Ministério da Educação e o Ministério da Segurança Social e do Trabalho;
- Rede EDUTEC (rede nacional de escolas públicas de referência, identificadas por projetos inovadores de educação-formação);
- Mais Ensino Profissional e mais Ensino Tecnológico;
- Mais oferta de cursos profissionalmente qualificantes de nível II;
- Centros RVCC (Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências – com equivalência ao 12º ano);
- Certificação de Competências com Equivalência ao Ensino Secundário;
- Retorno à educação-formação de jovens com habilitações correspondentes a anos incompletos de final de ciclo de estudos;
- Informação profissional;
- Orientação profissional;

- Visitas de estudo a empresas, estágios de observação dos contextos de trabalho e sensibilização para o empreendedorismo.

É notório que para atingir o objetivo anteriormente enunciado há uma clara aposta no ensino e na educação profissional.

Ora, tendo como indicadores de abandono escolar, segundo o PNAPAE, que Portugal mantém valores elevados face à média da União Europeia, que a retenção precede o abandono escolar, que as taxas de abandono escolar se acentuam a partir dos 13 anos de idade, sendo designadamente o 7º ano um dos anos de escolaridade que constitui um dos pontos críticos da retenção escolar, e que muitos destes jovens são atraídos por uma atividade para a qual não são exigidos níveis de qualificação, pretende-se atribuir à escola uma dimensão vocacional mais forte. Desta forma, recomenda o PNAPAE, entre outras propostas, como já atrás registado, mais oferta de cursos profissionalmente qualificantes de nível II, permitindo, assim, diversificar a oferta educativo-formativa, para além da regularmente apresentada pela escola, e incluindo esta os Cursos de Educação e Formação. É, de facto, neste encaço que os Ministros da Educação e da Segurança Social e do Trabalho assinam o despacho conjunto que cria e regulamenta os Cursos de Educação e Formação profissionalmente qualificantes (Despacho Conjunto nº 453/2004, de 27 de julho).

Assinale-se, porém, que com a portaria nº 1272/95 já houvera uma primeira tentativa de criação de Cursos de Educação e Formação para jovens, que se vai consolidar posteriormente, no âmbito do programa para a integração dos jovens na vida ativa, com a publicação dos despachos conjuntos nº 279/2002 e 453/2004, com as alterações introduzidas pela retificação nº 1673/2004.

Deve salientar-se que, conforme já referido, estudos anteriores se debruçam sobre esta problemática, designadamente acerca do contributo dos Cursos de Educação e Formação para a diminuição do insucesso escolar e sobre esta oferta curricular como alternativa ao ensino regular (Figueiredo, 2009). Clemente (2010) reflete sobre os CEF como uma forma de cumprir a escolaridade obrigatória, diminuir as taxas de abandono escolar e permitir o ingresso imediato no mercado

de trabalho. Por sua vez, Pereira (2010) objetiva conhecer e analisar as perspectivas dos professores sobre estes recentes percursos formativos, integrando o seu estudo docentes que lecionam estes cursos, de forma a perceber como os CEF são uma solução para os problemas de aprendizagem. Ainda, Nóbrega (2010) reflete sobre as relações de poder e as desigualdades sociais e escolares, inquietando-se com a reconstrução do lugar social dos alunos que frequentam os CEF e a sua participação na construção do coletivo.

No parecer Nº 1/91, emitido no âmbito do Conselho Nacional de Educação de 1991, Meireles-Coelho atesta que “é mais importante garantir melhores condições de preparação para acesso à vida ativa do que ir durante muitos anos à escola”.

Mais recentemente, através do Decreto-Lei nº 176/2012, estabelecem-se medidas para prevenir o insucesso e o abandono escolares, dando-se especial preponderância ao encaminhamento para um percurso profissional e à adoção de percursos curriculares que se ajustem ao perfil dos alunos. No artigo 4º, do mesmo Decreto-Lei, está mesmo previsto o “incentivo tanto ao aluno como ao seu encarregado de educação, à frequência de escola cujo projeto educativo melhor responda ao percurso e às motivações de aprendizagem do aluno”.

4. A Educação em Contexto de Formação

A educação escolar/vocacional tem sido uma preocupação de diferentes países, sempre como um meio de impedir uma formação escolar e profissionais insuficientes, pelo que faremos, de seguida, uma alusão à problemática a nível nacional e internacional.

4.1. Na Europa

O problema do abandono escolar é algo de difícil resolução a nível europeu, como se pode comprovar pelo recente relatório da União Europeia sobre a educação, de 19 de abril de 2011:

“(…) insufficient progress was made on reducing the school drop-out, increasing the number of pupils completing upper secondary education, improving reading literacy skills”. (p. 1)

Ainda neste âmbito, a Comissária para a Educação, Cultura, Multilinguismo e Juventude, Vassiliou, afirma que

“(…) early school leaving continues to be a problem that affects one in seven young people in the European Union and one in five pupils still have poor reading skills at the age of 15. That is why education and training are among the core objectives of Europe 2020.” (EU, 2011, p.1).

Para resolver este problema, a Europa tem investido em currículos que contemplam duas vertentes: a vertente dos conhecimentos e a vertente de formação, de forma a traçar um percurso que desenvolva a literacia e, simultaneamente, permita a qualificação profissional, abrindo caminhos para o ingresso imediato no mercado de trabalho.

De acordo com estudos sobre sistemas e políticas educativas, divulgados pela *Eurydice - Vocational Guidance Education in Full-Time Compulsory Education in Europe* (2009), verifica-se que os objetivos nacionais em diferentes países da Europa são em grande parte semelhantes aos portugueses.

Na Alemanha, apenas a título de exemplo, sobre o qual nos iremos debruçar nos parágrafos seguintes, o ensino é obrigatório até aos 15 anos de idade. Após quatro a seis anos de ensino primário, segue-se o ensino secundário. Os jovens que abandonam a escola sem terminarem a escolaridade obrigatória têm de frequentar um ano de preparação vocacional a tempo integral ou três anos de educação vocacional a tempo parcial, até aos 18 anos.

Em 1971 e de novo em 2004, a Agência Federal de Emprego e a Conferência Permanente dos Ministros da Educação aprovam um acordo estrutural que permite aos jovens uma orientação académico-profissional, para lhes facilitar a transição satisfatória do ensino regular para a formação profissional, o ensino superior ou para o ingresso no mercado de trabalho.

Em 2005, o Governo Federal e as associações empresariais subscrevem um pacto com vista à criação de centros de formação profissional para todos os alunos que abandonam a escola, que podem e querem receber este tipo de formação, melhorando desta forma as suas qualificações e facilitando o início da sua carreira.

É importante salientar que a frequência destes cursos de formação é, por vezes, também aconselhável a filhos de imigrantes, uma vez que, dada a primazia da sua vertente técnica, lhes é facultada quer a aquisição de conhecimentos quer a sua integração a nível laboral.

Após terminarem a formação em sala de aula, fazem um estágio sob protocolos estabelecidos com empresas, organismos públicos e centros educativos.

Para além da formação académica e profissional, estes alunos deslocam-se frequentemente a feiras, conversam com profissionais e criam empresas fictícias.

Realce-se a ênfase que é dada à componente obrigatória sobre o mundo profissional e de trabalho, nas diferentes áreas, com uma carga horária semanal de duas horas. Realmente o objetivo primordial de todo este percurso é descobrir a verdadeira vocação dos formandos, a orientação profissional é deveras o cerne da questão.

De salientar que a educação destes jovens assenta em regime de assessorias, por parte das agências de emprego, o que os ajuda a determinarem escolhas futuras. Assinale-se, ainda, que intervêm sempre que há o risco eminente de abandono escolar.

Outro aspeto a destacar é a importância dada ao envolvimento dos pais na vida escolar dos seus educandos. São convidados para jornadas informativas, para participar em eventos e acompanhar os filhos em visitas de estudo.

4.2. Em Portugal

Em conformidade com a Lei nº 85/2009, de 27 de agosto, que estabelece o regime de escolaridade obrigatória, as crianças e jovens com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos encontram-se em idade escolar. Para os alunos que se matriculem no ano letivo de 2009/2010 no 8º ano de escolaridade e seguintes o limite de escolaridade continua a ser os 15 anos de idade, mantendo-se o regime previsto no Decreto-Lei n.º 301/93, de 31 de agosto, designadamente que a obrigatoriedade de matrícula e frequência cessa apenas quando os alunos obtêm o diploma do ensino básico ou, independentemente do diploma, no final do ano letivo em que perfazem 15 anos de idade.

Ainda, o Decreto-Lei nº 176/2012, de 2 de agosto, para além de regular o regime de matrícula e de frequência no âmbito da escolaridade obrigatória, dentro dos limites de idade estabelecidos pela Lei anteriormente mencionada, preconiza medidas que devem ser adotadas no domínio dos percursos escolares dos alunos para prevenir o insucesso e abandono escolares. Prevê este diploma a adoção, quando indicado, de percursos curriculares alternativos e programas integrados de educação e formação, adaptados ao perfil e especificidades dos alunos, bem como o encaminhamento para um percurso vocacional, sempre que aconselhável.

Assim, também em Portugal, de forma a promover o sucesso escolar e a prevenir o abandono, os Ministérios da Educação e Ciência e o Ministério da Economia e do Emprego corroboram numa orientação/formação académico-profissional. Dentro da sua vocação profissional, os jovens têm a possibilidade de aceder a um curso com dupla certificação escolar e profissional.

De modo algum é negligenciado o prosseguimento de estudos ou sempre que possível e indicado o ingresso no mercado de trabalho.

Ainda, no que concerne à efetivação de estágios, a realizar na fase final dos diferentes cursos, celebram-se protocolos com empresas ou outros organismos, que permitam uma formação prática adequada.

Do mesmo modo, é dada especial ênfase a uma proximidade com o mundo empresarial durante todo o percurso formativo, quer através dos referenciais, quer de um contacto direto ou de visitas a feiras ou outras iniciativas.

De acordo com Carvalho, citado por Clemente (2010),

“ (...) o próprio currículo não se deve confinar a experiências na sala de aula; deve também contemplar as atividades extra-aulas, nomeadamente as que envolvam (...) visitas de estudo e todos os tipos de ligação à comunidade.” (p. 33)

5. A Motivação na Aprendizagem

Uma das maiores motivações na escolha de um curso vocacional é o facto de o aluno poder escolher uma área para a qual sente vocação, para além de que poderá fazer uso da mesma no futuro, como se comprova num estudo publicado sobre Vocational education – research of students’ satisfaction (RCG Consulting, 2011):

“According to the qualitative research, among motivation factors of receiving vocational education - practical value such as acquiring knowledge and skills which “can always be used” holds the most important place.” (p. 5)

Ainda no mesmo estudo se atesta que “The motivation of receiving vocational education is significantly increased by the fact that it needs less time and finances to receive vocational education” (RCG Consulting, 2011, p. 6).

O tempo despendido nunca é em vão, aprende-se sempre uma profissão que poderá ser útil posteriormente. Se um diploma escolar por vezes não abre portas para um emprego, uma qualificação profissional é indiscutivelmente uma mais-valia.

No entanto, segundo Weller (2005), o aluno deve ter satisfação em aprender, reconhecendo a importância dos objetivos a atingir.

De acordo com Renchler (1992), se os responsáveis pela Educação querem alunos motivados, devem criar escolas onde os alunos descubram que a aprendizagem é uma atividade emocionante e gratificante. Devemos, contudo, considerar que não é tarefa fácil motivar todos de igual forma, como afirma Mart (2011): “In a learning environment developing motivation is a difficult task for the teacher considering that every student learns differently and every student is diverse in their own way” (p.1).

Fernandes (2008) afirma que “a motivação e a autoestima têm uma influência muito forte nas aprendizagens” (p. 143).

Um aluno que não acredita ter potencialidades, que à partida se considera um aluno de insucesso, não consegue progredir na aprendizagem, de acordo com Boekaerts (2002): “Unfavourable beliefs impede the learning process because they direct the learners’ attention away from the learning activity itself, focusing it instead on their low ability” (p. 11).

Sem dúvida que para o aluno conseguir sucesso no espaço de aprendizagem é necessário que se sinta bem, capaz, com predisposição para tal, compreenda o que aprende e para quê. Disso nos dá conta Boekaerts (2010):

“Students are more motivated to engage in learning when: they feel competent to do what is expected of them and perceive stable links between actions and achievements; they value the subject and have a clear sense of purpose; they experience positive emotions towards learning activities and, contrariwise, turn away from learning when they experience negative emotions; and when they perceive the environment as favourable for learning.” (p. 91)

De facto, para progredir favoravelmente na aprendizagem, o aluno tem de gostar das tarefas desenvolvidas, tem de compreender o que é ensinado e para quê. Do mesmo modo é importante que os temas em abordagem sejam do seu interesse e que o ambiente de aprendizagem seja propício.

No âmbito de um ambiente agradável e acolhedor, não devemos descurar a relevância das interações com os pares para garantir a segurança emocional dos jovens. De acordo com Cabral (2010), “a qualidade e a quantidade destas interações proporcionam o desenvolvimento das competências afetivas e sociais, além das intelectuais e cognitivas, ao mesmo tempo que favorecem a aquisição de normas e de valores sociais” (p. 45).

De assinalar ser fundamental que o professor, como alguém que tem a responsabilidade de motivar os alunos para aprenderem, compreenda como motivá-los, quais são os seus interesses, as suas necessidades, os seus conhecimentos, as suas capacidades e competências.

Como constata Fernandes (2004), “parece haver uma grande variedade nas formas e ritmos com que as pessoas aprendem, nas capacidades de atenção e de memória que podem utilizar nos seus diferentes desempenhos (...)” (p. 7).

Particularmente, relativamente aos alunos que frequentam os CEF, é importante que inicialmente sintam algum sucesso e não se achem perdidos perante uma linguagem ou conteúdos que nada lhes dizem. É fundamental que o aluno compreenda que se se esforçar com algum empenho, será capaz de progredir. No que se ensina também é aconselhável manter uma relação com o quotidiano que experienciam.

Segundo Brewer (1997), citado por (Mart, 2011), é essencial que os alunos sintam os professores interessados e entusiasmados com a sua aprendizagem, afirmando que eles não atenderão ao que ao professor transmite se não souberem que o professor se preocupa com eles.

6. A Importância das Condições de Trabalho da Escola na Aprendizagem

Relativamente à importância das condições de trabalho da escola no sucesso escolar dos alunos, há efetivamente vários estudos sobre a problemática e todos confluem para a mesma verificação: o ambiente da escola, nomeadamente a nível das condições físicas influencia a aprendizagem e o bem-estar dos alunos.

Schneider (2002) citado por Durán-Narucki (2011), no seu estudo sobre o impacto das instalações escolares nos resultados académicos, concluiu que “school facilities affect learning. Spatial configurations, noise, heat, cold, light, and air quality obviously bear on teachers’ and students’ abilities to perform” (p. 114).

A pesquisa empírica tem demonstrado que aspetos específicos do ambiente físico da escola influenciam o desempenho dos seus utilizadores.

Em conformidade com Durán-Narucki (2011), é evidente “the close relationship between school buildings and school users and how school outcomes can be a product of this relationship” (p. 115).

Ainda, de acordo com a mesma autora,

“The role of school facilities is relevant to educational psychologists because the daily transactions between school users and their building affect education and learning in specific ways. The consequences of these transactions may benefit school outcomes (grades, attendance, drop-out rates, etc.) in a positive or negative way (...).” (p. 116)

Honigsfeld (2010) também demonstra que há uma relação incontestável entre a qualidade das instalações escolares e a prestação dos alunos, quer a nível dos conhecimentos quer das atitudes. Reforça ainda que alguns dos aspetos específicos que revelam influir no desempenho dos alunos são a temperatura das salas, a iluminação, a acústica e a idade do edifício.

Conforme tem sido evidenciado há uma forte correlação entre as instalações escolares e o comportamento e desempenho dos alunos. De um modo geral, os alunos que frequentam escolas com melhores instalações têm melhores resultados do que aqueles que frequentam escolas com fracas condições (Young *et al*, 2003).

Segundo Afonso *et al* (2005), citado por Cabral (2010),

“Sempre que consideramos a cidadania e a adolescência, devemos necessariamente atender à importância que o espaço escolar assume quanto a propiciar aos estudantes aprendizagens múltiplas de conhecimentos e competências (...).” (p. 45)

Existe, sem dúvida, uma estreita ligação entre o ambiente físico da aprendizagem e a aprendizagem.

7. Os Cursos de Educação e Formação

Os Cursos de Educação e Formação surgem na tomada de medidas que visam a promoção do sucesso escolar, bem como a prevenção dos diferentes tipos de abandono escolar, designadamente o desqualificado. Assim, os Ministérios da Educação e da Segurança Social e do Trabalho lançam, articuladamente, iniciativas nas áreas da orientação escolar e profissional e da inserção profissional, bem como no domínio das medidas de educação e formação, como via privilegiada para a vida ativa. Cria-se, então, através do despacho conjunto nº 453/2004, uma oferta formativa com identidade própria, constituindo esta uma modalidade de formação e qualificação diversificada, flexível e perspectivada como complementar face a modalidades existentes, estruturada em patamares de entrada e de saída.

Cada curso corresponde a uma etapa de educação/formação (desde o Tipo 1 ao Tipo 7), cujo acesso está relacionado com o nível de habilitação escolar e profissional que o aluno já possui. No final de cada etapa, é atribuída ao aluno uma certificação escolar e profissional.

Os CEF, relativamente à formação desenvolvida na rede de escolas e noutras entidades sob a tutela do ME, entraram em vigor no ano letivo de 2004/2005 e desenvolveram-se em escolas do ensino público, escolas do ensino particular e/ou cooperativo, centros de gestão direta e participada do IEFP e outras entidades formadoras sob a tutela do MTSS e do ME.

Atualmente, os CEF são da responsabilidade conjunta do Ministério da Educação e Ciência (MEC) e do Ministério da Economia e do Emprego (MEE).

7.1. Destinatários dos Cursos de Educação e Formação

Os Cursos de Educação e Formação (CEF) destinam-se a jovens com idade igual ou superior a 15 anos (com idade inferior mediante autorização do diretor regional de educação competente), em risco de abandono escolar ou que já abandonaram a escola sem ter concluído a escolaridade de 12 anos, bem como àqueles que tendo concluído os 12 anos de escolaridade, pretendam aceder a uma qualificação profissional que melhor corresponda aos seus interesses e expectativas.

Neste contexto, na realidade, os CEF destinam-se a alunos com habilitações escolares inferiores ao 2º e 3º ciclos ou ensino secundário ou o ensino secundário já concluído, contemplando aqueles que apresentam ausência de certificação profissional ou interesse na obtenção de uma certificação profissional de nível superior à que já possuem. Assinale-se, todavia, que segundo Clemente (2010),

“Os horizontes destes alunos em relação a um futuro próximo são bastante limitados, para eles a escola representa o local onde convivem com os colegas e não a via para o sucesso escolar, educativo e profissional. Assim sendo, muitas vezes, os alunos são matriculados nos diversos cursos não porque a sua vocação é de facto a especificidade dos mesmos, mas simplesmente para servirem de alternativa ao ensino regular. Isto pode transportar uma dupla contrariedade que se materializará na falta de motivação dos alunos.” (p. 41)

Os jovens que concluem um Curso de Educação e Formação com idade inferior à legalmente permitida para ingresso no mercado de trabalho e que não tenham concluído a escolaridade obrigatória, devem prosseguir estudos de acordo com as ofertas existentes nos sistemas nacionais de educação ou de formação.

Não raramente, os alunos que iniciam estes percursos formativos provêm do ensino regular e revelam baixos resultados escolares.

Ora, apresentando já, quase na generalidade, mais do que uma reprovação e um quadro de insucesso por desinteresse pelas atividades académicas, preferem metodologias de aprendizagem mais práticas.

Não está estipulado um limite de idade de frequência, no entanto deve privilegiar-se uma certa homogeneidade relativamente aos níveis etários e de escolaridade dos alunos.

Os psicólogos ou profissionais de orientação colaboram na identificação dos alunos a integrar os cursos de educação e formação, na preparação e dinamização de atividades de orientação vocacional e no acompanhamento psicopedagógico sempre que aconselhável e pertinente.

7.2. Funcionamento dos Cursos de Educação e Formação

Os cursos podem funcionar em estabelecimentos de ensino sob a tutela do MEC ou em Centros de Formação Profissional do Instituto de Emprego e Formação Profissional e noutras entidades formadoras acreditadas.

7.3. Organização dos Cursos de Educação e Formação

A turma de um CEF é constituída por um mínimo de 15 alunos e um máximo de 20 (Despacho nº 12568/2010, de 4 de Agosto).

Os Cursos de Educação e Formação apresentam oito tipos de percursos formativos¹, conferindo certificação escolar e integrando também a vertente profissionalizante, conforme se indicam na tabela 1.

¹ A população alvo do nosso objeto de estudo integra um percurso de formação de Tipo 2.

Tabela 1- Tipologia dos percursos de formação

| Percurso de Formação CEF | Habilitações de Acesso | Duração Mínima (Horas) | Certificação Escolar e Profissional |
|--------------------------------|---|---|--|
| Tipo 1 (*) | Inferiores ao 6º ano de escolaridade, com duas ou mais retenções | 1125 (percurso com a duração até dois anos) | 2º ciclo do ensino básico e certificação profissional Nível 1 de qualificação do Q.N.Q. |
| Tipo 2 (*) | Com o 6º ano de escolaridade, 7º ano ou frequência do 8º ano | 2109 (percurso com a duração de dois anos) | 3º ciclo do ensino básico e certificação profissional Nível 2 de qualificação do Q.N.Q. |
| Tipo 3 (*) | Como 8º ano de escolaridade ou frequência, sem aprovação, do 9º ano de escolaridade | 1200 (percurso com a duração de um ano) | 3º ciclo do ensino básico e certificação profissional Nível 2 de qualificação do Q.N.Q. |
| Tipo 4 | Com o 9º ano de escolaridade, ou frequência do nível secundário com uma ou mais repetências, sem o concluir | 1230 (percurso com a duração de um ano) | Certificação profissional Nível 2 de qualificação do Q.N.Q. |
| Curso de Formação Complementar | Titulares de um curso de tipo 2 ou 3 ou de curso de qualificação inicial de nível 2 que pretendam prosseguir a sua formação | 1020 (percurso com a duração de um ano) | Certificado de competências escolares de acesso ao Tipo 5 |
| Tipo 5 | Com o 10º ano de um curso do ensino secundário ou equivalente, ou frequência do 11º ano, sem aproveitamento ou titular de percurso tipo 4, ou 10º ano profissionalizante, ou curso de qualificação inicial de nível 2 com formação complementar | 2276 (percurso com a duração de dois anos) | Ensino secundário e certificação profissional Nível 4 de qualificação do Q.N.Q. |
| Tipo 6 | Com o 11º ano de um curso do ensino secundário ou equivalente ou frequência do 12º ano sem aproveitamento | 1380 (percurso com a duração de um ano) | Ensino secundário e certificação profissional Nível 4 de qualificação do Q.N.Q. |
| Tipo 7 | Com o 12º ano de um curso científico-humanístico ou equivalente do nível secundário de educação que pertença à mesma ou a área de formação afim | 1155 (percurso com a duração de um ano) | Certificação profissional Nível 4 de qualificação do Q.N.Q. |

(*) Têm também acesso os jovens com idade inferior a 15 anos, mediante autorização do diretor regional de educação competente.

Os Cursos de Educação e Formação, privilegiando uma estrutura curricular acentuadamente profissionalizante, compreendem quatro componentes de formação: sociocultural, científica, tecnológica e prática. Ressalve-se que as disciplinas das componentes de formação sociocultural e científica, no caso específico da Matemática Aplicada, são comuns aos diferentes cursos, enquanto as disciplinas/domínios de suporte da componente tecnológica se adequam e ajustam às diferentes áreas específicas de formação. Em situações devidamente justificadas, sempre que seja exigida elevada especialização no âmbito da atividade profissional para que o curso prepara, pode recorrer-se a profissionais externos qualificados.

É, claramente, à componente tecnológica que se atribui uma maior carga horária, pois é nesta área profissionalizante que os alunos se preparam para a realização da Prova de Avaliação Final (PAF), que contempla o desempenho profissional, e para a consecução com sucesso do estágio (componente prática). Na generalidade, o estágio, desenvolvido em contexto de trabalho, é realizado durante um período de seis semanas, em empresas ou outros organismos.

Conforme Pereira (2010) advoga,

“A componente técnica e profissional do currículo e a ligação da escola ao mundo do trabalho, através dos estágios nas empresas, podem ser elementos positivos para os alunos que têm dificuldade em adaptar-se a um ensino mais académico.”
(p. 41)

A organização da formação prática compete à entidade formadora, responsável pelo curso, que deve manter-se em estreita articulação com a entidade enquadradora, isto é, com a respetiva empresa ou organismo. O acompanhamento técnico-pedagógico, bem como a avaliação do formando durante esta fase de estágio serão assegurados pelo acompanhante de estágio (professor acompanhante) nomeado de entre os professores da componente tecnológica, em articulação com o monitor da entidade enquadradora. Também, em termos de avaliação, é a componente tecnológica que apresenta uma maior ponderação, conforme analisaremos pormenorizadamente adiante.

De acordo com o estudo levado a cabo por Clemente (2010),

“Dentro da estrutura curricular destes cursos, as componentes tecnológica e prática apresentam-se como uma novidade e as que mais vão de encontro aos objetivos e às finalidades destes cursos. Se os CEF se propõem qualificar profissionalmente jovens para o mercado de trabalho, então estas componentes revestem-se de importância fundamental, no entanto, verifica-se que nas várias componentes, sobretudo nas sociocultural e científica, os programas são demasiado instrutivos. Assim, torna-se, muitas vezes, necessário reajustar o programa das várias disciplinas contemplando outros temas previamente selecionados de acordo com a especificidade dos cursos, os conteúdos a lecionar podem não ser, apenas, os que constam do currículo nacional.” (p. 32)

Do mesmo modo, Pereira (2010) atesta que os alunos gostam mais das disciplinas da área técnica do que das disciplinas teóricas, referindo que trabalham com mais empenho naquelas, o que permite uma maior consolidação das aprendizagens a esse nível. Tal facto explica uma maior motivação para este tipo de cursos. Ainda, salienta no seu estudo que os alunos dos CEF que integraram a formação prática, em contexto de trabalho, registaram bons resultados.

Com exceção do período de formação prática, cujo horário deve corresponder àquele em vigor para a respetiva atividade laboral, a duração semanal de referência varia entre as trinta e as trinta e quatro horas em estabelecimentos de ensino sob a tutela do MEC.

A conceção de percursos, o desenvolvimento curricular, as metodologias e materiais específicos são da atribuição da Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional, I.P. (ANQEP, I.P.), sendo esta um instituto público integrado na administração indireta do Estado, sob a tutela dos Ministérios da Economia e do Emprego e da Educação e Ciência, em articulação com o Ministério da Solidariedade Social, com autonomia administrativa, financeira e pedagógica. Trata-se, pois, de uma entidade que coordena a execução das políticas de educação e formação profissional e assegura o desenvolvimento e a

gestão do sistema de reconhecimento, validação e certificação de competências, em estreita colaboração com as demais entidades que integram o Sistema Nacional de Qualificações.

Em Conformidade com Clemente (2010),

“Procura-se que os sistemas de educação e formação assegurem um quadro de competências e atitudes que permitam aos jovens inserir-se na vida ativa e favoreçam, no futuro, a adaptação e a mobilidade necessárias às constantes mudanças tecnológicas e sociais, abrangendo simultaneamente as vertentes do aprender a conhecer, do aprender a fazer, aprender a viver com os outros, do aprender a empreender, aprender a viver com o ambiente e aprender a ser.” (p. 36)

7.4. Assiduidade

A assiduidade, para conclusão da formação em contexto escolar, não deve ser inferior a 90% da carga horária total de cada disciplina ou domínio. Para conclusão da componente de formação prática, não deve ser inferior a 95% da carga horária do estágio.

7.5. A Avaliação das Aprendizagens nos CEF

A avaliação é contínua e reguladora do processo de ensino-aprendizagem.

As reuniões de avaliação, bem como os respetivos registos, ocorrem nos períodos de avaliação estabelecidos para o ensino básico e secundário.

A avaliação realiza-se por disciplina ou domínio e por componente de formação. Nos cursos de tipo 1, 2 e 3 expressa-se numa escala de 1 a 5 e nos cursos de tipo 4, 5, 6, 7 e curso de formação complementar expressa-se numa escala de 0 a 20 valores.

Nos cursos de tipo 1 e tipo 2 não há lugar a retenção no caso de um percurso de dois anos. Nos cursos de tipo 5, a progressão do aluno depende da obtenção, na avaliação sumativa interna do 1º ano, de classificação igual ou superior a 10 valores em todas as disciplinas, ou em todas menos uma ou duas disciplinas.

A Prova de Avaliação Final (PAF) ocorre na fase final do curso, isto é, após a realização do estágio, e consiste na realização, perante um júri, de um ou mais trabalhos práticos, a fim de o aluno revelar o seu desempenho profissional de acordo com as competências adquiridas nas componentes de formação tecnológica e prática.

Para conclusão de um curso tipo 1, 2 e 3, os alunos terão de obter uma classificação final igual ou superior a nível 3 em todas as componentes de formação e na PAF, da mesma forma para conclusão de um curso tipo 4, 5, 6, e 7 e curso de formação complementar, os alunos terão de obter uma classificação final igual ou superior a 10 valores em todas as disciplinas e ou domínios e ou módulos, nomeadamente no estágio, e na PAF.

O aluno que não obtiver aproveitamento na componente de formação tecnológica não frequentará o estágio nem realizará a PAF.

A classificação final da componente de formação prática resulta das classificações do estágio e da PAF, com a ponderação de 70% e 30% respetivamente.

A classificação final do curso obtém-se, para todos os cursos, com exceção do tipo 7, pela média ponderada das classificações obtidas em cada componente de formação, de acordo com a seguinte fórmula:

$$CF = \frac{FSC + FC + 2FT + FP}{5}$$

sendo:

CF= classificação final;

FSC= classificação final da componente de formação sociocultural;

FC= classificação final da componente de formação científica;

FT= classificação final da componente de formação tecnológica;

FP= classificação da componente de formação prática.

7.6. Certificação

Os alunos que concluem com aproveitamento os Cursos de Educação e Formação adquirem a certificação de qualificação profissional de nível 1, 2 ou 4 e a conclusão do 6º, 9º ou 12º ano de escolaridade, respetivamente.

Aos alunos que frequentarem um curso de tipo 1, 2 ou 3 e obtiverem nas componentes de formação sociocultural e científica uma classificação final igual ou superior a nível 3, poderá ser emitido um certificado escolar de conclusão de ciclo de estudos (do 6º ou do 9º ano de escolaridade) desde que tenham cumprido o regime de assiduidade em todas as componentes, com exceção da componente de formação prática.

7.7. Prosseguimento de Estudos

Os alunos que terminam um CEF, com total aproveitamento, obtêm uma certificação escolar de conclusão de ciclo de estudos, ou ainda um certificado de competências escolares, e uma certificação profissional, sendo-lhes conferido o nível 1, 2, ou 4 de qualificação do Quadro Nacional de Qualificações (Q.N.D.), conforme já anteriormente mencionado. Assinale-se que não é de modo algum impedido o prosseguimento de estudos e se obtenha formação nos seguintes níveis:

- A conclusão de um CEF Tipo 1 permite o ingresso no 3º ciclo do ensino básico;
- A conclusão de um CEF Tipo 2 ou Tipo 3 permite o ingresso num dos cursos do nível secundário de educação. Caso se opte por um curso da modalidade geral da educação, têm de se realizar os exames nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática;
- A conclusão de um CEF Tipo 4 permite o prosseguimento de estudos num CEF Tipo 5;
- A conclusão de um CEF Tipo 5, 6 ou 7 permite o prosseguimento de estudos num Curso de Especialização Tecnológica, numa área de estudos

afim ou num curso de nível superior, desde que se cumpram os requisitos constantes do regulamento de acesso ao ensino superior.

CAPÍTULO II – ESTUDO EMPÍRICO

1. Metodologia de Investigação

1.1. Objeto de Estudo

Avaliação da integração dos alunos nos Cursos de Educação e Formação.

1.2. Questões de Investigação

- Q1 *Que* representações possuem os alunos dos CEF sobre a Escola?
- Q2 Que grau de motivação e satisfação revelam relativamente às componentes de formação geral e à componente de formação tecnológica?
- Q3 De que modo a formação vocacional adquirida influencia/potencia eventuais escolhas de futuro?
- Q4 Em que medida a formação adquirida nos CEF está adequada às necessidades do mercado de trabalho?

1.3. Objetivos de Investigação

- ⇒ Apreender as representações dos alunos dos CEF sobre a escola.
- ⇒ Compreender como os alunos reagem/atuam em termos de motivação e satisfação, comparativamente, nas componentes de formação geral e na componente de formação tecnológica.
- ⇒ Analisar a importância da formação académica e profissional nas eventuais escolhas de futuro.
- ⇒ Verificar a adequabilidade da formação dos CEF face às necessidades específicas do mercado de trabalho.

1.4. O Método: Estudo de Caso

De acordo com o nosso objeto de estudo e tendo em consideração o espaço geográfico e social, bem como o período de tempo em que as análises empíricas se circunscrevem, decidimos adotar o método de estudo de caso para orientarmos, desenvolvermos e efetivarmos o nosso trabalho de investigação.

Segundo Yin (2001),

“Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão bem definidos” (p.32).

Também, de acordo com Bell (1997),

“O método de estudo de caso particular é especialmente indicado para investigadores isolados, dado que proporciona uma oportunidade para estudar, de uma forma mais ou menos aprofundada, um determinado aspeto de um problema em pouco tempo.” (p. 22)

Neste encaço, Merriam (1988), citado por Ferreira & Carmo (1998), afirma que “primeiramente o investigador deverá definir o problema de investigação, o qual será com frequência proveniente da sua própria experiência, ou de situações ligadas à sua vida prática” (p. 217).

O nosso estudo de caso será essencialmente descritivo e interpretativo, segundo uma abordagem qualitativa, devendo, pois, salientar-se que “os estudos de caso, na sua essência, parecem herdar as características da investigação qualitativa” (Meirinhos & Osório, 2010, p. 52). Neste sentido, Latorre (2003), citado por Meirinhos & Osório (2010), afirma que o estudo de caso se rege “dentro da lógica que guia as sucessivas etapas de recolha, análise e interpretação da informação dos métodos qualitativos” (p. 52).

Tendo em linha de conta que este método consiste num “exame detalhado que um investigador faz a um indivíduo, a um grupo ou a um fenómeno” (Borg & Gall, 1983, citado por Martins, 2006, p. 171), o nosso estudo de caso incide sobre o agrupamento onde a investigadora exerce funções docentes e estuda e avalia a relação que os participantes estabelecem com a escola a diferentes níveis. Stake (1999) declara que todos os estudos de avaliação são estudos de caso. O mesmo autor afirma que o programa, a pessoa ou o organismo avaliados constituem um caso.

Ainda, Pardal & Lopes (2011) referem que

“Os estudos de caso correspondem a um modelo de análise intensiva de uma situação particular (caso). Tal modelo, flexível no recurso a técnicas, permite a recolha de informação diversificada a respeito da situação em análise, viabilizando o seu conhecimento e caracterização” (p. 33). Ora, “sob condições limitadas, possibilita generalizações empíricas” (p.19).

Atente-se, no entanto, que algumas das questões que se colocam relativamente ao estudo de caso prendem-se com a fragilidade do seu poder de generalização. Todavia, “não é só o poder de generalização que dá cientificidade a uma metodologia. Um estudo feito com rigor constitui, no mínimo ponto de partida para estudos mais profundos” (Pardal & Lopes, p. 34).

A fiabilidade deste estudo de caso, orientado por um desenho de investigação, será garantida pela utilização rigorosa dos instrumentos, que permitem a adequada recolha de dados e pela análise exaustiva e criteriosa destes.

1.5. População Alvo

O estudo de caso incide sobre uma unidade de análise (Yin, 2001), dizendo esta respeito a um agrupamento de escolas da Zona Norte do país, mais especificamente a uma turma no primeiro ano e a outra no segundo ano de Cursos de Educação e Formação (itinerário tipo 2 - percurso com a duração de dois anos), no ano letivo de 2011/2012.

1.6. Contextualização do Estudo de Caso

O agrupamento em que se desenvolve o estudo de caso é um estabelecimento de ensino muito vocacionado para as áreas práticas, técnicas, com um cariz profissional dominante, onde imperam recantos seculares de experiência laboral, deveras uma fonte inesgotável de preparação para a vida ativa no mundo do trabalho.

Aqui, para além de oficinas espaçosas e bem apetrechadas, prolifera uma grande diversidade de máquinas, ferramentas e instrumentos.

Este agrupamento é constituído por alunos oriundos dos diferentes concelhos do distrito em que se insere o nosso estudo e até mesmo por alunos filhos de emigrantes originários na sua grande maioria do Brasil, de países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) e de Marrocos.

A amostra é constituída por dezoito alunos de duas turmas de CEF distintas, isto é, por 9 elementos do primeiro ano do curso de Instalação e Operação de Sistemas Informáticos e 9 do segundo ano do curso de Serralharia Mecânica, embora o número de alunos inscritos no início do ano letivo fosse superior. Todavia alguns elementos pediram transferência de escola ou de turma e outros foram excluídos por ultrapassarem o limite de faltas estipulado por lei.

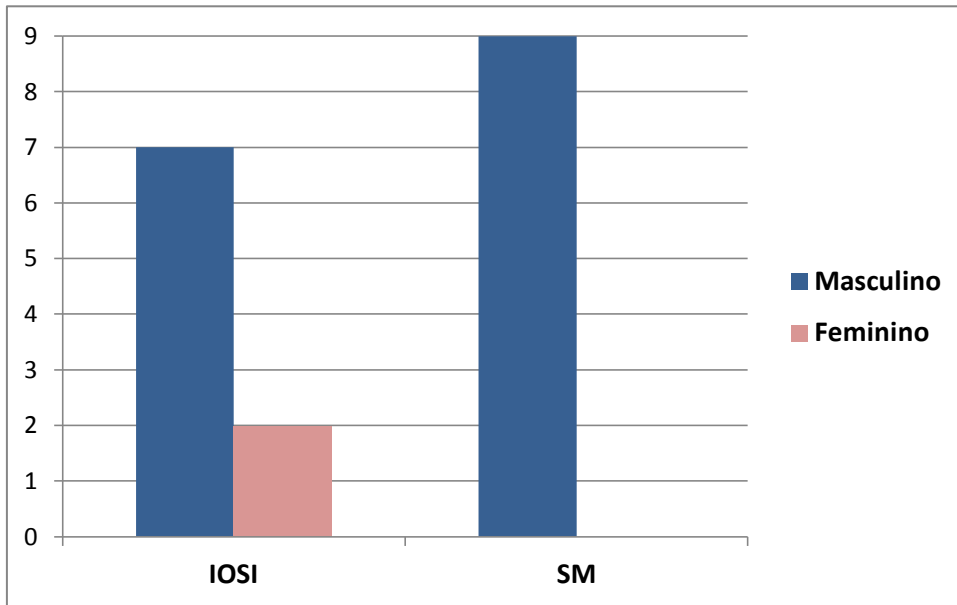
1.6.1. Caraterização da População Alvo

No início do ano letivo, os alunos do agrupamento preenchem um inquérito com o objetivo de se ter um melhor conhecimento dos mesmos. Os dados registados através do referido inquérito são a fonte em que nos baseámos para proceder à caraterização da população alvo do nosso objeto de estudo.

Como se trata de dois grupos diferentes, irão ser abordados separadamente, embora, por vezes, se faça uma análise conjunta e/ou globalizante. Desta forma, usaremos a sigla IOSI para o curso de Instalação e Operação de Sistemas Informáticos e SM para designar o curso de Serralharia Mecânica.

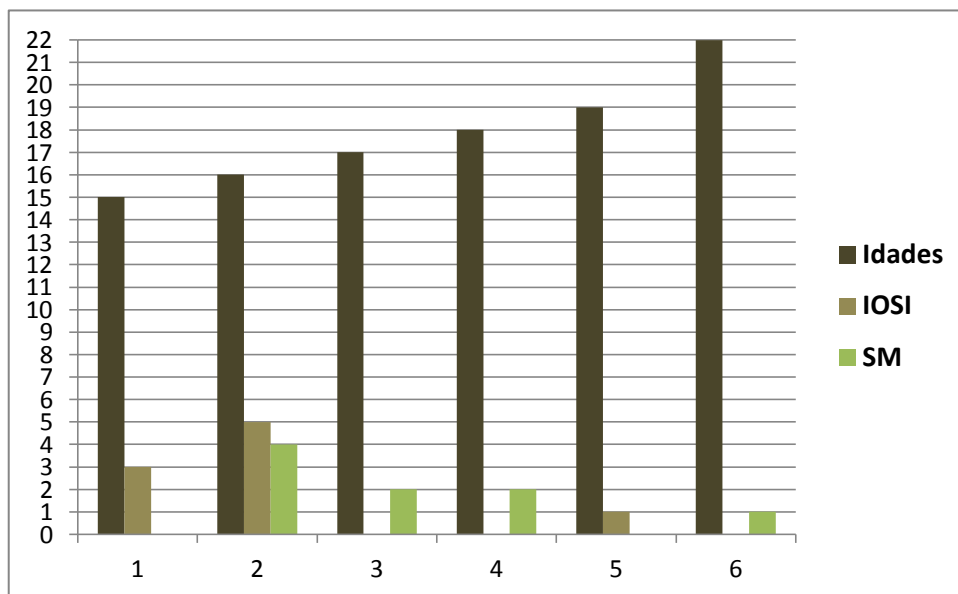
Começando por analisar como se distribuem os alunos por género em cada uma das turmas, verifica-se que no curso de IOSI há sete elementos do sexo masculino e dois do sexo feminino, portanto uma percentagem de 89% para 11%, enquanto no curso de SM a totalidade dos nove alunos é do sexo masculino, o que de facto tem a ver com a especificidade do curso. Estamos, na realidade, perante um público maioritariamente constituído por rapazes (gráfico 1).

Gráfico 1- Género dos alunos por cursos



Relativamente às idades dos alunos, no Curso de IOSI oscilam entre os 15 e os 19 anos e no curso de SM ainda existe uma disparidade maior, pois variam entre os 16 e os 22 anos (gráfico 2).

Gráfico 2- Idades dos alunos de ambos os cursos



Dada a idade de alguns destes elementos e em conformidade com a Lei nº 85/2009, de 27 de agosto, verifica-se que uma parte significativa já se encontra fora da escolaridade obrigatória, como abaixo constaremos (gráficos 3 e 4). É, porém, compreensível que no curso de IOSI existam mais alunos dentro da escolaridade obrigatória, uma vez que estes frequentam ainda o 1º ano, sendo, tendencialmente, mais jovens.

Gráfico 3- Alunos do curso de IOSI dentro e fora da escolaridade obrigatória

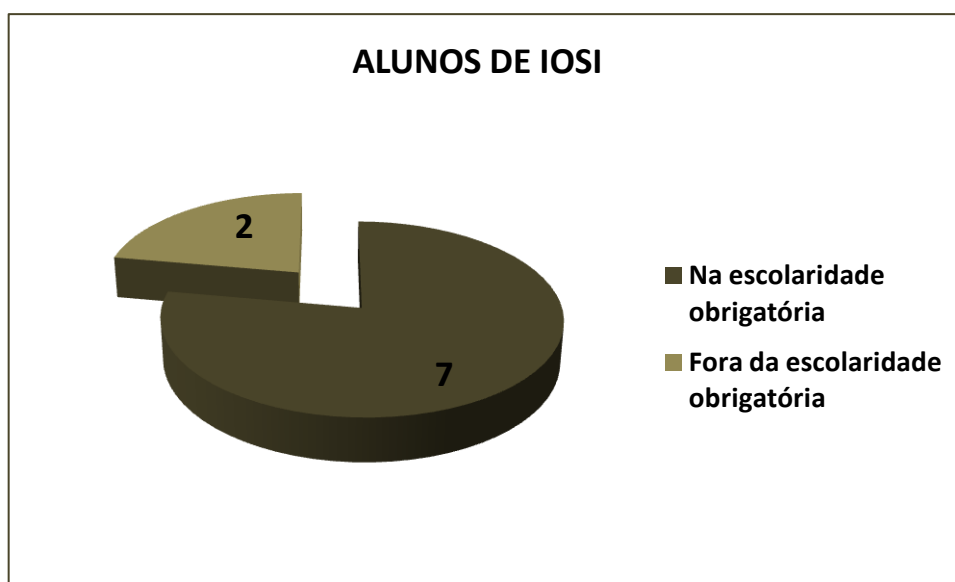
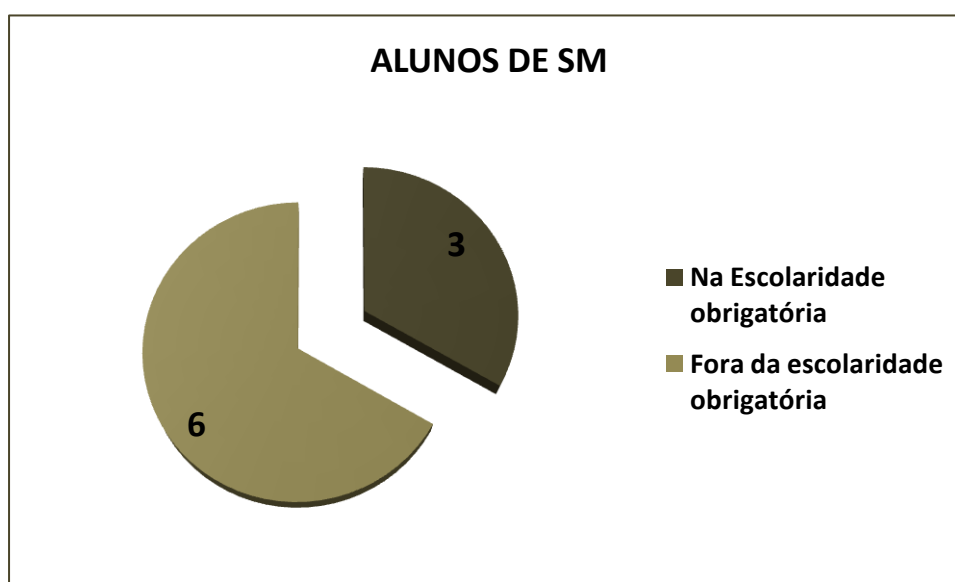


Gráfico 4- Alunos do curso de SM dentro e fora da escolaridade obrigatória



Na globalidade, a faixa etária e o ano de escolaridade em que os alunos se encontram revelam que muitos destes já foram sujeitos a várias repetências. Conforme podemos observar (gráficos 5 e 6), quer num quer noutra curso todos os alunos já sofreram mais do que uma retenção, existindo mesmo um aluno com quatro retenções, o que indica estarmos perante jovens que registam insucesso no seu passado escolar. Tal facto origina uma baixa autoestima e favorece a autoexclusão. Desta forma, ao integrarem um CEF, estão na busca de uma opção de formação que melhor corresponda aos seus objetivos académicos e profissionais. Se por vezes a escolha de um determinado curso pode não ser, na verdade, a melhor opção dentro da sua vocação, é deveras uma alternativa ao ensino regular, não lhes tendo este último oferecido realização a nível escolar, o que se repercute na sua realização a nível pessoal.

Gráfico 5- Retenções no percurso escolar dos alunos do curso de IOSI

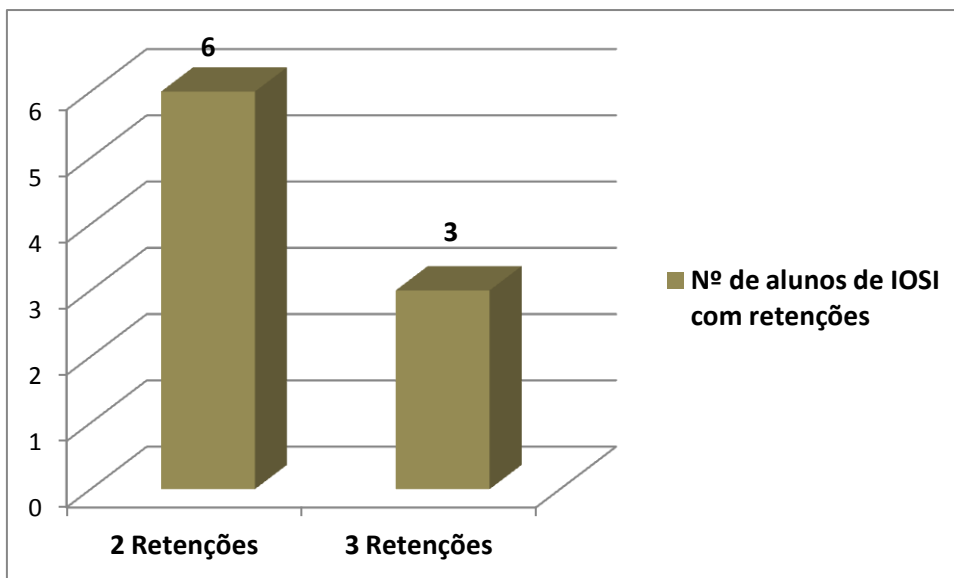
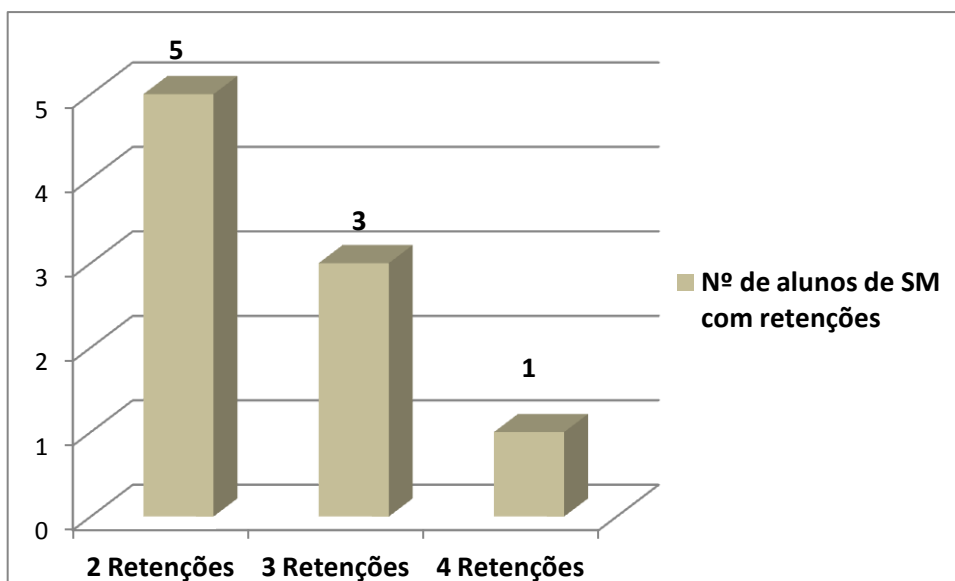


Gráfico 6- Retenções no percurso escolar dos alunos do curso de SM



Assinale-se que todos estes jovens são provenientes do ensino regular, de acordo com o que podemos observar nos gráficos número 7 e número 8. Ainda que os discentes mais jovens tenham já quinze anos de idade, há alguns elementos que apenas possuíam o 6º ano de escolaridade, constatando-se este facto relativamente aos alunos de IOSI.

Gráfico 7- Ano de escolaridade de proveniência do ensino regular dos alunos do curso de IOSI

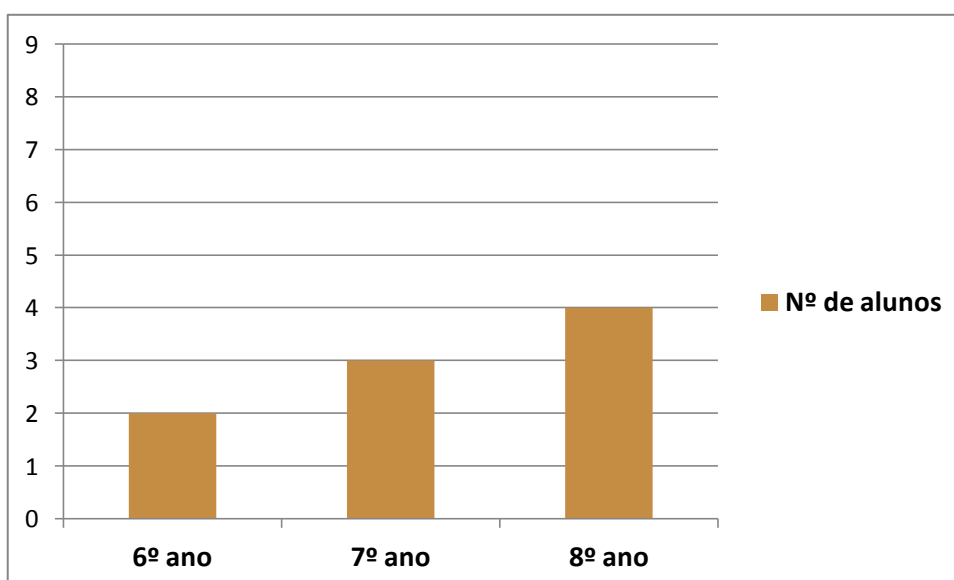
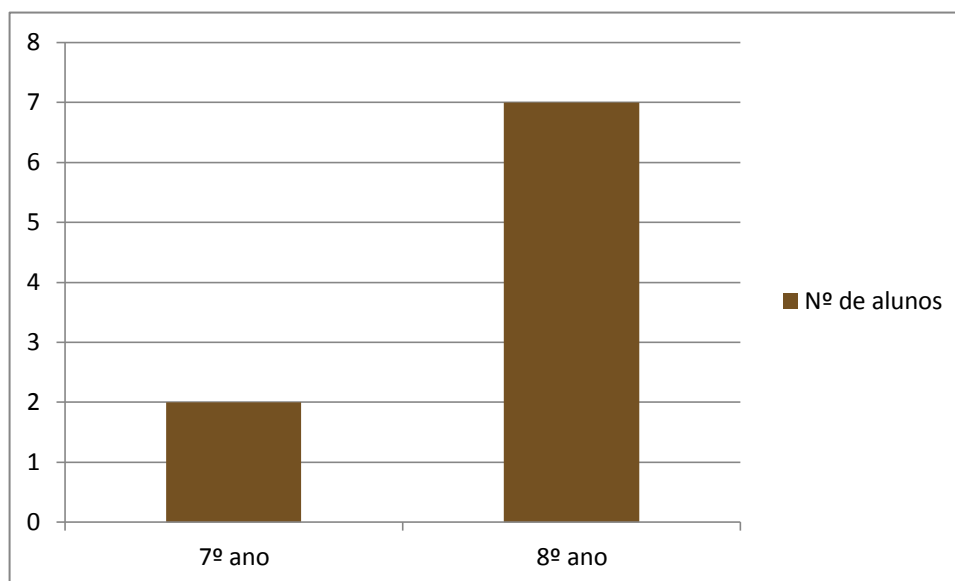


Gráfico 8- Ano de escolaridade de proveniência do ensino regular dos alunos do curso de SM

Na globalidade, estes alunos, que frequentam os CEF, revelam falta de pré-requisitos no domínio das diferentes competências e conhecimentos. Cabe-nos entender donde provêm, qual a atividade profissional e quais as habilitações escolares dos seus pais.

Decidimos fazer uma análise globalizante relativamente aos dois cursos (gráficos 9 e 10), em virtude de não existir uma grande disparidade quer no que diz respeito às profissões quer às habilitações dos pais. Podemos, então, concluir que as profissões dos pais e das mães não carecem de um elevado grau de instrução, sendo de realçar que uma parte considerável possui apenas o 4º ano de escolaridade, deduzindo-se, do mesmo modo, que as atividades laborais, na generalidade, não oferecem elevados índices remuneratórios, o que implica, por vezes, condições económicas não muito favoráveis e um baixo reconhecimento social. Perante estes fatores, muito frequentemente, as aspirações e expectativas familiares em relação à escola são bastante reduzidas, verificando-se um envolvimento algo diminuto e pouco responsável no que concerne à plena dimensão da escola. Conforme já atrás referido e segundo Almeida *et al* (2005), o fracasso não atinge de igual modo todas as classes e grupos sociais, sendo de facto bastante penalizadas as classes mais desfavorecidas. De acordo com

Benavente (1990), o sucesso/insucesso dos alunos está, em muitos casos, dependente da bagagem cultural de que dispõem à entrada na escola. Há deveras uma forte correlação entre o ambiente socioeconómico que rodeia o aluno e o capital cultural que este transporta, refletindo-se, particularmente, este no seu desempenho escolar.

Gráfico 9- Profissão dos pais dos alunos de ambos os cursos

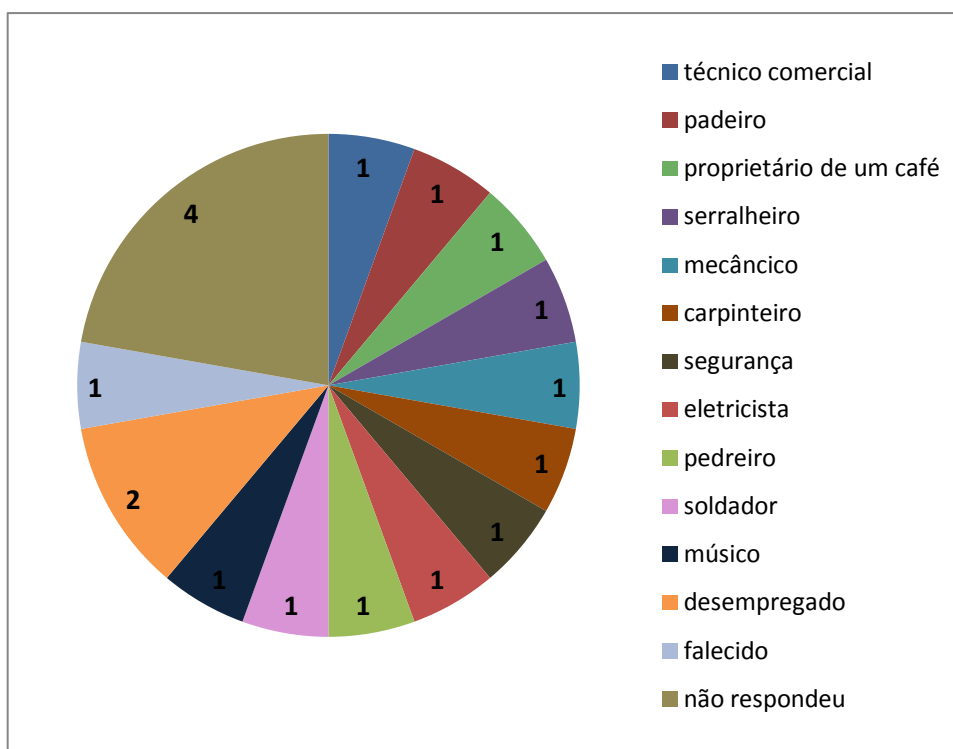
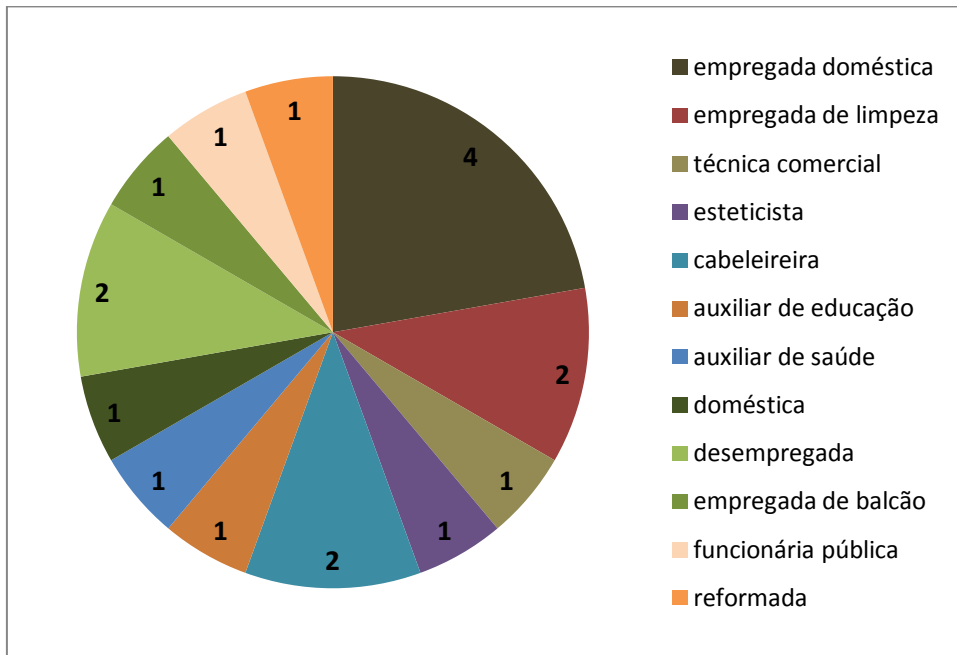


Gráfico 10- Profissão das mães dos alunos de ambos os cursos



1.6.2. Tipologia do Itinerário de Qualificação

A população alvo do nosso objeto de estudo integra um percurso de formação de Tipo 2, com a duração de dois anos letivos, encontrando-se os alunos do Curso de Instalação e Operação de Sistemas Informáticos no 1º ano do curso e os alunos de Serralharia Mecânica no 2º ano.

Passamos a apresentar o plano de formação de ambos os cursos, incluindo este a matriz curricular respetiva e o número de horas de formação, conforme tabelas 2 e 3.

Tabela 2- Matriz curricular do curso Tipo 2 de Instalação e Operação de Sistemas Informáticos

| PLANO DE FORMAÇÃO CEF ITINERÁRIO DE QUALIFICAÇÃO: INSTALAÇÃO E OPERAÇÃO DE SISTEMAS INFORMÁTICOS DESENHO CURRICULAR - TIPO 2 | | | | | | |
|--|---------------------------------|--|-----------------------------|--------|------------------|-------|
| Componentes de Formação | Áreas de Competência | Disciplinas / Domínios | Número de Horas de Formação | | | |
| | | | 1º Ano | 2º Ano | FCT ² | Total |
| Socio-cultural | Línguas, Cultura e Comunicação | Língua Portuguesa | 96 | 96 | | 192 |
| | | Língua Estrangeira: Inglês | 96 | 96 | | 192 |
| | | TIC ³ | 48 | 48 | | 96 |
| | | Total – Línguas, Cultura e Comunicação | 240 | 240 | | 480 |
| | Cidadania e Sociedade | Cidadania e Mundo Atual | 96 | 96 | | 192 |
| | | Higiene, Saúde e Segurança no Trabalho | | 30 | | 30 |
| | | Educação Física | 48 | 48 | | 96 |
| | | Total – Cidadania e Sociedade | 144 | 174 | | 318 |
| | Total - Sociocultural | | 384 | 414 | | 798 |
| | Científica | Ciências Aplicadas | Matemática Aplicada | 114 | | 96 |
| Física e Química | | | 75 | 48 | 123 | |
| Total - Científica | | 189 | 144 | 333 | | |
| Tecnológica | Tecnologias Específicas | Aplicações de Escritório | 272 | 104 | 376 | |
| | | IMM ⁴ | 200 | 44 | 244 | |
| | | Gestão de Bases de Dados | 200 | 44 | 244 | |
| | | ICORI ⁵ | 200 | 140 | 340 | |
| | Total Tecnológica | | 872 | 332 | 1204 | |
| Prática | Estágio em Contexto de Trabalho | | | | 210 | 210 |
| Total (Curso) | | | 1445 | 890 | 210 | 2545 |

² Formação em Contexto de Trabalho – apenas no final do 2º ano do curso³ Tecnologias da Informação e Comunicação⁴ Instalação e Manutenção de Microcomputadores⁵ Instalação, Configuração e Operação de Redes e Internet

Tabela 3- Matriz curricular do curso Tipo 2 de Serralharia Mecânica

| PLANO DE FORMAÇÃO CEF ITINERÁRIO DE QUALIFICAÇÃO: SERRALHARIA MECÂNICA DESENHO CURRICULAR - TIPO 2 | | | | | | |
|--|---------------------------------|--|-----------------------------|--------|------------------|-------|
| Componentes de Formação | Áreas de Competência | Disciplinas / Domínios | Número de Horas de Formação | | | |
| | | | 1º Ano | 2º Ano | FCT ⁶ | Total |
| Socio-cultural | Línguas, Cultura e Comunicação | Língua Portuguesa | 96 | 96 | | 192 |
| | | Língua Estrangeira: Inglês | 96 | 96 | | 192 |
| | | TIC ⁷ | 48 | 48 | | 96 |
| | | Total – Línguas, Cultura e Comunicação | 240 | 240 | | 480 |
| | Cidadania e Sociedade | Cidadania e Mundo Atual | 96 | 96 | | 192 |
| | | Higiene, Saúde e Segurança no Trabalho | | 30 | | 30 |
| | | Educação Física | 48 | 48 | | 96 |
| | | Total – Cidadania e Sociedade | 144 | 174 | | 318 |
| | Total - Sociocultural | | 384 | 414 | | 798 |
| | Científica | Ciências Aplicadas | Matemática Aplicada | 114 | 96 | |
| Física e Química | | | 75 | 48 | | 123 |
| Total - Científica | | 189 | 144 | | 333 | |
| Tecnológica | Tecnologias Específicas | Trabalhos Oficiais de Bancada | 528 | | | 528 |
| | | Maquinagem e Montagem de Conjuntos Mecânicos | 292 | 184 | | 476 |
| | | Montagem e Ajuste de Conjuntos Mecânicos | | 480 | | 480 |
| | Total Tecnológica | | 820 | 664 | | 1484 |
| Prática | Estágio em Contexto de Trabalho | | | | 210 | 210 |
| Total (Curso) | | | 1393 | 1222 | 210 | 2825 |

⁶ Formação em Contexto de Trabalho – apenas no final do 2º ano do curso⁷ Tecnologias da Informação e Comunicação

Destaque-se, mais uma vez, que apenas os alunos de SM podem integrar a fase de estágio, uma vez que este se realiza unicamente no 2º ano do curso, após concluída a formação em sala de aula.

1.6.3. Finalidades das Áreas de Formação

O operador de informática é o profissional que, de forma autónoma e de acordo com orientações técnicas, instala, configura e opera *software* de escritório, redes locais, internet e outras aplicações informáticas, bem como procede à manutenção de microcomputadores, periféricos e redes locais.

O serralheiro mecânico é o profissional que utilizando técnicas e meios manuais e mecanizados apropriados, procede à execução de peças e de conjuntos mecânicos, à manutenção e reparação de equipamentos, bem como à instalação e afinação de equipamentos e dispositivos de apoio (mecânicos, pneumáticos e hidráulicos).

1.7. Desenho da Investigação

A metodologia de estudo de caso, de cariz qualitativo, foi escolhida pelo facto de a investigação recair numa entidade bem definida e delimitada: duas turmas de CEF de um agrupamento da Zona Norte do país.

Dada a especificidade dos intervenientes e o local onde se encontram, recorre-se a entrevistas estruturadas em dois momentos distintos e a um inquérito por questionário (momento 2), conforme se passam a indicar:

- Momento 1: Entrevistas estruturadas aos alunos dos dois Cursos de Educação e Formação da nossa amostra: Instalação e Operação de Sistemas Informáticos e Serralharia Mecânica. Estas entrevistas ocorrem apenas no decurso da formação na escola, em virtude dos alunos de IOSI ainda se encontrarem no primeiro ano do curso e, portanto, não estarem em condições de integrar a fase de estágio, podendo este realizar-se unicamente no final do segundo ano do percurso formativo.

- **Momento 2:** Entrevistas estruturadas aos alunos após terem regressado da formação em contexto de trabalho e um inquérito por questionário dirigido aos monitores de estágio da empresa onde este foi realizado. Registe-se que intervirão neste momento unicamente os alunos do segundo ano do curso, isto é, os alunos de Serralharia Mecânica, uma vez que apenas estes integram a fase de estágio.

1.7.1. Técnicas de Recolha de Dados

Para concretizarmos o nosso estudo, a recolha de dados é efetuada através da realização de entrevistas estruturadas aos alunos e de um inquérito por questionário aos monitores de estágio.

Ora, “(...) a entrevista de grupo, o inquérito por questionário ou a análise de conteúdo são exemplos de métodos de investigação em ciências sociais” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 187), e, de facto, iremos utilizá-los no nosso trabalho de investigação.

Como registam Bogdan e Biklen (1994), “(...) a entrevista é utilizada para recolher dados através da linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam o mundo” (p. 134). No nosso caso particular, queremos compreender como é que o público-alvo do nosso objeto de estudo vê a escola, como se sente, quais as suas motivações, como atua e reage, o que perspectiva, enfim, de que forma está integrado. Segundo Quivy & Campenhoudt (1998),

“Nas suas diferentes formas, os métodos de entrevista distinguem-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e de interação humana. Corretamente valorizados, estes processos permitem ao investigador retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados.” (p. 191)

A entrevista enquadra-se, pois, na investigação qualitativa, assumindo uma natureza descritiva e interpretativa, privilegiando o discurso dos sujeitos como um meio de acesso às suas representações e ações (Bogdan & Biklen, 1994); o investigador não intervém sobre a situação, apenas a dá a conhecer tal como ela

surge, procurando interpretar o fenómeno em estudo pela voz dos seus diferentes “atores”. Ainda, Guba & Lincoln (1994) são de opinião que “human behavior cannot be understood without reference to the meanings and purposes attached by human actors to their activities” (p. 106). A recolha de dados baseada nos testemunhos dos sujeitos participantes é fundamental para nos permitir uma melhor compreensão do objeto de estudo e nos conduzir a uma reflexão mais aprofundada.

O inquérito por questionário, presta-se bem a “uma utilização pedagógica pelo carácter muito preciso e formal da sua construção e da sua aplicação prática” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p.186). Pela condicionante de tempo, pela logística de deslocações e essencialmente pela exatidão da informação extraída é uma técnica que muito contribui para a consecução do nosso estudo.

De facto, relativamente ao inquérito por questionário, segundo Rodríguez et al. (1999), citado por Meirinhos & Osório (2010),

“ (...) não se pode dizer que seja uma das técnicas mais representativas na investigação qualitativa, pois a sua utilização está mais associada a técnicas de investigação quantitativa. Contudo, enquanto técnica de recolha de dados, o questionário pode prestar um importante serviço à investigação qualitativa.” p. 62

Na verdade, o inquérito por questionário é frequentemente de cariz quantitativo, “privilegiando modelos matemáticos e estatísticos” (Pardal & Lopes, 2011), porém iremos tratá-lo segundo uma abordagem qualitativa, visto a nossa amostra ser constituída apenas por nove sujeitos. Deveras, o tratamento estatístico não poderia ser efetivado com relevância, dado o número diminuto de intervenientes. Aqui centrar-nos-emos essencialmente na descrição, compreensão e interpretação dos resultados.

Tendo em linha de conta que “quanto mais diversificadas forem as técnicas, mais finos serão os dados obtidos e todos representam diferentes dimensões das práticas sociais e todos têm a sua validade própria” (Ferreira, 1999, p.190), optámos por utilizar a entrevista e o inquérito por questionário, o que permitirá

triangular os dados obtidos de forma a conseguir um maior apuramento da informação. Stake (1999) considera que a triangulação é um processo que utiliza múltiplas perspetivas para clarificar significados, o que facilita a revisão da interpretação do investigador. É, também, segundo o mesmo autor, uma das características de um bom estudo qualitativo.

Deste modo, pode obter-se sobre o assunto em estudo um conhecimento mais alargado do que o proporcionado por um único método de investigação e validar mutuamente os resultados conseguidos através dos dois métodos.

Relativamente à análise de conteúdo, debruçar-nos-emos sobre este método de análise posteriormente.

1.7.2. Instrumentos

Na construção dos instrumentos - entrevistas estruturadas e inquérito por questionário - para avaliar a integração dos alunos que provêm do ensino regular nos CEF, tendo por base a fundamentação teórica, definiram-se os seguintes critérios:

Tabela 4- Critérios

| Objeto de Estudo | Critérios | Fundamentação Teórica |
|--|---|-----------------------|
| Avaliação da Integração dos alunos nos CEF | ▷ Grau de satisfação em relação à escola | ❖ Boekaerts, 2010 |
| | ▷ Adequabilidade da comunicação entre a escola e os pais | ❖ Benavente, 1994 |
| | ▷ Assimilação de valores de cidadania: conservação do espaço escolar | ❖ Cabral, 2010 |
| | ▷ Grau de satisfação pelo curso frequentado | ❖ Clemente, 2010 |
| | ▷ Grau de motivação para a frequência de disciplinas que integram a formação geral e a formação tecnológica | ❖ Pereira, 2010 |
| | ▷ Grau de investimento nas componentes de formação geral e na componente de formação tecnológica | ❖ Pereira, 2010 |
| | ▷ Impacto da formação dos CEF em termos de perspetivas de futuro: académicas e profissionais | ❖ Clemente, 2010 |
| | ▷ Adequabilidade da formação dos CEF face às necessidades específicas do mercado de trabalho | ❖ Clemente, 2010 |
| | ▷ Grau de satisfação pelo trabalho desenvolvido em local de trabalho durante o estágio | ❖ Pereira, 2010 |

1.7.2.1. Entrevista Estruturada

Conforme temos vindo a registar, a entrevista é uma das técnicas de recolha de dados que seleccionámos para realizar o nosso estudo.

Recorremos à entrevista estruturada, tendo em consideração as características dos sujeitos do nosso estudo. Sendo a investigadora docente das turmas que integram os alunos da nossa amostra, assinala-se que há um grande conhecimento dos mesmos relativamente às suas capacidades e competências. Na verdade, estamos perante jovens com alguma dificuldade em manter uma conversa aberta e espontânea, facilitadora da expressão de emoções e de opiniões, estas reveladoras da presença de uma forte sentido crítico e significativas de uma participação consciente e responsável. Também, não raras vezes, apresentam uma certa inibição quando interpelados para intervirem oralmente, o que se reflete na utilização de uma linguagem simples e pouco variada, sem o desenvolvimento desejável para veicular concepções, juízos ou sentimentos através de um discurso fluído e longo.

Ora, conforme preconizam Pardal & Lopes (2011), a entrevista estruturada “é uma entrevista estandardizada, a todos os níveis: no modo de formulação das perguntas, na sequência destas e na utilização de vocabulário” (p. 86). Entrevistador e entrevistado têm uma liberdade de atuação limitada, o primeiro submete-se ao guião da entrevista, o segundo responde unicamente ao que lhe é perguntado.

Relativamente ao guião da entrevista (anexos 1 e 3), este foi construído com o máximo cuidado tendo sempre em atenção os objetivos de investigação e as dimensões de análise que a entrevista comporta (Guerra, 2006) - dimensões estas constantes das tabelas 5 e 11, bem como os critérios previamente definidos. De salientar, também, que uma preocupação fulcral na construção do guião foi “evitar, tanto quanto possível, perguntas que possam ser respondidas com “sim” e “não”. Os pormenores e detalhes particulares são revelados a partir de perguntas que exigem exploração” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 136).

As entrevistas ocorreram no 3º período de 2011/2012, nas instalações da escola, num ambiente acolhedor, tranquilo, informal e sem quaisquer pressões, de modo a que cada entrevistado respondesse da forma mais sincera e autónoma possível. De assinalar que as entrevistas se realizaram após a devida autorização da Direção da escola e do consentimento dos encarregados de educação e dos próprios discentes, conforme documentos constantes do anexo 6. Apraz registar que todos os envolvidos nestes protocolos de investigação, não apresentaram qualquer objeção ou até mesmo hesitação face à efetivação do estudo.

Após a realização das entrevistas, passou-se à transcrição das mesmas, tendo sido feito o seu registo com todo o rigor, a fim de que nada de modo algum fosse omitido ou adulterado.

1.7.2.2. Inquérito por Questionário

O inquérito por questionário destinou-se aos monitores de estágio das empresas (n=9) onde os alunos realizaram a formação em contexto de trabalho. Visto objetivar-se o registo de opiniões e de perceções face ao trabalho desenvolvido pelos alunos, só se poderia apresentar esta técnica de recolha de dados na fase final do estágio, para se poder ter uma visão o mais concreta e aproximada possível da consecução do mesmo. Tivemos a noção de que os alunos se encontram em diferentes empresas, muitas vezes, localizadas em zonas distantes umas das outras, o que implicaria limitações de tempo e dificuldades logísticas para se conseguir auscultar todos os monitores, pelo que a aplicação do questionário foi uma solução adotada, em virtude de não ser moroso o preenchimento do mesmo e tendo em consideração a disponibilidade dos respetivos monitores.

Assinale-se que todas as empresas foram pessoalmente visitadas e as deslocações foram efetuadas na companhia dos vários professores acompanhantes, tendo sido devidamente explicada a importância da colaboração responsável e cuidada aquando da apresentação do questionário. Tivemos em consideração que, segundo Quivy & Campenhoudt (1998), se deve evitar enviar um questionário por correio (ou de acordo com as novas tecnologias por e-mail),

pois a proximidade do inquiridor permite “criar nas pessoas interrogadas uma atitude favorável, a disposição para responderem francamente às perguntas e, por fim, entregarem o questionário corretamente preenchido” (p. 184).

Cabe ainda salientar a excelente recepção proporcionada pelas empresas e a sua boa vontade, sem exceção, em cooperar para que fosse possível o desenvolvimento do nosso trabalho de investigação.

Este inquérito por questionário (anexo 5) é composto por questões fechadas (Vilelas, 2009) de tipo dicotómico (sim/não) e por questões múltiplas, tendo sido neste caso utilizada uma escala de frequência. A escolha da utilização de questões fechadas permitiu facilitar a recolha e análise dos dados:

“As fechadas condicionam mais as respostas de certos grupos. Em contrapartida, facilitam enormemente a anotação no ato de inquirir e o apuramento de resultados.” (Ferreira, 1999, p.182)

As questões fechadas têm a capacidade de “objetivar informação” (Ferreira, 1999, p.167). Porém, tem-se consciência de que nas questões abertas há uma resposta com um cunho mais pessoal, podendo-se justificar ou até mesmo explicitar uma opinião, juízo ou perceção.

1.7.3. Análise de Dados

Tendo em consideração os instrumentos da nossa investigação, e a amostra do nosso objeto de estudo, proceder-se-á a um tratamento qualitativo dos dados. Tal como já atrás referido, “os métodos de entrevista requerem habitualmente métodos de análise de conteúdo, que são (...) qualitativos” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 185). Ainda, segundo os mesmos autores, regularmente os inquéritos por questionário são acompanhados por métodos de análise quantitativa, contudo, no nosso caso particular, dado o número diminuto de elementos que constituem o nosso público-alvo, o tratamento estatístico não pode ser efetivado com relevância, pelo que aqui também procederemos a uma análise qualitativa.

Também, de acordo com Quivy & Campenhoudt ,

“Em investigação social, o método das entrevistas está sempre associado a um método de análise de conteúdo. Durante as entrevistas trata-se, de facto, de fazer aparecer o máximo possível de elementos de informação e de reflexão, que servirão de materiais para uma análise sistemática de conteúdo que corresponda, por seu lado, às exigências de explicitação, de estabilidade e de intersubjetividade dos processos.” (p. 195)

Assim,

“A escolha dos termos utilizados pelo locutor, a sua frequência e o seu modo de disposição, a construção do «discurso» e o seu desenvolvimento são fontes de informações a partir das quais o investigador tenta construir um conhecimento.” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 226)

E, ainda, em conformidade com Lessard-Hébert (1996), “a análise é uma operação intelectual, que consiste na decomposição de um todo nas suas partes, com o propósito de fazer a descrição e procurar as relações entre essas partes” (p. 137).

Na mesma linha de pensamento, Bell (1997) refere que “o trabalho de investigador consiste em procurar continuamente semelhanças e diferenças, agrupamentos, modelos e aspetos significativos.” (p. 160)

Bogdan & Biklen (1994) registam que

“A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspetos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros.” (p. 205)

Deste modo, relativamente às entrevistas, procedeu-se à sua transcrição, para de seguida se passar à categorização do conteúdo, a fim de possibilitar a interpretação o mais fidedigna possível deste, tendo sido construídas grelhas de análise, onde os dados pudessem ser inseridos e visualizados mais facilmente.

Para o tratamento e análise dos dados das entrevistas e de acordo com os nossos objetivos, definimos, conforme tabelas 5 e 11, a dimensão, a categoria e a subcategoria (inserida quando aplicável), bem como o nº de entradas (“n”), para registar a frequência com que o conteúdo surge. Aqui o “n” não corresponde ao número de sujeitos, mas sim ao número de vezes que o entrevistado se refere a um determinado fenómeno ou situação ao longo de toda a entrevista.

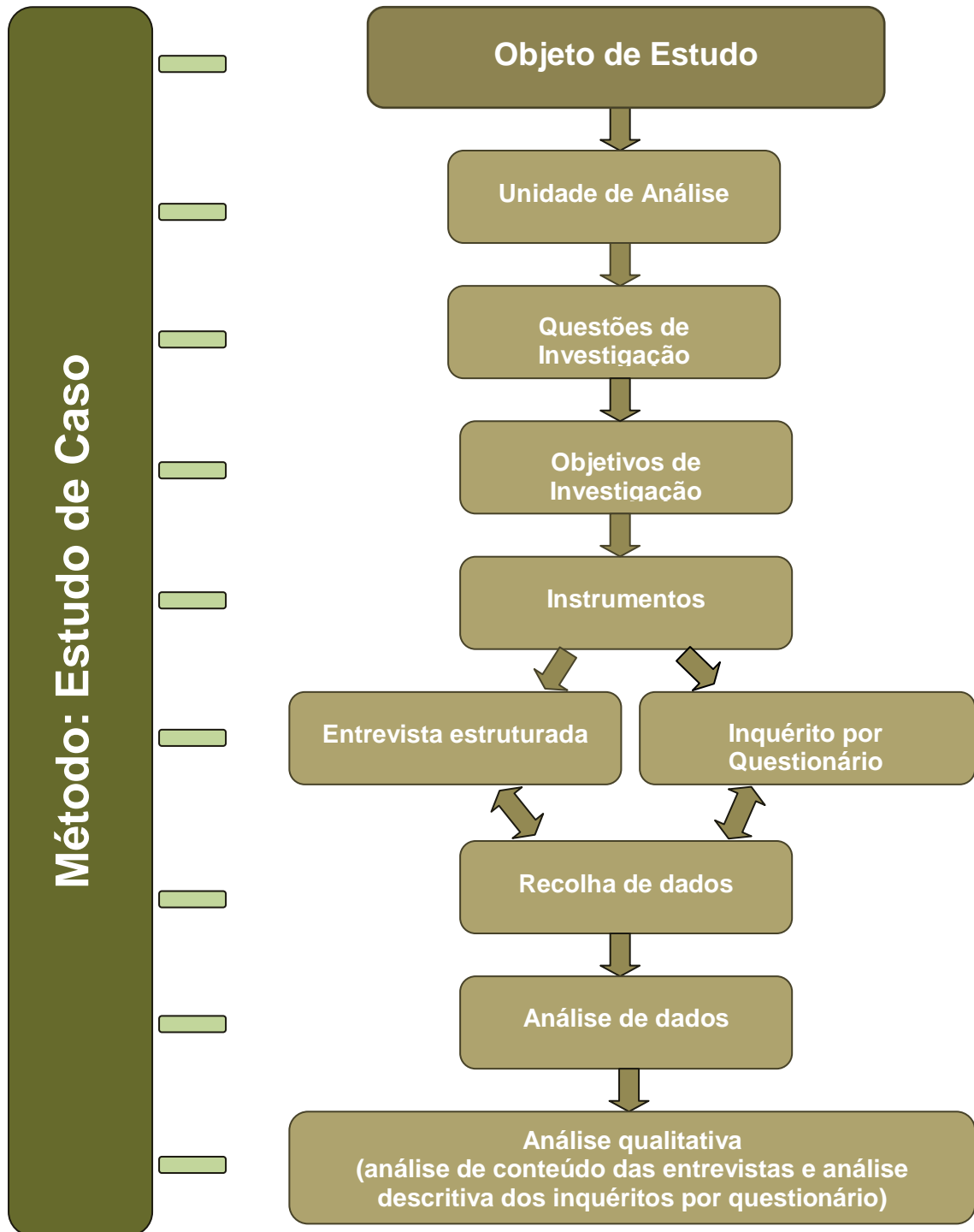
Os dados do questionário foram analisados com recurso ao Excel e à análise de conteúdo de uma questão aberta que está associada à questão de tipo dicotómico: sim/não.

Regista-se ainda que os dados do questionário são apresentados tendo por base o número total de inquiridos (n=9).

1.7.4. Quadro Resumo do Desenho da Investigação

Para facilitar a leitura do desenho da investigação, apresentamos um esquema que representa os passos metodológicos anteriormente indicados (quadro 1).

Quadro1- Quadro resumo do desenho da investigação



2. Análise e Discussão dos Resultados

Iremos proceder à apresentação, análise e interpretação dos dados recolhidos. Desta forma, de acordo com o já registado, elaborámos grelhas de análise de conteúdo das entrevistas (tabelas 5 e 11). Relativamente ao inquérito por questionário, salienta-se, novamente, que este será tratado de uma forma descritiva, indo complementar os dados recolhidos do estudo qualitativo. Todavia, para melhor visualizarmos os dados conseguidos através deste instrumento, construímos grelhas em que os mesmos foram inscritos (tabelas 6 a 10). Deveras, a nossa maior preocupação foi encontrar resposta, da forma mais clara e abrangente possível, para as questões de investigação que delineámos e assim cumprir os objetivos do nosso estudo.

Conforme tem vindo a ser referido, traçámos dois momentos distintos no nosso trabalho de investigação: um primeiro momento constituído por entrevistas aos alunos dos dois Cursos de Educação e Formação (IOSI e SM) e um segundo momento, após a realização da formação em contexto de trabalho dos alunos de Serralharia Mecânica, constituído por entrevistas aos alunos e um questionário direcionado aos monitores de estágio. Este segundo momento prende-se com o cumprimento do quarto e último objetivo do nosso estudo: verificar a adequabilidade da formação dos CEF face às necessidades específicas do mercado de trabalho.

➤ **Momento 1**

⇒ **Objetivo: Aprender as representações dos alunos dos CEF sobre a escola**

✚ **Perceções acerca da escola**

Verifica-se, através da análise dos dados registados, que a maioria dos alunos (n=24) vê a escola como um local de aprendizagem e logo de seguida como um espaço de convívio (n=13), conforme os exemplos que se inserem no quadro 2. É de facto relevante a importância que se dá à componente de socialização na escola, especialmente no que concerne aos alunos de IOSI (n=9).

Quadro 2- Frases ilustrativas

“É um local onde se aprende e em que se pode estar com os amigos.” (Sujeito A)

“É um sítio onde podemos aprender e estar com os amigos.” (Sujeito B)

“A escola para mim é conviver com os amigos e aprender coisas novas.” (Sujeito R)

Devemos, francamente, assinalar o facto de a totalidade dos inquiridos (n=18) considerar que a escola tem aspetos positivos, todavia regista-se que uma parte considerável não assinala quaisquer aspetos negativos (n=6), particularmente os alunos de SM. Observe-se, pois, o quadro 3:

Quadro 3- Frases ilustrativas

“Positivos é que posso aprender e daqui ir trabalhar. Negativos, não sei até que ponto tem negativos, acho que a escola não tem pontos negativos.” (Sujeito G)

“Positivos é ter amigos, aprender, conviver. Não há aspetos negativos.” (Sujeito H)

“Dos aspetos positivos, a pessoa vindo à escola pode ter novos conhecimentos do meio ambiente e do que se passa no mundo... Dos negativos, não tenho assim nenhum em especial a apontar.” (Sujeito J)

A maioria dos alunos (n=13) refere estar totalmente satisfeita com as condições da escola, o que de facto favorece o processo de ensino-aprendizagem, conforme já verificado na revisão da literatura. Vejamos o quadro 4:

Quadro 4- Frases ilustrativas

“As condições de trabalho são boas, tem umas boas condições para trabalhar.”

(Sujeito B)

“As condições são boas, os professores são bons, as salas são ótimas, os equipamentos também...” (Sujeito I)

Organização da carga horária

Relativamente à organização da carga horária, cabe-nos realçar que os alunos de ambos os cursos têm semanalmente 40 aulas, distribuídas por tempos letivos de 45m e geralmente agrupadas em segmentos de 90m, sendo cerca de metade das aulas destinada à componente de formação tecnológica. Ora, no que concerne ao tempo de permanência na escola, é deveras interessante fazer a análise dos resultados obtidos. No que diz respeito aos alunos de IOSI, há uma maior relutância face ao tempo de permanência na escola (n=7), o que se pode eventualmente explicar pela divergência das duas áreas de formação. Enquanto na Serralharia Mecânica os alunos se encontram uma grande parte do dia nas oficinas, quase sempre de pé e frequentemente em movimento, os alunos de Informática, do primeiro ano do percurso formativo em que o programa não contempla tanto o manuseamento do *hardware*, estão sentados numa mesa com o computador à frente, portanto de uma forma muito mais estática. O facto do curso de Serralharia ter um cariz mais prático, mais “manual”, mais “livre”, permite que os alunos não se “encham” de estar tanto tempo na escola e vejam o desenvolvimento do seu trabalho de um modo mais aliciante.

Reflitamos nas frases ilustrativas do quadro 5 respeitantes aos alunos que consideram o horário de permanência na escola desadequado.

Quadro 5- Frases ilustrativas

“Acho que estou aqui na escola muitas horas ao longo do dia, estar aqui o dia todo é cansativo.” (Sujeito A)

“O horário de permanência na escola é mau, porque é muito tempo.” (Sujeito H)

“... a gente trabalha muito. Lá no Brasil não era assim, era só meio turno, aqui é o dia inteiro. As aulas, eu acho que está bem, só não deviam ser tantas.” (Sujeito P)

Ainda neste âmbito, em referência à duração das atividades letivas, deparamo-nos com a mesma situação verificada imediatamente antes, novamente os alunos de IOSI exprimem um maior desacordo face à duração das aulas (n=7), conforme podemos constatar através do quadro 6:

Quadro 6- Frases ilustrativas

“Acho que devia ser menos tempo nas aulas, uma hora, em que a pessoa está mais atenta, e não noventa minutos, em que a pessoa não está tão atenta.” (Sujeito A)

“A duração das aulas... acho que podia ser aulas mais curtas, com intervalos também mais curtos, até podia ser mais aulas, mas menos tempo cada aula.” (Sujeito G)

“Eu acho que 90m para uma aula é muito tempo, acho que estava muito melhor quando era uma hora e assim os alunos não se fartavam tanto de estar nas aulas.” (Sujeito I)

Relacionamento com os professores

No que diz respeito ao relacionamento com os professores, a grande maioria dos alunos (n=13) considera estar totalmente satisfeita com a forma como se relaciona com os docentes, de acordo com o que podemos comprovar no quadro 7. Realce-se que nenhum discente declara desagrado absoluto.

Quadro 7- Frases ilustrativas

“A minha relação com os professores é boa. Os professores apoiam-me. Quando faço os trabalhos, dizem-me que estão bons.” (Sujeito E)

“A minha relação com os professores é boa, não tenho nada de que me queixe.” (Sujeito J)

“A minha relação com os professores é normal. Os professores para mim são fixes. Dou-me bem com quase todos os professores.” (Sujeito P)

Relacionamento com os colegas

Uma grande parte dos alunos (n=12) refere ter uma boa relação com os colegas, o que é francamente importante para que se sintam bem na escola, uma vez que muitos dão relevância ao convívio com os amigos. Observemos o quadro 8:

Quadro 8- Frases ilustrativas

“É boa, sempre foi boa e será por muito tempo, porque eu já antes de vir para esta turma já conhecia alguns e integrei-me logo na turma. Ando com os meus colegas nos intervalos, à noite, ao fim de semana, vamos sair à tarde e assim...” (Sujeito G)

“A minha relação com os colegas é boa. Nos intervalos ando com os colegas, faço com eles trabalhos de grupos, são a nossa companhia no dia-a-dia.” (Sujeito K)

“A minha relação com os colegas é boa, andamos nos intervalos todos juntos, defendemo-nos uns aos outros quando é preciso. Quando precisamos de alguma coisa, um pede ao outro, o outro só não dá se não tiver mesmo. Preocupamo-nos uns com os outros.” (Sujeito L)

Comunicação escola-família

É notório que quase a totalidade dos alunos (n=15) apresenta um elevado grau de satisfação relativamente à forma como a escola comunica com a família, o que permite um maior conhecimento por parte dos encarregados de educação do que

se passa na comunidade escolar e promove uma maior responsabilização destes no acompanhamento dos respetivos educandos. Também é de salientar o facto de os alunos terem consciência da importância da veiculação de informações pertinentes e da preocupação constante dos diretores de turma em manterem um estreito contacto com as famílias sempre que necessário. Verifiquemos as transcrições no quadro 9:

Quadro 9- Frases ilustrativas

“A escola comunica bem, está sempre a fazer chamadas, a enviar mails para os pais e a chamar os pais. Até informa demasiado.” (Sujeito B)

“De uma maneira muito rígida, eh, eh... não sei explicar. Acho que é de uma maneira rígida, mas num sentido bom, claro! Eles estão sempre avisando os pais das coisas, estão sempre a deixar os pais a par de tudo e eu acho que isso é uma coisa boa.” (Sujeito F)

“Acho que há uma boa comunicação. A diretora de turma comunica logo com os pais no dia, chama logo os pais à escola pessoalmente e acho que deve ser assim, os problemas devem ser tratados na hora e cara a cara e não só pelo telefone. É certinho e direitinho que a diretora de turma chama logo os pais.” (Sujeito K)

✚ Respeito pelo espaço escolar

Todos os alunos (n=9), sem exceção, mencionam preservar e ter respeito pelo espaço escolar, o que indica terem estima pela escola e terem assimilado valores de cidadania. Não há, na realidade, um único aluno que refira já ter danificado algo nas instalações escolares. Observe-se o quadro 10.

Quadro 10- Frases ilustrativas

“De toda a forma. Eu estou aqui como se estivesse em casa. Não é bem a minha casa, porque eu tenho a minha casa, mas eu respeito o meu espaço como se estivesse em casa. Em casa não vou andar aí a riscar as mesas e as paredes e assim... conforme aqui também não. Tenho que respeitar conforme todos têm que respeitar. É civismo e civismo cabe em todo o lugar.” (Sujeito G)

“Eu não estrago nada. Não pinto paredes, não deito papéis para o chão, não fumo, conservo o material.” (Sujeito M)

“De uma forma normal, tento preservar as coisas. Eu conservo tudo e até ajeito coisas.” (Sujeito O)

⇒ **Objetivo: Compreender como os alunos reagem/atuam em termos de motivação e satisfação, comparativamente, nas componentes de formação geral e na componente de formação tecnológica**

Satisfação pelo curso frequentado

A maioria dos alunos (n=11) menciona estar feliz com o curso que frequenta, embora se verifique uma maior satisfação por parte dos alunos de Serralharia Mecânica (n=6), novamente, talvez, por se tratar de um curso mais prático, em que os alunos circulam livremente enquanto trabalham na bancada ou nas diferentes máquinas, pois as disciplinas de formação geral são praticamente as mesmas em ambos os cursos, com exceção da disciplina de Higiene, Saúde e Segurança no Trabalho, fazendo esta parte apenas do plano curricular do 2º ano do percurso formativo. Saliente-se, no entanto, que dois alunos de Informática manifestam mesmo insatisfação relativamente ao curso. Analisemos, sobre esta dimensão, o quadro 11, em que se apresentam frases ilustrativas de dois alunos de IOSI e de dois alunos de SM.

Quadro 11- Frases ilustrativas

“Já pensei em desistir, porque não gosto do curso em que estou. Eu vim para este curso, porque pensava que era outra coisa, eu pensava que era desmontar computadores, mas isso é só no 2º ano, mas eu pensava que era no primeiro, e é muito tempo de aulas.” (Sujeito A - Aluno de IOSI)

“Eu acho interessante, é bom, eu vim aqui porque eu quis, só o que eu não gosto é o modo de ensino que tem algumas das matérias tecnológicas, acho um pouco “tediante” só fazer fichas.” (Sujeito D - Aluno de IOSI)

“Estou muito satisfeito com o curso que frequento. Eu, ao vir para este curso, não percebia nada, nem sabia o que serralharia mecânica queria dizer, mas estou a gostar. Eu vim para serralharia mecânica... Eu vim para serralharia mecânica porque queria experimentar coisas novas, queria conhecer o desconhecido, queria conhecer coisas que não sabia do que se tratava, queria conhecer o que não conhecia.” (Sujeito L - Aluno de SM)

“Estou satisfeito ao ponto de que não sabia trabalhar em máquinas, não sabia pegar numa simples máquina e agora estou satisfeito porque sei trabalhar nisto, neste tipo de coisas. Este curso foi a minha primeira escolha, não estou arrependido e nunca pensei em desistir.” (Sujeito N - Aluno de SM)

Motivação para a frequência de disciplinas que integram a formação geral e a formação tecnológica

Relativamente a esta dimensão, especificaram-se duas categorias, as que integram as disciplinas de maior motivação e as que integram as disciplinas de menor motivação, ocorrendo de cada uma destas duas subcategorias, as disciplinas das componentes de formação geral e as disciplinas da componente de formação tecnológica, dado alguns alunos mencionarem em cada uma das categorias disciplinas que pertencem à mesma componente de formação.

No que concerne aos alunos de Serralharia Mecânica, verifica-se claramente que há uma maior motivação nas disciplinas da área técnica (n=6). Apenas um aluno

refere estar menos motivado nas disciplinas desta área. Por outro lado, os alunos de Informática, em termos de motivação, registam um número de entradas próximo no que diz respeito às disciplinas das diferentes componentes de formação. Observemos o quadro 12:

Quadro 12- Frases ilustrativas

“Eu acho que estou motivado em todas as disciplinas, mas a que menos me motiva é Português, AE e GBD...” (Sujeito D – Aluno de IOSI)

“As disciplinas em que estou mais motivada é na de Matemática, Inglês, Física e Química, ICORI e CMA. A disciplina em que estou menos motivada é em TIC, porque as matérias são muito repetitivas.” (Sujeito F – Aluno de IOSI)

“Estou mais motivado na parte de Mecânica e estou mais desmotivado na parte teórica.” (Sujeito K – Aluno de SM)

“ (...) gosto mais de Mecânica do que das disciplinas de formação geral, porque é óbvio.” (Sujeito O – Aluno de SM)

Ensino regular vs CEF

Verifica-se nitidamente que os alunos de ambas as áreas de formação preferem os Cursos de Educação e Formação ao ensino regular (n=15), pelos mais variados motivos, tais como, por se tratar de cursos mais práticos e menos teóricos, por pensarem que terminam o 9º ano mais rapidamente, pela melhoria de aproveitamento escolar, por ser mais fácil, por não se ter de estudar tanto, pelo número de alunos por turma ser menor e deste modo os professores lhes poderem dar mais atenção. Mais uma vez, aqui se deteta a preferência evidente por uma formação mais prática e menos teórica. Verifiquemos as frases ilustrativas do quadro 13.

Quadro 13- Frases ilustrativas

“Mudei para o curso e acho que estou bem no curso, gosto mais das disciplinas práticas e quando for para o estágio, tenho possibilidades de ficar. Vim para aqui para acabar o 9º para depois ir para o curso de Design e se calhar também aqui.” (Sujeito G)

“Não (*voltar a frequentar o ensino regular*), porque se calhar ia mudar tudo, ia ter mais teórica e eu gosto mais da prática. Ia estragar tudo. Ia ter mais insucesso e agora tenho sucesso. Tenho sempre melhorado desde que estou nos CEF.” (Sujeito K)

“Não, nem vou frequentar (*o ensino regular*), porque não me adapto ao ensino regular, porque há muitas matérias, muitas disciplinas e é tudo dado dentro de aulas, nunca há prática como na Mecânica e eu gosto mais de prática.” (Sujeito O)

Sucesso escolar

Em termos de sucesso escolar, os alunos reconhecem ter mais sucesso nos CEF relativamente ao ensino regular donde provêm (n=13). Novamente se destaca o facto de que a preponderância de uma vertente mais prática facilita a aquisição de competências. Atentemos nas transcrições do quadro 14:

Quadro 14- Frases ilustrativas

“Tenho agora muito mais sucesso do que tinha no ensino regular.” (Sujeito D)

“Eu tenho melhorado muito o meu sucesso escolar desde que vim para aqui.” (Sujeito N)

“Tenho mais sucesso agora neste curso do que antes, sou mais capaz de fazer as coisas e também me esforcei mais este ano.” (Sujeito O)

Trabalho empreendido nas componentes de formação geral e tecnológica

Podemos constatar que os alunos de IOSI investem mais nas componentes de formação geral (n=5) do que na componente de formação tecnológica, em alguns

casos porque consideram que as componentes de formação geral carecem de mais estudo. Em contrapartida os alunos de SM registam um maior investimento na componente de formação tecnológica (n=6). Observemos as seguintes frases ilustrativas:

Quadro 15- Frases ilustrativas

“Trabalho mais nas disciplinas mais teóricas, nas da formação geral, porque são as mais difíceis e são as mais importantes.” (Sujeito C – Aluno de IOSI)

“Trabalho em ambas as partes, mas acho que na parte teórica trabalho mais, mas trabalho com mais gosto nas práticas. Gosto mais da formação tecnológica.” (Sujeito G – Aluno de IOSI)

“Eu acho que em ambas. Apesar que a tecnológica é mais fácil para mim, porque eu já sei fazer a maioria das coisas, mas eu me interesso mais pelo que eu não sei, ou seja, eu cumpro, eu tiro boas notas na tecnológica, mas eu me esforço mais na formação geral, porque eu não sei tudo.” (Sujeito D – Aluno de IOSI)

“Eu trabalho mais na componente tecnológica, acho que é mais interessante fazer coisas práticas, trabalhar.” (Sujeito L – Aluno de SM)

⇒ **Objetivo: Analisar a importância da formação académica e profissional nas eventuais escolhas de futuro**

✚ Perspetivas em termos de futuro próximo

A grande maioria dos alunos (n=15) objetiva fazer o 12º ano de um curso profissional. É interessante verificar como a vertente vocacional domina as expectativas destes jovens em termos de futuro. Constantemente nos apercebemos de como é importante uma modalidade de ensino que integre um currículo com uma parte mais técnica, mais prática, enfim, com um cariz profissional. Verifique-se, então, o quadro 16.

Quadro 16- Frases ilustrativas

“Penso seguir até ao 12º ano para um curso profissional de Informática.” (Sujeito E)

“Penso continuar a estudar até ao 12º ano e depois acabo aí. Vou seguir para um curso profissional de Eletromecânica ou de Mecatrónica.” (Sujeito N)

“Talvez continuar a estudar ou trabalhar. Se continuar a estudar, penso fazer o 12º ano de um curso profissional na área de Serralharia.” (Sujeito P)

Saliente-se que no curso de IOSI nenhum aluno pretende ingressar de imediato no mercado de trabalho, mesmo os dois alunos que já estão fora da escolaridade obrigatória. Em contrapartida no curso de SM quatro elementos pretendem ir trabalhar de imediato, o que pode ter a ver com o facto de se encontrarem no final do percurso formativo e a maioria dos discentes se encontrar fora da escolaridade obrigatória.

Perspetivas de futuro a longo prazo

Apura-se que nenhum dos alunos de SM refere querer ingressar no ensino superior, enquanto 3 alunos de IOSI objetivam frequentar a universidade. Através desta constatação, verifica-se que os alunos de Informática têm mais perspetivas em termos de formação académica, enquanto os de Serralharia focalizam as suas aspirações em termos de prática profissional. Observemos o quadro 17:

Quadro 17- Frases ilustrativas

“Eu gostaria de ir até à universidade, mas acho que depois do 12º vou trabalhar e depois, no futuro, quem sabe, faço a universidade.” (Sujeito D – Aluno de IOSI)

Continuar até ao 12º ano no ensino regular e depois ir para a faculdade, fazer um curso de artes. (Sujeito I – Aluno de IOSI)

Tabela 5- Análise de Conteúdo das entrevistas

| Dimensão | Categoria | Subcategoria | Nº de entradas | |
|-----------------------------------|----------------------------------|-----------------------|----------------|----------------|
| | | | IOSI | SM |
| Perceções acerca da escola | Espaço de formação | Local de aprendizagem | 14 | 10 |
| | | Local de estudo | 3 | 4 |
| | Espaço de convívio | | 9 | 4 |
| | Preparação para o futuro | | 4 | 3 |
| | Juízos de valor sobre a escola | Aspetos positivos | 9 | 9 |
| | | Aspetos negativos | 7 ⁸ | 5 ⁹ |
| Condições de trabalho na escola | Satisfação total | | 6 | 7 |
| | Satisfação parcial | | 3 | 2 |
| Organização da carga horária | Horário de permanência na escola | Adequado | 2 | 5 |
| | | Desadequado | 7 | 4 |
| | Duração das atividades letivas | Adequada | 2 | 6 |
| | | Desadequada | 7 | 3 |
| Relacionamento com os professores | Satisfação total | | 6 | 7 |
| | Satisfação parcial | | 3 | 2 |
| Relacionamento com os colegas | Satisfação total | | 6 | 5 |
| | Satisfação parcial | | 3 | 4 |
| Comunicação escola-família | Satisfação total | | 7 | 8 |
| | Satisfação parcial | | 2 | 1 |

⁸ Dois alunos não encontram aspetos negativos.

⁹ Quatro alunos não encontram aspetos negativos.

Tabela 5- Análise de Conteúdo das entrevistas (Continuação)

| Dimensão | Categoria | Subcategoria | Nº de entradas | |
|---|--------------------|---|----------------|-----------------|
| | | | IOSI | SM |
| Respeito pelo espaço escolar | Adequado | | 9 | 9 |
| Satisfação pelo curso frequentado | Satisfação total | | 5 | 6 |
| | Satisfação parcial | | 2 | 3 |
| | Insatisfação | | 2 | 0 |
| Motivação para a frequência de disciplinas que integram a formação geral e a formação tecnológica | Maior motivação | Disciplinas da componente de formação geral | 4 | 4 |
| | | Disciplinas da componente de formação tecnológica | 3 | 6 |
| | Menor Motivação | Disciplinas da componente de formação geral | 5 | 7 |
| | | Disciplinas da componente de formação tecnológica | 3 | 1 |
| Ensino regular vs CEF | Preferência | Ensino regular | 2 | 1 |
| | | CEF | 7 | 8 |
| Sucesso escolar | Ensino Regular | | 1 | 0 |
| | CEF | | 7 | 6 ¹⁰ |
| Trabalho empreendido nas componentes de formação geral e tecnológica | Maior investimento | Componentes de formação geral | 5 | 2 |
| | | Componente de formação tecnológica | 2 | 6 |
| | | Igual nas diferentes componentes | 2 | 1 |

¹⁰ Três alunos não referiram a modalidade de ensino em que têm mais sucesso.

Tabela 5- Análise de Conteúdo das entrevistas (Continuação)

| Dimensão | Categoria | Subcategoria | Nº de entradas | |
|---|--|----------------------------------|----------------|-----------------|
| | | | IOSI | SM |
| Perspetivas em termos de futuro próximo | Continuar a estudar | 12º ano de curso profissional | 7 | 8 |
| | | 12º ano do ensino regular | 1 | 0 |
| | | Ingressar na marinha/no exército | 1 | 1 |
| | Ingresso imediato no mercado de trabalho | | 0 | 4 ¹¹ |
| Perspetivas de futuro a longo prazo | Continuar a estudar no ensino superior | | 3 | 0 |

¹¹ Dos quatro alunos, um pretende ingressar no exército ou trabalhar de imediato e três desejam ingressar no mercado de trabalho e/ou continuar a estudar.

➤ **Momento 2**

Neste segundo momento, iremos proceder à análise das entrevistas realizadas após a formação em contexto de trabalho e à análise do questionário direcionado aos monitores de estágio. Salienta-se, novamente, que nesta fase apenas estão envolvidos os alunos do curso de Serralharia Mecânica, uma vez que só estes se encontram no segundo ano do percurso formativo.

⇒ **Objetivo: Verificar a adequabilidade da formação dos CEF face às necessidades específicas do mercado de trabalho**

✚ **Demonstração da aquisição de competências genéricas que promovem e facultam o exercício efetivo de funções em local de trabalho**

Relativamente à aquisição de competências genéricas, verifica-se que os alunos mostraram ter consciência de que cumpriram plenamente os seus deveres no local de trabalho a diferentes níveis (n=9): assiduidade, pontualidade, conservação do material e respeito aos superiores. No que diz respeito à autonomia, três alunos revelam alguma dificuldade no desenvolvimento de tarefas. Em termos de trabalho cooperativo, a maioria dos elementos (n=8) afirma ter colaborado de forma adequada com os colegas no local de trabalho. No que concerne à utilização de medidas de proteção e de segurança, também, a maior parte dos estagiários (n=8) assume ter cumprido as regras adequadamente. Atentemos nas frases ilustrativas do quadro abaixo:

Quadro 18- Frases ilustrativas

“Conseguia trabalhar sozinho, mas depende da peça. Às vezes tinha alguém mesmo da empresa que ia ensinar primeiro e eu depois conseguia fazer sozinho. Acho que o que aprendia nas aulas me ajudou. Consegui trabalhar com os meus colegas e utilizei as medidas de proteção.” (Sujeito M)

““Em termos de assiduidade, fui sempre assíduo; em termos de material, mantive sempre o material limpo, sempre a minha bancada limpa, sempre a trabalhar funcionalmente; em termos de respeito aos meus superiores, sempre os respeitei, sempre fazíamos as nossas brincadeiras, éramos amigos uns dos outros e trabalhávamos bem uns com os outros. Era sempre pontual, às vezes até chegava mais cedo.” (Sujeito N)

“A escola me ensinou a trabalhar e lá aperfeiçoei. Ajudou-me a formação que tive aqui na escola, porque eu tive de trabalhar e usei o que aprendi aqui. Consegui trabalhar sozinho e também trabalhei em equipa com os outros colegas. Usei as medidas de segurança.” (Sujeito P)

Se compararmos as respostas dos alunos à entrevista com os resultados do questionário dos monitores de estágio, verificamos que em termos de assiduidade, pontualidade e respeito aos superiores, os resultados estão próximos. Relativamente à conservação do material e utilização de medidas de proteção, há que melhorar a aquisição destas competências. Contudo, no que concerne à autonomia, constata-se uma certa discrepância, registando-se mesmo num caso “muito pouca autonomia”, do que se infere a necessidade de uma maior preparação para que os alunos trabalhem de uma forma mais independente e autónoma. Analisemos a tabela 6:

Tabela 6- Aquisição de competências genéricas

| | Nada | Muito pouco | Parcialmente | Muito | Totalmente |
|--|------|-------------|--------------|-------|------------|
| Assiduidade | 0 | 0 | 0 | 0 | 9 |
| Pontualidade | 0 | 0 | 0 | 0 | 9 |
| Conservação do material | 0 | 0 | 2 | 2 | 5 |
| Respeito aos superiores | 0 | 0 | 0 | 1 | 8 |
| Autonomia | 0 | 1 | 4 | 4 | 0 |
| Cooperação com os colegas de trabalho | 0 | 0 | 0 | 6 | 3 |
| Utilização de medidas de proteção e de segurança | 0 | 0 | 2 | 5 | 2 |

✚ Demonstração da aquisição de competências específicas que possibilitam o desempenho adequado de diferentes tarefas

No que concerne à aquisição de competências específicas, nenhum dos monitores de estágio assinala uma aquisição insuficiente e mesmo na vertente do manuseamento de materiais quatro elementos registam o valor máximo, bem como três alunos nos trabalhos oficinais de bancada (tabela 7).

Tabela 7- Aquisição de competências específicas

| | Nada | Muito pouco | Parcialmente | Muito | Totalmente |
|---|------|-------------|--------------|-------|------------|
| Manuseamento de materiais | 0 | 0 | 3 | 2 | 4 |
| Interpretação de desenhos/projetos para a reprodução de peças | 0 | 0 | 3 | 5 | 1 |
| Trabalhos oficinais de bancada | 0 | 0 | 3 | 3 | 3 |
| Utilização das diferentes máquinas de metalomecânica | 0 | 0 | 4 | 4 | 1 |

✚ Adequabilidade da duração da componente de formação prática

Relativamente à duração de seis semanas como período estabelecido para a realização do estágio, todos os orientadores de estágio, sem exceção, creem que é deveras insuficiente.

Tratando-se de uma área em que a produção das diferentes peças é complexa, tendo de obedecer a regras rígidas e à máxima precisão, seria aconselhável uma prática consistente durante um período minimamente razoável, de acordo com as opiniões dos monitores de estágio. Saliente-se que só um monitor refere 30 dias por ano letivo, os restantes apenas especificam o número de dias, deduzindo-se que acham adequada a realização do estágio no final do curso.

Como se pode constatar (tabela 8), a maior parte dos monitores de estágio (56%) considera como um período mínimo aconselhável a duração de 180 dias, período este muito superior às seis semanas em vigência.

Tabela 8- Opinião dos monitores sobre a duração aconselhável do período de estágio

| | Nº | % |
|----------------------------|----|-----|
| 30 dias por ano letivo | 2 | 22% |
| 90 dias no final do curso | 1 | 11% |
| 180 dias no final do curso | 5 | 56% |
| 60 dias no final do curso | 1 | 11% |

Preparação para o exercício da atividade profissional

A maioria dos alunos (n=6) considera estar bem preparada para o exercício da profissão. Apenas três elementos assumem ter média preparação. Todavia, alguns realçam a importância da aprendizagem em local de trabalho. Ponderemos as frases ilustrativas do quadro 19.

Quadro 19- Frases ilustrativas

“Sinto-me preparado, sinto que já tenho alguma capacidade nessa área e sinto que já aprendi muita coisa sobre essa área, há coisas que aprende-se todos os dias nessa área, mas o básico... sinto que já estou preparado para exercer essa área.” (Sujeito J)

“Acho que fiz bom estágio, a empresa me ajudou muito. Ainda tenho de trabalhar mais para tomar mais conhecimento. Eles ficaram muito contentes comigo e até me convidaram para lá ficar.” (Sujeito M)

“Me sinto preparado. Acho que não preciso de estudar mais, tenho que aprender é na área da serralharia nas firmas, não na escola.” (Sujeito P)

Em contrapartida, destaque-se que os orientadores de estágio, na sua grande maioria (78%), são de opinião que os alunos não estão suficientemente preparados para desenvolver efetivamente tarefas inerentes ao exercício das suas funções como serralheiro mecânico. Dos nove elementos, apenas dois demonstraram estar preparados. Apesar de considerarem que os alunos revelaram aquisição de competências específicas (tabela 7), assinalam, na sua grande maioria, que ainda não estão preparados para trabalhar como profissionais (tabela 9). Em relação a esta convicção, tenhamos em consideração que a profissão de serralheiro mecânico carece de uma longa aprendizagem, com a duração de vários anos.

Tabela 9- Preparação para o exercício da atividade profissional

| | Nº | % |
|----------------------|----|-----|
| Nada preparado | 0 | 0% |
| Um pouco preparado | 7 | 78% |
| Preparado | 2 | 22% |
| Muito preparado | 0 | 0% |
| Totalmente preparado | 0 | 0% |

Satisfação pelo trabalho desenvolvido

Verifica-se que a maioria dos alunos (n=7) está satisfeita com o trabalho desenvolvido no local de estágio, do que se infere trabalharem com gosto e entusiasmo, como podemos verificar através do quadro 20.

Quadro 20- Frases ilustrativas

“Estou satisfeito, sinto que foi bom para mim e cumpri tudo que devia ter cumprido, e... foi sempre bom ter aprendido mais alguma coisa, a escola não nos ensinou tudo... De resto, sinto que já estou preparado para essa área.” (Sujeito J)

“Estou bastante satisfeito, eles não têm queixas a fazer de mim nem eu deles. Estou bastante satisfeito, mas ainda queria continuar a estudar, queria ver se tinha mais formação.” (Sujeito L)

“Muito... muito satisfeito, porque a escola e a empresa me ajudou muito.” (Sujeito M)

“Estou satisfeito, porque eu fiz um bom trabalho. Eles gostaram de mim na empresa, também nem tinha como não gostar, a gente trabalhava muito.” (Sujeito P)

Também, os monitores assinalam estar satisfeitos com o trabalho desenvolvido pelos estagiários, registando-se mesmo satisfação total relativamente a três elementos, ponderemos, pois, na tabela 10:

Tabela 10- Grau de satisfação do monitor de estágio face ao trabalho desenvolvido

| | Nº | % |
|-----------------------|----|-----|
| Nada satisfeito | 0 | 0% |
| Um pouco satisfeito | 0 | 0% |
| Satisfeito | 5 | 56% |
| Muito satisfeito | 1 | 11% |
| Totalmente satisfeito | 3 | 33% |

Tabela 11- Análise de conteúdo das entrevistas realizadas aos alunos de SM após a formação em contexto de trabalho

| Dimensão | Categoria | Subcategoria | Nº de entradas |
|--|--|---------------------|-----------------------|
| Demonstração da aquisição de competências genéricas | Assiduidade | Cumprida | 9 |
| | Pontualidade | Cumprida | 9 |
| | Conservação do material utilizado | Adequada | 9 |
| | Respeito aos superiores | Adequado | 9 |
| | Autonomia | Total | 6 |
| | | Parcial | 3 |
| | Trabalho cooperativo ¹² | Adequado | 8 |
| | Utilização de medidas de proteção e de segurança | Total | 8 |
| Parcial | | 1 | |
| Preparação para o exercício da profissão como serralheiro mecânico | Boa preparação | | 6 |
| | Média preparação | | 3 |
| Satisfação pelo trabalho desenvolvido | Satisfação total | | 7 |
| | Satisfação parcial | | 2 |

¹² Um aluno não referiu como desenvolveu o trabalho em equipa.

3. Considerações Finais

Face aos dados apresentados, constatamos que os alunos das duas turmas desta amostra têm uma percepção positiva acerca da escola, encarando-a fundamentalmente como um local de aprendizagem e de convívio, desta forma, um espaço onde também se podem socializar e fazer amigos. É deveras importante registar que há um conceito bastante favorável sobre a instituição escolar, não encontrando mesmo alguns alunos quaisquer aspetos negativos a enunciar.

Relativamente ao espaço físico, verifica-se similarmente um evidente agrado, tendo sido manifestado que existem condições a nível das instalações e dos equipamentos. Realce-se ainda que todos os alunos, sem exceção, veiculam respeito ao espaço escolar, o que denota bem-estar e sentirem-se num local acolhedor.

Há, todavia, uma certa inadequação no que diz respeito ao horário de permanência na escola e à duração das atividades letivas, o que deveria ser repensado pela tutela, uma vez que muitos destes alunos apresentam dificuldades de concentração durante longos períodos. De acordo com Figueiredo (2009), uma percentagem significativa de alunos aponta como motivos principais para o insucesso o *déficit* de atenção. Realce-se, porém, que este desagrado se faz sentir mais nos alunos de IOSI, talvez por se tratar de um curso não tão prático, em que os alunos possam circular mais livremente e proceder à execução de trabalhos técnicos mais variados e com um cariz mais manual.

Dentro desta visão simpática da escola, vigora a opinião de que mantêm um bom relacionamento com os professores, bem como com os colegas, não existindo nenhum caso de total insatisfação.

Do mesmo modo, consideram inequivocamente existir uma boa comunicação entre a escola e a família, o que potencia o sucesso escolar, pois segundo Davies (1993), citado por Clemente (2010), “a descontinuidade entre as escolas e as famílias é o principal obstáculo ao sucesso das crianças em risco” (p. 62).

Ora, na globalidade, o balanço das representações do nosso público-alvo face à escola é muito positivo.

Tratando-se de cursos com uma forte vertente técnica, verifica-se que a maioria dos alunos está feliz com a área que frequenta, embora se registre uma satisfação mais evidente por parte dos alunos de Serralharia Mecânica comparativamente aos alunos do curso de Informática, enquanto a maioria destes últimos investe mais nas disciplinas de formação geral por considerar que são áreas que carecem de mais estudo, os primeiros investem mais na componente tecnológica, precisamente por acharem que é mais interessante “fazer coisas práticas, trabalhar” (quadro 15). Em termos de sucesso escolar, também prevalece a opinião dos discentes de ambas as turmas de que obtêm melhores resultados nos Cursos de Educação e Formação do que no ensino regular, pelo que se infere a importância de uma forte vertente vocacional no currículo destes alunos.

Desta forma, verifica-se que quanto mais prático é o curso, mais estes alunos têm a possibilidade de executar trabalhos manualmente, de utilizar ferramentas e máquinas, enfim de visualizarem e manusearem o produto da sua laboração, tanto mais progridem na aprendizagem e se sentem felizes na escola.

Saliente-se, ainda, que o tipo de formação recebida por estes jovens influencia as suas escolhas em termos de futuro. Constata-se que em ambos os cursos a grande maioria refere querer continuar a frequentar um curso profissional até ao 12º ano. Verifica-se, portanto, que estão satisfeitos com a vertente técnica do currículo. É interessante, porém, apurar que enquanto os alunos de Informática não equacionam ingressar no mercado de trabalho após a conclusão deste curso, mesmo os que já se encontram fora da escolaridade obrigatória, alguns alunos de Serralharia pensam ir trabalhar de imediato. Do mesmo modo, é curioso verificar que se por um lado alguns elementos da turma de IOSI perspetivam ingressar no ensino superior, nenhum aluno de SM traça essa meta.

Conclui-se, pois, que o tipo de currículo influencia indubitavelmente as escolhas de futuro, devendo ser referido que quanto mais prático, mais “manual”, mais “industrial” é o curso, mais os alunos consideram exercer a atividade profissional.

No que concerne à adequabilidade da formação dos CEF face às necessidades específicas do mercado de trabalho, em que o nosso estudo incide sobre os alunos de Serralharia Mecânica, dado apenas estes estarem em condições de integrar a fase de estágio, apurámos que no âmbito das competências genéricas regista-se um saldo positivo, embora os resultados em termos de autonomia demonstrem claramente que ainda há um longo caminho a percorrer. Relativamente à aquisição de competências específicas, deteta-se que não existe nenhum caso francamente negativo, e até existem mesmo alunos que revelam uma aquisição absoluta. Já em termos de preparação para o exercício da atividade profissional, há um visível *deficit*, uma vez que se trata de uma profissão que necessita de um longo período de aprendizagem, de experiência e de aperfeiçoamento, dada a precisão, o rigor e a exatidão que esta “arte” exige. De acordo com a opinião de um dos monitores de estágio, “esta é uma profissão muito difícil e demora muito tempo a aprender”. Por conseguinte, consideram os diferentes orientadores de estágio que o período de formação em contexto de trabalho em vigência, de apenas seis semanas, é nitidamente insuficiente. No entanto tal carência não se deve fundamentalmente à falta de empenho dos estagiários ou lacunas de aprendizagem, mas sim a requisitos da profissão.

Realce-se que quer alunos quer monitores declaram estar satisfeitos com o trabalho desenvolvido durante o período de formação prática na empresa, o que foi claramente demonstrado através dos níveis atribuídos a cada um dos elementos no estágio, num universo de nove alunos, foram atribuídos dois 3, quatro 4 e três 5. Ainda, três alunos, já fora da escolaridade obrigatória, foram convidados para continuar a trabalhar nas respetivas firmas, estas em franca expansão, o que revela a adequabilidade da formação dos CEF para iniciar a atividade profissional.

Face às conclusões acima registadas, conclui-se que a grande maioria destes alunos, todos provenientes do ensino regular, se encontra integrada na escola e tem beneficiado de um currículo com uma forte vertente vocacional, o que favorece o desenvolvimento de capacidades, competências e aptidões,

contribuindo para que se mantenham na escola e se sintam cidadãos mais “produtivos” e felizes.

Cabe-nos ainda enfatizar a importância deste estudo ser replicado noutros contextos e noutras escolas, pois é sem dúvida uma forma de potenciar, de melhorar ou até mesmo de reformular estas ofertas formativas.

4. Estudos Futuros

Após uma reflexão cuidada sobre o estudo levado a cabo com os entrevistados e com os inquiridos do nosso questionário, ficámos com a perceção de que este tema não se encontra encerrado e que outras questões se colocam relativamente ao funcionamento destes cursos. Deste modo, passamos a equacionar o seguinte:

- ▷ Qual a carga horária adequada para estes jovens e que distribuição?
- ▷ Qual a duração aconselhável dos tempos letivos?
- ▷ Qual a duração recomendável do período de estágio?
- ▷ Deve o estágio realizar-se apenas no final do percurso formativo ou no final de cada ano letivo?
- ▷ Que tipos de cursos contribuem de uma forma mais efetiva para atrair estes jovens à escola e ao mundo do trabalho?
- ▷ Qual seria a situação escolar/profissional destes jovens se não tivessem usufruído desta oferta formativa?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, L., Gomes, C., Ribeiro, I., Dantas, J., Sampaio, M., Alves, M., Santos, F. (2005). Sucesso e Insucesso no Ensino Básico: Relevância de Variáveis Sócio-Familiares e Escolares em Alunos do 5º Ano. Paper presented at the Actas do VIII Congresso Galaico Português de PsicoPedagogia, Braga, Universidade do Minho.

Alves, N., & Canário, R. (2004). Escola e exclusão socila: das promessas às incertezas. *Análise Social*, 38(169), 981-1010.

Araújo, H. C. (1987). Algumas teorias explicativas do insucesso escolar. O Insucesso Escolar em Questão. *Área de Análise Social e Organizacional da Educação*, 77-80.

Bell, J. (1997). *Como Realizar um Projeto de Investigação*. Lisboa: Gradiva - Publicações, Lda.

Benavente, A. (1990). Insucesso escolar no contexto português — abordagens, concepções e políticas. *Análise Social*, XXV, 715-733.

Benavente, A., Campiche, J., Seabra, T., & Sebastião, J. (1994). *Renunciar à escola - o abandono escolar no ensino básico*. Lisboa: Fim de Século.

Boekaerts, M. (2010). The crucial role of motivational beliefs and emotions on learning *The Nature of Learning: Using Research to Inspire Practice* (pp. 91-111). Paris: OCDE - Centre for Educational Research and Innovation.

Boekaerts, M., International Academy of Education, & International Bureau of Education. (2002). *Motivation To Learn*. Educational Practices Series.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

Brewer, E. W., & Burgess, D. N. (2005). Professor's Role in Motivating Students to Attend Class. *Journal of Industrial Teacher Education*, 42(23), 23-47.

Cabral, N. M. T. P. C. (2010). *A cidadania e o bem-estar psicológico de estudantes adolescentes*. Dissertação de mestrado, Universidade dos Açores, Ponta Delgada.

Caldeira, E., Paes, I., Micaelo, M., & Vitorino, T. (2004). *Aprender com a Diversidade* Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (Acime).

Clemente, A. (2010). *Cursos de Educação e Formação na escolaridade obrigatória: um caso*. Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro, Aveiro.

Durán-Narucki, V. (2011). Built-in: Meaning and the reproduction of socio-historical characteristics in public schools buildings in the US. [Article]. *Educational & Child Psychology*, 28(1), 114-119.

European Commission Education & Training. (2011). EU education report: good progress, but more effort needed to achieve targets. Brussels: European Commission.

Fernandes, D. (2004). Avaliação das aprendizagens: uma agenda, muitos desafios. Retrieved from http://www.projectos.te.pt/projectos_te/area_exclusiva/pdf/doc_aval.pdf

Fernandes, D. (2008). Avaliação das Aprendizagens: Desafios às Teorias, Práticas e Políticas. Porto: Texto Editores.

Ferreira, M. M., & Carmo, H. (1998). Metodologia da Investigação-Guia para Autoaprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta.

Ferreira, V. (1999). O Inquérito por Questionário na Construção de Dados Sociológicos In A. S. Silva & J. M. Pinto (Eds.), *Metodologias das Ciências Sociais* (pp. 164-196). Porto: Edições Afrontamento.

Figueiredo, M. M. (2009). Os Cursos de Educação e Formação: um estudo de caso. Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro, Aveiro.

Formosinho, J., & Machado, J. (2008). Currículo e Organização - as equipas educativas como modelo de organização pedagógica. *Currículo sem Fronteiras*, 8(1), 5-16.

Formosinho, J., Sousa, F. A., & Pires, E. L. (1991). *A Construção Social da Educação Escolar*. Porto: Asa.

Gomes, C. A. (1987). A Interação Seletiva na Escola de Massas. *Sociologia, problemas e práticas*, (3), 35-49. Retrieved from <http://hdl.handle.net/1822/17410>

Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. *Handbook of qualitative research*, 2, 163-194.

Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo - Sentidos e Formas de Uso*. Estoril: Príncipia Editora, Lda.

Hanushek, E. A. (1995). Interpreting recent research on schooling in developing countries. *The World Bank Research Observer*, 10(2), 227-246.

Honigsfeld, A. (2010). Twenty-First Century Schools: Where Environment Matters! (Vol. 76, pp. 32-36): Delta Kappa Gamma Society International.

- Lessard-Hébert, M. (1996). *Pesquisa em Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Mart, C. T. (2011). *How to Sustain Students' Motivation in a Learning Environment: Online Submission*.
- Martins, A. M., & Parchão, Y. (2000). *A legitimação psicológica do insucesso e a (des)responsabilização dos professores*. Retrieved from <http://sweet.ua.pt/~amm/cientifica/doc8/doc8.pdf>
- Martins, A. P. L. (2006). *Dificuldades de aprendizagem: Compreender o fenómeno a partir de sete estudos de caso*.
- Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). *O estudo de caso como estratégia de investigação em educação*. *EduSer-Revista de educação*, 2(2).
- Decreto-Lei nº 301/93 de 31 de agosto do Ministério da Educação Diário da República : I Série, N.º 204 (1993).
- Retificação nº 1673/2004 de 07 de setembro do Ministério da Educação, Diário da República : II Série, N.º 211 (2007).
- Decreto-Lei nº 176/2012 de 2 de agosto do Ministério da Educação e Ciência, Diário da República : I Série, N.º 149 (2012).
- Despacho Conjunto n.º 279/2002 de 12 de abril dos Ministérios da Educação e da Segurança Social e do Trabalho, Diário da República : II Série, N.º 86 (2002).
- Despacho Conjunto nº 453/2004 de 27 de julho dos Ministérios da Educação e da Segurança Social e do Trabalho, Diário da República : II Série, N.º 175 (2004).
- Portaria n.º 1272/95 de 25 de outubro dos Ministérios da Educação e do Emprego e da Segurança Social, Diário da República : I-B Série, N.º 247 (1995).
- Despacho nº 12568/2010 de 4 de agosto dos Ministérios do Trabalho e da Solidariedade Social e da Educação, Diário da República : II Série, N.º 150 (2010).
- Nóbrega, C. (2010). *Reconstrução de um lugar social dos alunos dos Cursos de Educação e Formação*. Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Ouro, P. V. L. P. d. (2009). *Os alunos do CEF: Última Oportunidade de Reconciliação com a Escola*. Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa.
- Pardal, L., & Lopes, E. S. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores.

Pereira, M. H. (2010). Os Cursos de Educação e Formação como resposta aos problemas de aprendizagem: perspetivas dos professores. Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Braga.

Perrenoud, P. (2000). *Pedagogia Diferenciada: das Intenções à Ação*. Porto Alegre - Brasil: Artmed.

Lei de Bases do Sistema Educativo de 14 de outubro da Assembleia da República, Diário da República : I Série, N.º 237 (1986).

Parecer n.º 1/91 do CNE [do Ministério da Educação] sobre medidas de apoio às escolas isoladas e aos professores deslocados. Conselheiro relator: Carlos Alberto Pereira de Meireles Coelho, Diário da República : II série, n.º 82, 9 de abril de 1991, Suplem., N.º 4042 (1991).

Lei nº 85/2009, de 27 de agosto da Assembleia da República, Diário da República: I Série, N.º 166 (2009).

Portugal. Ministérios da Educação e da Segurança Social e do Trabalho. (2004). Plano Nacional de Prevenção do Abandono Escolar. Retrieved from http://www.fersap.pt/documentos/min-edu/PNAPAE_1.pdf
http://www.fersap.pt/documentos/min-edu/PNAPAE_2.pdf
http://www.fersap.pt/documentos/min-edu/PNAPAE_3.pdf

Portugal. Ministérios da Educação e da Segurança Social e do Trabalho. (2004). Plano Nacional de Prevenção do Abandono Escolar. Lisboa: MESST.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

RCG Consulting. (2011). *Vocational education - research of students' satisfaction: National Centre for Educational Quality Enhancement*.

Renchler, R., Eric Clearinghouse on Educational Management, & Eugene, O. R. (1992). *Student Motivation, School Culture, and Academic Achievement: What School Leaders Can Do*. Trends & Issues Paper.

Roldão, M. d. C. (2004). *Escolaridade Obrigatória, Insucesso e Abandono Escolar: Obrigatoriedade Porquê? E Insucesso de Quem?* In M. M. (Dir) (Ed.), *As Bases de Educação - Conselho Nacional da Educação (1ª Edição ed., pp. 213-237)*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Rosa, M. J. V. (2004). *Escolaridade Obrigatória, Insucesso e Abandono Escolar: os Números do Recenseamento*. In I. M. M. (Dir) (Ed.), *As Bases da Educação - Conselho Nacional da Educação (1ª Edição ed., pp. 199-209)*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Scriven, M. (1991). *Evaluation Thesaurus* (4th ed.). USA: Sage Publications, Inc.

Seabra, T. (2009). Desigualdades Escolares e Desigualdades Sociais. *Sociologia, problemas e práticas*(59), 75-106.

Shadish, W., Cook, T. D., & Leviton, L. C. (1995). *Foundations of Program Evaluation - Theories of Practice*. USA: Sage Publications, Inc.

Stake, R. E. (1999). *Investigación con estudio de casos: ediciones Morata*.

Stufflebeam, D. L., & Shinkfield, A. J. (2007). *Evaluation - Theory, Models & Applications*. San Francisco, CA, USA: Jossey-Bass.

União Europeia. (1992). *Tratado da União Europeia*. MAASTRICHT: Retrieved from <http://eur-lex.europa.eu/pt/treaties/dat/11992M/htm/11992M.html>.

União Europeia. Comissão Europeia. (2000). *Estratégia de Lisboa - Conclusões da Presidência: Conselho Europeu de Lisboa - 23-24 de março de 2000*.

Retrieved from

http://www.unic.pt/images/stories/publicacoes2/Concl_Presid_C_Europeu_Lisboa.pdf

União Europeia. Comissão Europeia. (2002). *Educação e Formação na Europa: sistemas diferentes, objectivos comuns para 2010*. Belgium: Comunidades Europeias, 2002.

União Europeia. Comissão Europeia, & Eurydice - Information on Education Systems and Policies in Europe. (2009). *Vocational Guidance Education in Full-Time Compulsory Education*. Brussels: Education, Audiovisual & Culture, Executive Agency. Retrieved from http://eacea.ec.europa.eu/education/eurydice/thematic_reports_en.php.

Vilelas, J. (2009). *Investigação - O Processo de Construção do Conhecimento* Lisboa: Edições Sílabo.

Weller, M. (2005). *General Principles of Motivation*. Los Angeles Business Journal.

Yin, R. K. (2001). *Estudo de Caso - Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman (Artmed Editora S.A.).

Young, E., Green, H. A., Roehrich-Patrick, L., Joseph, L., & Gibson, T. (2003). *Do K-12 School Facilities Affect Education Outcomes? Staff Information Report*.

ANEXOS

**Anexo 1 – Guião da entrevista realizada aos alunos dos cursos
de IOSI e de SM**

GUIÃO DA ENTREVISTA

Entrevista aos Alunos dos Cursos de Educação e Formação de IOSI e de SM

1º MOMENTO

Este guião destina-se a orientar uma entrevista estruturada a alunos de Cursos de Educação e Formação, a fim de conhecer de que forma estão integrados na escola, como reagem e atuam, como se relacionam, como interagem, como se realizam e quais as suas aspirações.

A- As representações dos alunos dos CEF sobre a escola

1. O que é para ti a Escola?
2. Quais são os aspetos positivos e negativos da Escola?
3. Dá a tua opinião sobre as condições de trabalho, horário de permanência na Escola, duração das atividades letivas.
4. Qual a tua relação com os professores?
5. Qual a tua relação com os colegas?
6. Como é que achas que a Escola comunica com os Pais?
7. De que forma respeitas o espaço escolar?

B- Como os alunos reagem/atuam em termos de motivação e satisfação, comparativamente, nas componentes de formação geral e na componente de formação tecnológica

8. Em que medida estás satisfeito com o curso que frequentas? Pensaste alguma vez em desistir? Qual é a disciplina em que estás mais motivado e qual aquela em que estás mais desmotivado?
9. Já alguma vez pensaste frequentar novamente o ensino regular?
Justifica a tua resposta.
10. Como analisas o trabalho empreendido nas componentes de formação geral e de formação tecnológica?

C- A importância da formação académica e profissional nas eventuais escolhas de futuro

11. Ao frequentares um curso que te pode conferir dupla certificação, escolar e profissional, quais são os teus objetivos académicos e profissionais após terminares o 9º ano?

**Anexo 2 – Registo das entrevistas realizadas aos alunos dos
cursos de IOSI e de SM**

| Sujeito: A Curso: IOSI Data: 07.05.2012 Local: Sala 47 | |
|--|--|
| 1. O que é para ti a Escola? | “É um local onde se aprende e em que se pode estar com os amigos.” |
| 2. Quais são os aspetos positivos e negativos da Escola? | “Os negativos é que não tem muitas condições e os positivos é que eu gosto desta escola, porque não é como as outras que são fechadas e esta aqui é aberta, ao ar livre e é interessante.” |
| 3. Dá a tua opinião sobre as condições de trabalho, horário de permanência na Escola, duração das atividades letivas. | “Acho que as condições de trabalho são boas. Acho que estou aqui na escola muitas horas ao longo do dia, estar aqui o dia todo é cansativo; acho que devia ser menos tempo nas aulas, uma hora, em que a pessoa está mais atenta, e não noventa minutos, em que a pessoa não está tão atenta.” |
| 4. Qual a tua relação com os professores? | “A minha relação com os professores é boa, dou-me bem com eles. Fora das aulas converso com o professor de Educação Física, que é o único professor que nós temos, homem.” |
| 5. Qual a tua relação com os colegas? | “É boa, é ótima. Dou-me bem, faço tudo com eles; qualquer coisa, é só falar com eles; são fixos, gosto deles.” |
| 6. Como é que achas que a escola comunica com os pais? | “A escola comunica com os pais por telefone e por carta. Os pais ficam bem informados sobre tudo.” |
| 7. De que forma respeitas o espaço escolar? | “Trato bem a escola. Conservo bem o material.” |
| 8. Em que medida estás satisfeito com o curso que frequentas? Pensaste alguma vez em desistir? Qual é a disciplina em que estás mais motivado e qual aquela em que estás mais desmotivado? | “Já pensei em desistir, porque não gosto do curso em que estou. Eu vim para este curso, porque pensava que era outra coisa, eu pensava que era desmontar computadores, mas isso é só no 2º ano, mas eu pensava que era no primeiro, e é muito tempo de aulas. Mais motivado é em Educação Física e mais desmotivado é nas aulas de computador, nas de Informática. Este curso não foi a minha primeira escolha, a primeira foi Serralharia Mecânica, mas depois pensei melhor e vim para este, pensava que era outra coisa.” |
| 9. Já alguma vez pensaste frequentar novamente o ensino regular? Justifica a tua resposta. | “Sim, já pensei. Primeiro há menos tempo de aulas e acho que é melhor. Aqui não tiro melhores notas, é igual.” |

| | |
|---|--|
| <p>10. Como analisas o trabalho empreendido nas componentes de formação geral e de formação tecnológica?</p> | <p>“Trabalho mais nas disciplinas da formação geral.”</p> |
| <p>11. Ao frequentares um curso que te pode conferir dupla certificação, escolar e profissional, quais são os teus objetivos académicos e profissionais após terminares o 9º ano?</p> | <p>“Quando tiver 18 anos, vou para a Marinha, para mergulhador da Marinha Portuguesa, em Lisboa, e depois isso dá-me equivalência ao 12º ano.”</p> |

| Sujeito: B Curso: IOSI Data: 23.05.2012 Local: Sala 47 | |
|--|---|
| 1. O que é para ti a Escola? | “É um sítio onde podemos aprender e estar com os amigos.” |
| 2. Quais são os aspetos positivos e negativos da Escola? | “Positivos é uma boa escola, tem condições; negativos é que não dá para fumar dentro da escola.” |
| 3. Dá a tua opinião sobre as condições de trabalho, horário de permanência na Escola, duração das atividades letivas. | “As condições de trabalho são boas, tem umas boas condições para trabalhar. O horário de permanência na escola é muito exagerado. Acho que a duração das atividades letivas é muito tempo nas aulas.” |
| 4. Qual a tua relação com os professores? | “Com alguns dou-me bem, com outros não me dou, porque não dá para falar.” |
| 5. Qual a tua relação com os colegas? | “Dou-me bem com os meus colegas, ando com eles nos intervalos, fazemos trabalhos de grupo, ando às vezes com eles ao fim de semana.” |
| 6. Como é que achas que a escola comunica com os pais? | “A escola comunica bem, está sempre a fazer chamadas, a enviar mails para os pais e a chamar os pais. Até informa demasiado.” |
| 7. De que forma respeitas o espaço escolar? | “Respeito fixe, não pinto nada nas paredes nem faço lixo nem nada.” |
| 8. Em que medida estás satisfeito com o curso que frequentas? Pensaste alguma vez em desistir? Qual é a disciplina em que estás mais motivado e qual aquela em que estás mais desmotivado? | “Estou satisfeito, era isso que eu queria. Nunca pensei em desistir. Estou motivado a todas as disciplinas e a menos é Matemática, essa é mais “chungu”.” |
| 9. Já alguma vez pensaste frequentar novamente o ensino regular? Justifica a tua resposta. | “Não, porque gosto mais do curso, é mais prático. Agora tiro melhores notas no curso.” |
| 10. Como analisas o trabalho empreendido nas componentes de formação geral e de formação tecnológica? | “É a mesma coisa. Trabalho nas duas na mesma.” |
| 11. Ao frequentares um curso que te pode conferir dupla certificação, escolar e profissional, quais são os teus objetivos académicos e profissionais após terminares o 9º ano? | “Quero estudar até ao 12º ano num curso profissional de Desenho e depois ir trabalhar.” |

| Sujeito: C Curso: IOSI Data: 07.05.2012 Local: Sala 47 | |
|--|--|
| 1. O que é para ti a Escola? | “É um local onde aprendemos a construir o nosso futuro.” |
| 2. Quais são os aspetos positivos e negativos da Escola? | “Os positivos é o convívio, os negativos é as condições.” |
| 3. Dá a tua opinião sobre as condições de trabalho, horário de permanência na Escola, duração das atividades letivas. | “As condições são boas, de trabalho, mas, por exemplo, as paredes estão todas pintadas. O meu horário é bom, mas os outros... Eu tenho alguns amigos que o horário é exagerado, amigos doutras escolas e daqui. A duração das aulas é muito longa, acho que deviam durar menos.” |
| 4. Qual a tua relação com os professores? | “A minha relação com os professores é boa. Nos intervalos falo com o professor de Educação Física, com a professora de CMA... Dou-me melhor com professores do que com professoras.” |
| 5. Qual a tua relação com os colegas? | “É boa, convivemos bem. Não há problemas entre nós.” |
| 6. Como é que achas que a escola comunica com os pais? | “A escola comunica por telefone, mas só diz as coisas más.” |
| 7. De que forma respeitas o espaço escolar? | “Respeito da melhor forma. Respeito todas as regras.” |
| 8. Em que medida estás satisfeito com o curso que frequentas? Pensaste alguma vez em desistir? Qual é a disciplina em que estás mais motivado e qual aquela em que estás mais desmotivado? | “Estou satisfeito com o curso porque era aquilo que eu queria e que eu gosto. Nunca pensei em desistir. Gosto de todas as disciplinas.” |
| 9. Já alguma vez pensaste frequentar novamente o ensino regular? Justifica a tua resposta. | “Não, porque assim é mais rápido para acabar e acho este curso mais fácil. Tenho mais sucesso nos CEF.” |
| 10. Como analisas o trabalho empreendido nas componentes de formação geral e de formação tecnológica? | “Trabalho mais nas disciplinas mais teóricas, nas da formação geral, porque são as mais difíceis e são as mais importantes.” |
| 11. Ao frequentares um curso que te pode conferir dupla certificação, escolar e profissional, quais são os teus objetivos académicos e profissionais após terminares o 9º ano? | “Quero continuar até ao 12º ano num curso profissional, se calhar de desporto.” |

| Sujeito: D Curso: IOSI Data: 14.05.2012 Local: Sala 47 | |
|---|--|
| 1. O que é para ti a Escola? | “A escola para mim é um lugar de aprendizagem, de preparação para o futuro, porque sem a escola somos tipo pessoas que não têm conhecimentos, não têm inteligência e sem isso é difícil viver o resto da vida.” |
| 2. Quais são os aspetos positivos e negativos da Escola? | “Desta escola, especificamente, os positivos é que temos bons professores mas também temos alguns professores não tão bons e acho que o pior são os alunos que não têm interesse pelas aulas e que estão aqui a atrapalhar quem quer aprender.” |
| 3. Dá a tua opinião sobre as condições de trabalho, horário de permanência na Escola, duração das atividades letivas. | “Por mais que as salas de aulas estejam, isto é, o prédio não esteja assim muito bom, acho que é o suficiente se os alunos cooperarem com os professores. Quanto à duração, acho que é um pouco exagerado ser até às 5h45, até às 4h estava bom, nem que tivesse que durar mais nos outros dias, mas que dividisse melhor. Acho que a duração das aulas está bem, 1h30 está bem.” |
| 4. Qual a tua relação com os professores? | “Acho boa a minha ligação com os professores, menos uns dois com quem não me dou muito bem, mas a maioria é boa. Falo com eles, tiro dúvidas...” |
| 5. Qual a tua relação com os colegas? | “Com os colegas não é tão boa, não conheço muita gente aqui na escola, só umas quatro pessoas, não muitas. E com os colegas da turma não me dou muito bem, apenas com uma colega, porque ela já é minha amiga de fora; com os outros, não, porque eles têm um pensamento diferente, não querem saber das aulas e eu não gosto de pessoas assim, eu acho que a escola é importante e não se deve atrapalhar quem quer aprender.” |
| 6. Como é que achas que a escola comunica com os pais? | “Eu acho que a escola comunica bem com os pais, apesar que, de vez em quando, um pouco exagerado. Eu acho que deve-se dar alguns avisos quando o comportamento dos alunos não é muito bom, mas, também, por exemplo, a minha diretora de turma... Eu acho que ela, às vezes, exagera um pouco. Se ela tiver de fazer algo, que faça. Não precisa de falar tantas vezes e ficar sempre a mandar mensagens, às vezes, isso incomoda um pouco os pais.” |

| | |
|--|---|
| 7. De que forma respeitas o espaço escolar? | “Eu respeito, eu faço o que tenho de fazer. Tudo o que tem nas regras, eu cumpro.” |
| 8. Em que medida estás satisfeito com o curso que frequentas? Pensaste alguma vez em desistir? Qual é a disciplina em que estás mais motivado e qual aquela em que estás mais desmotivado? | “Eu acho interessante, é bom, eu vim aqui porque eu quis, só o que eu não gosto é o modo de ensino que tem algumas das matérias tecnológicas, acho um pouco “tediante” só fazer fichas. Nunca pensei desistir do curso, porque eu preciso de terminar, eu não posso atrasar-me nem mais um ano. Eu acho que estou motivado em todas as disciplinas, mas a que menos me motiva é Português, AE e GBD, mais por causa do ensino, não pela matéria, mas mais, mais... Português, porque eu não sou muito bom, mas vou-me esforçar para aprender melhor.” |
| 9. Já alguma vez pensaste frequentar novamente o ensino regular? Justifica a tua resposta. | “Não nunca, porque eu não quero perder tempo. Como tinha só o 6º ano, assim foi mais rápido. Quero terminar rapidamente o 9º ano, para fazer algo que eu goste. Tenho agora muito mais sucesso do que tinha no ensino regular.” |
| 10. Como analisas o trabalho empreendido nas componentes de formação geral e de formação tecnológica? | “Eu acho que em ambas. Apesar que a tecnológica é mais fácil para mim, porque eu já sei fazer a maioria das coisas, mas eu me interesso mais pelo que eu não sei, ou seja, eu cumpro, eu tiro boas notas na tecnológica, mas eu me esforço mais na formação geral, porque eu não sei tudo.” |
| 11. Ao frequentares um curso que te pode conferir dupla certificação, escolar e profissional, quais são os teus objetivos académicos e profissionais após terminares o 9º ano? | “Quero fazer um curso profissional de multimédia até ao 12º ano. Eu gostaria de ir até à universidade, mas acho que depois do 12º vou trabalhar e depois, no futuro, quem sabe, faço a universidade.” |

| Sujeito: E Curso: IOSI Data: 14.05.2012 Local: Sala 47 | |
|--|--|
| 1. O que é para ti a Escola? | “É um sítio onde se aprende, para no futuro virmos a ser alguém.” |
| 2. Quais são os aspetos positivos e negativos da Escola? | “Acordar cedo para vir para a escola é negativo; os horários, também sair tarde é negativo. Positivo, é nós podermos aprender sempre mais.” |
| 3. Dá a tua opinião sobre as condições de trabalho, horário de permanência na Escola, duração das atividades letivas. | “As condições de trabalho são boas para nós. Acho muito tempo que passamos na escola. A duração das aulas também acho que é muito.” |
| 4. Qual a tua relação com os professores? | “A minha relação com os professores é boa. Os professores apoiam-me. Quando faço os trabalhos, dizem-me que estão bons.” |
| 5. Qual a tua relação com os colegas? | “É boa, nos intervalos ando com os meus colegas, eles respeitam-me, trabalhamos em grupo.” |
| 6. Como é que achas que a escola comunica com os pais? | “Acho que a escola informa bem os pais. Fala pessoalmente e por telefone.” |
| 7. De que forma respeitas o espaço escolar? | “Eu respeito, não estrago nada.” |
| 8. Em que medida estás satisfeito com o curso que frequentas? Pensaste alguma vez em desistir? Qual é a disciplina em que estás mais motivado e qual aquela em que estás mais desmotivado? | “Gosto do curso que frequento, foi a minha primeira escolha. Nunca pensei em desistir deste curso. Mais motivado, estou em ICORI e AE. Menos motivado, não sei.” |
| 9. Já alguma vez pensaste frequentar novamente o ensino regular? Justifica a tua resposta. | “Não, porque estou a tirar o curso que quero e não penso em ir para o regular. Eu tenho mais sucesso agora nos CEF do que tinha no ensino regular.” |
| 10. Como analisas o trabalho empreendido nas componentes de formação geral e de formação tecnológica? | “Eu trabalho em todas, mas trabalho mais nas tecnológicas.” |
| 11. Ao frequentares um curso que te pode conferir dupla certificação, escolar e profissional, quais são os teus objetivos académicos e profissionais após terminares o 9º ano? | “Penso seguir até ao 12º ano para um curso profissional de Informática.” |

| Sujeito: F Curso: IOSI Data: 14.05.2012 Local: Sala 47 | |
|--|---|
| 1. O que é para ti a Escola? | “É um lugar de estudo. É um lugar onde a gente pode estudar, se socializar, aprender.” |
| 2. Quais são os aspetos positivos e negativos da Escola? | “De mau, eu acho os alunos. De bom, o aprendizado, os professores.” |
| 3. Dá a tua opinião sobre as condições de trabalho, horário de permanência na Escola, duração das atividades letivas. | “As condições de trabalho são boas. O horário de permanência está um pouquinho mau, porque eles ocupam muito tempo da nossa vida, a gente tem que fazer algumas coisas e aí não pode porque a escola trabalha. A duração das aulas está bem.” |
| 4. Qual a tua relação com os professores? | “Não sei... eu acho que é boa. Eu converso com eles, eles conversam comigo, até que a gente se dá bem.” |
| 5. Qual a tua relação com os colegas? | “Bom... como ainda não tenho amigos nesta escola, só o José Miguel... é uma relação normal, é “oi, tudo bem, como é que vai?”, fica só nisso, não passa disso. Não ando com eles nos intervalos, só ando com o José, não é que eu não goste deles, eles é que não vêm conversar comigo, os interesses deles são diferentes dos meus. Com os outros colegas, para além do José, não tenho uma boa relação, não sei se vem de mim ou se vem deles.” |
| 6. Como é que achas que a escola comunica com os pais? | “De uma maneira muito rígida, eh, eh... não sei explicar. Acho que é de uma maneira rígida, mas num sentido bom, claro! Eles estão sempre avisando os pais das coisas, estão sempre a deixar os pais a par de tudo e eu acho que isso é uma coisa boa.” |
| 7. De que forma respeitas o espaço escolar? | “Eu faço tudo que a escola permite eu fazer, tipo, se eu sujei, eu limpo, se eu deixei um papel cair, eu pego e jogo no lixo. Tento preservar a escola.” |
| 8. Em que medida estás satisfeito com o curso que frequentas? Pensaste alguma vez em desistir? Qual é a disciplina em que estás mais motivado e qual aquela em que estás mais desmotivado? | “Acho que tá, tá tudo bem, estou-me sentindo bem. Ainda não pensei em desistir. As disciplinas em que estou mais motivada é na de Matemática, Inglês, Física e Química, ICORI e CMA. A disciplina em que estou menos motivada é em TIC, porque as matérias são muito repetitivas. A componente que menos gosto é da tecnológica. Vim para este curso porque me estava sentindo muito |

| | |
|--|---|
| | sozinha na outra escola e já que o José veio para aqui, a gente pensou: “vamos estar juntos”, já que tínhamos o mesmo nível de escolaridade e então aproveitei para não estar sozinha.” |
| 9. Já alguma vez pensaste frequentar novamente o ensino regular? Justifica a tua resposta. | “Não, porque pode demorar mais a terminar os estudos e eu queria terminar isso mais rápido para não ficar muito velhinha... O sucesso num e noutra ensino está igual.” |
| 10. Como analisas o trabalho empreendido nas componentes de formação geral e de formação tecnológica? | “Trabalho mais na geral.” |
| 11. Ao frequentares um curso que te pode conferir dupla certificação, escolar e profissional, quais são os teus objetivos académicos e profissionais após terminares o 9º ano? | “Por enquanto eu penso continuar até ao 12º ano, num curso profissional de Design, mas se por acaso acontecer alguma coisa, faço faculdade, porque eu não quero parar.” |

| Sujeito: G Curso: IOSI Data: 14.05.2012 Local: Sala 47 | |
|---|---|
| 1. O que é para ti a Escola? | “A escola para mim é um sítio onde eu posso estudar e estar a aprender.” |
| 2. Quais são os aspetos positivos e negativos da Escola? | “Positivos é que posso aprender e daqui ir trabalhar. Negativos, não sei até que ponto tem negativos, acho que a escola não tem pontos negativos.” |
| 3. Dá a tua opinião sobre as condições de trabalho, horário de permanência na Escola, duração das atividades letivas. | “As salas são mais ou menos. Em termos de estrutura da escola, está mais ou menos, está a ser reconstruída devagarinho, mas em termos da cantina e assim já não é tão favorável. Não posso dizer que não gosto da comida, há dias que é uma refeição razoável e há outros que não é tanto, mas não é mau. O horário de permanência na escola acho que está bem. A duração das aulas... acho que podia ser aulas mais curtas, com intervalos também mais curtos, até podia ser mais aulas, mas menos tempo cada aula.” |
| 4. Qual a tua relação com os professores? | “Depende dos professores, há professores que se dedicam mais aos alunos e que dão mais atenção e que se calhar os alunos gostam mais deles. Não sei, porque também é a maneira dos professores reagirem com os alunos e também a maneira dos alunos reagirem com os professores, mas depende, se os professores têm personalidades diferentes, a relação com cada um é diferente.” |
| 5. Qual a tua relação com os colegas? | “É boa, sempre foi boa e será por muito tempo, porque eu já antes de vir para esta turma já conhecia alguns e integrei-me logo na turma. Ando com os meus colegas nos intervalos, à noite, ao fim de semana, vamos sair à tarde e assim...” |
| 6. Como é que achas que a escola comunica com os pais? | “Depende das diretoras de turma e depende de quem estiver lá em cima na direção, porque para serem diretores de uma escola ou professores têm que estar minimamente preparados para isso, têm que saber que é preciso comunicar com os pais passando-se algo de errado e acho que esta escola preocupa-se com os alunos e informa bem os pais.” |
| 7. De que forma respeitas o espaço | “De toda a forma. Eu estou aqui como se |

| | |
|---|---|
| <p>escolar?</p> | <p>estivesse em casa. Não é bem a minha casa, porque eu tenho a minha casa, mas eu respeito o meu espaço como se estivesse em casa. Em casa não vou andar aí a riscar as mesas e as paredes e assim... conforme aqui também não. Tenho que respeitar conforme todos têm que respeitar. É civismo e civismo cabe em todo o lugar.”</p> |
| <p>8. Em que medida estás satisfeito com o curso que frequentas? Pensaste alguma vez em desistir? Qual é a disciplina em que estás mais motivado e qual aquela em que estás mais desmotivado?</p> | <p>“Estou satisfeito razoavelmente, mas não era bem o curso que eu queria. Eu queria um curso de design, mas não havia disponibilidade para o 8º e 9º, só tem para o 10º, 11º e 12º. Nunca pensei em desistir. Mais motivado, acho que é nas disciplinas práticas, mais desmotivado, acho que é em Português, se calhar a professora tem menos paciência que as outras, a maneira de ser, não sei...”</p> |
| <p>9. Já alguma vez pensaste frequentar novamente o ensino regular? Justifica a tua resposta.</p> | <p>“Não, porque assim acabo a escolaridade mais rápido. Mudei para o curso e acho que estou bem no curso, gosto mais das disciplinas práticas e quando for para o estágio, tenho possibilidades de ficar. Vim para aqui para acabar o 9º para depois ir para o curso de design e se calhar também aqui. Tenho mais sucesso agora, sinto-me mais feliz agora.”</p> |
| <p>10. Como analisas o trabalho empreendido nas componentes de formação geral e de formação tecnológica?</p> | <p>“Trabalho em ambas as partes, mas acho que na parte teórica trabalho mais, mas trabalho com mais gosto nas práticas. Gosto mais da formação tecnológica.”</p> |
| <p>11. Ao frequentares um curso que te pode conferir dupla certificação, escolar e profissional, quais são os teus objetivos académicos e profissionais após terminares o 9º ano?</p> | <p>“Penso continuar até ao 12º num curso profissional de Design. Depois ainda tenho tempo para pensar.”</p> |

| Sujeito: H Curso: IOSI Data: 14.05.2012 Local: Sala 47 | |
|--|---|
| 1. O que é para ti a Escola? | “É um lugar onde se aprende, onde se tem amigos.” |
| 2. Quais são os aspetos positivos e negativos da Escola? | “Positivos é ter amigos, aprender, conviver. Não há aspetos negativos.” |
| 3. Dá a tua opinião sobre as condições de trabalho, horário de permanência na Escola, duração das atividades letivas. | “As condições de trabalho são boas. O horário de permanência na escola é mau, porque é muito tempo. A duração das atividades letivas também é má, é muito tempo.” |
| 4. Qual a tua relação com os professores? | “A minha relação com os professores é boa.” |
| 5. Qual a tua relação com os colegas? | “A minha relação com os colegas é boa. Aos fins de semana saio com os meus colegas da turma de vez em quando.” |
| 6. Como é que achas que a escola comunica com os pais? | “Informa bem de mais.” |
| 7. De que forma respeitas o espaço escolar? | “Eu não estrago nada.” |
| 8. Em que medida estás satisfeito com o curso que frequentas? Pensaste alguma vez em desistir? Qual é a disciplina em que estás mais motivado e qual aquela em que estás mais desmotivado? | “É fixe. Nunca pensei em desistir, Estou mais motivado a Inglês e menos motivado não sei.” |
| 9. Já alguma vez pensaste frequentar novamente o ensino regular? Justifica a tua resposta. | Não, porque é podre, é “chungu”. Tenho mais sucesso agora nos CEF do que no regular. |
| 10. Como analisas o trabalho empreendido nas componentes de formação geral e de formação tecnológica? | “Tanto gosto da formação tecnológica como da formação geral. Trabalho igual nas duas.” |
| 11. Ao frequentares um curso que te pode conferir dupla certificação, escolar e profissional, quais são os teus objetivos académicos e profissionais após terminares o 9º ano? | “Vou seguir para um curso profissional de Informática até ao 12º ano.” |

| Sujeito: I Curso: IOSI Data: 14.05.2012 Local: Sala 47 | |
|--|--|
| 1. O que é para ti a Escola? | “Muita coisa... há as aulas, os amigos, os professores, o estudar, muita coisa...” |
| 2. Quais são os aspetos positivos e negativos da Escola? | “Os positivos é que aprendemos e podemos estar com pessoas novas ou até com os nossos colegas. Os negativos é que se nem sempre a turma for como nós esperamos ou se não for muito bem-educada, entre aspas, podemos-nos perder um pouco. “ |
| 3. Dá a tua opinião sobre as condições de trabalho, horário de permanência na Escola, duração das atividades letivas. | “Eu acho que 90m para uma aula é muito tempo, acho que estava muito melhor quando era uma hora e assim os alunos não se fartavam tanto de estar nas aulas. O horário de permanência devia estar um pouco mais bem distribuído, uma vez que só tenho uma tarde livre. Acho que é muito longo o dia. As condições são boas, os professores são bons, as salas são ótimas, os equipamentos também...” |
| 4. Qual a tua relação com os professores? | “Eu acho que é boa, não sou mal-educada, o meu problema é faltar às aulas, mas penso que não há assim nenhum professor que tenha uma queixa de mim, a não ser as faltas.” |
| 5. Qual a tua relação com os colegas? | “Depende, é ... só colegas, aqui ainda não tenho amigos, porque também não gosto da convivência, mas alguns são fixes, outros nem por isso, mas a gente habitua-se.” |
| 6. Como é que achas que a escola comunica com os pais? | “Com os pais, comunica muito bem, tanto que a minha diretora de turma está sempre a falar com a minha mãe.” |
| 7. De que forma respeitas o espaço escolar? | “Eu não escrevo nas paredes, conservo o material limpo, não deito papéis ao chão...” |
| 8. Em que medida estás satisfeito com o curso que frequentas? Pensaste alguma vez em desistir? Qual é a disciplina em que estás mais motivado e qual aquela em que estás mais desmotivado? | “Depende, eu também só estou no curso para tirar o 9º ano, não é uma coisa que eu goste... Já pensei em desistir quando vi que não tinha nada a ver com aquilo que eu pensava, pensava que não tinha que fazer o estágio se quisesse seguir o 10º ano, pensei que ia ser mais fácil, pensei que as disciplinas no computador iam ser diferentes. A disciplina em que estou mais motivada é em Inglês e menos motivada é em Educação Física.” |
| 9. Já alguma vez pensaste | “Sim, que é o que eu vou fazer. Eu só quero |

| | |
|---|--|
| <p>frequentar novamente o ensino regular? Justifica a tua resposta.</p> | <p>mesmo ultrapassar o 9º ano, depois quero voltar para o ensino regular no 10º ano, para entrar na faculdade com mais bases. Aqui estou a tirar melhores notas, porque as disciplinas são outras, é diferente, é mais fácil.”</p> |
| <p>10. Como analisas o trabalho empreendido nas componentes de formação geral e de formação tecnológica?</p> | <p>“Trabalho mais na formação geral.”</p> |
| <p>11. Ao frequentares um curso que te pode conferir dupla certificação, escolar e profissional, quais são os teus objetivos académicos e profissionais após terminares o 9º ano?</p> | <p>“Continuar até ao 12º ano no ensino regular e depois ir para a faculdade, fazer um curso de artes.”</p> |

| Sujeito: J Curso: SM Data: 30.04.2012 Local: Gabinete de Mecânica | |
|--|--|
| 1. O que é para ti a Escola? | “A escola é um local onde a pessoa pode aprender mais áreas e aprender novas coisas na vida. Sem a escola a pessoa não teria essas possibilidades.” |
| 2. Quais são os aspetos positivos e negativos da Escola? | “Dos aspetos positivos, a pessoa vindo à escola pode ter novos conhecimentos, do meio ambiente e do que se passa no mundo. Dos negativos, não tenho assim nenhum em especial a apontar.” |
| 3. Dá a tua opinião sobre as condições de trabalho, horário de permanência na Escola, duração das atividades letivas. | “As condições da escola são boas, o horário da escola também é bom, e sobre a duração das atividades letivas acho que também está bem assim.” |
| 4. Qual a tua relação com os professores? | “A minha relação com os professores é boa, não tenho nada de que me queixe.” |
| 5. Qual a tua relação com os colegas? | “A minha relação com os meus colegas é boa, ando sempre com os meus colegas nos intervalos. Quando é necessário, trabalho com os meus colegas. Respeito os meus colegas.” |
| 6. Como é que achas que a escola comunica com os pais? | “A comunicação com os pais é boa, mantém sempre os pais informados.” |
| 7. De que forma respeitas o espaço escolar? | “Em questões de danificar a escola, não sou daquelas pessoas de andar aí a danificar.” |
| 8. Em que medida estás satisfeito com o curso que frequentas? Pensaste alguma vez em desistir? Qual é a disciplina em que estás mais motivado e qual aquela em que estás mais desmotivado? | “Estou satisfeito com o curso, nunca pensei em desistir. A disciplina em que estou mais motivado é Mecânica e a em que estou menos motivado é Física e Química.” |
| 9. Já alguma vez pensaste frequentar novamente o ensino regular? Justifica a tua resposta. | “Já, mas não penso voltar, porque desde que saí do ensino regular, fiquei mais satisfeito com o curso profissional que frequento. Gosto da parte mais técnica, menos teórica.” |
| 10. Como analisas o trabalho empreendido nas componentes de formação geral e de formação tecnológica? | “Trabalho mais na componente tecnológica.” |
| 11. Ao frequentares um curso que te pode conferir dupla certificação, | “Penso seguir até ao 12º ano, fazer um curso profissional na área da Soldadura.” |

| | |
|--|--|
| escolar e profissional, quais são os teus objetivos académicos e profissionais após terminares o 9º ano? | |
|--|--|

| Sujeito: K Curso: SM Data: 30.04.2012 Local: Gabinete de Mecânica | |
|--|--|
| 1. O que é para ti a Escola? | “É um centro de estudos onde podemos aprender, onde podemos estudar, aprender e desenvolver as nossas capacidades e preparar o nosso futuro.” |
| 2. Quais são os aspetos positivos e negativos da Escola? | “Os aspetos positivos é o convívio entre nós aqui na escola e os negativos são fumar e as más companhias.” |
| 3. Dá a tua opinião sobre as condições de trabalho, horário de permanência na Escola, duração das atividades letivas. | “As condições de trabalho são muito boas, o horário de permanência na Escola está bem, a duração das atividades letivas em vez de ser 90 minutos devia ser 60 minutos.” |
| 4. Qual a tua relação com os professores? | “A minha relação com os professores é boa. Dialogo com os professores mesmo fora das aulas.” |
| 5. Qual a tua relação com os colegas? | “A minha relação com os colegas é boa. Nos intervalos ando com os colegas, faço com eles trabalhos de grupos, são a nossa companhia no dia-a-dia.” |
| 6. Como é que achas que a escola comunica com os pais? | “Acho que há uma boa comunicação. A diretora de turma comunica logo com os pais no dia, chama logo os pais à escola pessoalmente e acho que deve ser assim, os problemas devem ser tratados na hora e cara a cara e não só pelo telefone. É certinho e direitinho que a diretora de turma chama logo os pais.” |
| 7. De que forma respeitas o espaço escolar? | “Eu respeito o espaço escolar, não deito papéis ao chão, não pinto paredes, limpo o que sujo na área da componente tecnológica.” |
| 8. Em que medida estás satisfeito com o curso que frequentas? Pensaste alguma vez em desistir? Qual é a disciplina em que estás mais motivado e qual aquela em que estás mais desmotivado? | “Estou satisfeito com o curso que frequento e nunca pensei em desistir. Estou mais motivado na parte de Mecânica e estou mais desmotivado na parte teórica.” |
| 9. Já alguma vez pensaste frequentar novamente o ensino regular? Justifica a tua resposta. | “Não, porque se calhar ia mudar tudo, ia ter mais teórica e eu gosto mais da prática. Ia estragar tudo. Ia ter mais insucesso e agora tenho sucesso. Tenho sempre melhorado desde que estou nos CEF.” |

| | |
|---|---|
| <p>10. Como analisas o trabalho empreendido nas componentes de formação geral e de formação tecnológica?</p> | <p>“Trabalho mais na componente tecnológica, na Mecânica.”</p> |
| <p>11. Ao frequentares um curso que te pode conferir dupla certificação, escolar e profissional, quais são os teus objetivos académicos e profissionais após terminares o 9º ano?</p> | <p>“Penso continuar até ao 12º ano, fazer um curso profissional na área da Mecânica Automóvel.”</p> |

| Sujeito: L Curso: SM Data: 30.04.2012 Local: Gabinete de Mecânica | |
|--|---|
| 1. O que é para ti a Escola? | É um bem essencial que todos temos de ter. Todos temos de ter estudos senão não vamos a lado nenhum. |
| 2. Quais são os aspetos positivos e negativos da Escola? | Aspeto negativo não vejo nenhum, só vejo aspetos positivos. A escola dá-nos educação, ajuda-nos. Se não formos à escola não temos estudos e não podemos arranjar trabalho. |
| 3. Dá a tua opinião sobre as condições de trabalho, horário de permanência na Escola, duração das atividades letivas. | Acho que há condições de trabalho, mas o horário de permanência na escola devia ser um bocadinho menos, a duração das atividades letivas acho que está bem. |
| 4. Qual a tua relação com os professores? | A minha relação com os professores é boa, cumprimento os professores, dialogo com eles. |
| 5. Qual a tua relação com os colegas? | A minha relação com os colegas é boa, andamos nos intervalos todos juntos, defendemo-nos uns aos outros quando é preciso. Quando precisamos de alguma coisa um pede ao outro, o outro só não dá se não tiver mesmo. Preocupamo-nos uns com os outros. |
| 6. Como é que achas que a escola comunica com os pais? | Através de telemóveis, de e-mails, de contactos pessoais. Acho que a escola informa bem os pais, pelo menos do meu lado, não tenho nenhuma queixa. |
| 7. De que forma respeitas o espaço escolar? | Não estrago nada, conservo tudo o que tem a escola. |
| 8. Em que medida estás satisfeito com o curso que frequentas? Pensaste alguma vez em desistir? Qual é a disciplina em que estás mais motivado e qual aquela em que estás mais desmotivado? | Estou muito satisfeito com o curso que frequento. Eu, ao vir para este curso, não percebia nada, nem sabia o que serralharia mecânica queria dizer, mas estou a gostar. Eu vim para serralharia mecânica... Eu vim para serralharia mecânica porque queria experimentar coisas novas, queria conhecer o desconhecido, queria conhecer coisas que não sabia do que se tratava, queria conhecer o que não conhecia. |
| 9. Já alguma vez pensaste frequentar novamente o ensino regular? Justifica a tua resposta. | Não, porque acho que é mais difícil. Agora tiro muito melhores notas. |
| 10. Como analisas o trabalho | Eu trabalho mais na componente tecnológica, |

| | |
|---|--|
| <p>empreendido nas componentes de formação geral e de formação tecnológica?</p> | <p>acho que é mais interessante fazer coisas práticas, trabalhar.</p> |
| <p>11. Ao frequentares um curso que te pode conferir dupla certificação, escolar e profissional, quais são os teus objetivos académicos e profissionais após terminares o 9º ano?</p> | <p>Penso continuar a estudar e fazer um curso profissional até ao 12º ano, na área da Mecatrónica.</p> |

| Sujeito: M Curso: SM Data: 02.05.2012 Local: Gabinete de Mecânica | |
|--|---|
| 1. O que é para ti a Escola? | “É um lugar para aprender.” |
| 2. Quais são os aspetos positivos e negativos da Escola? | “Positivos são ter muitos amigos aqui e negativos não há.” |
| 3. Dá a tua opinião sobre as condições de trabalho, horário de permanência na Escola, duração das atividades letivas. | “As condições de trabalho são boas. Acho que o horário de permanência na escola é muito. A duração das aulas está no limite, nunca mais do que isto.” |
| 4. Qual a tua relação com os professores? | “A minha relação com os professores é boa. Os professores falam comigo e elogiam os meus trabalhos muitas vezes.” |
| 5. Qual a tua relação com os colegas? | “A minha relação com os colegas é boa, andamos sempre juntos, fazemos muitas coisas juntos, como passear, brincar e trabalhos da escola.” |
| 6. Como é que achas que a escola comunica com os pais? | “A escola comunica bem com os pais, mantém os pais bem informados, informa os pais de tudo a tempo, os pais gostam de vir cá à escola, mas às vezes o trabalho é que não dá tempo para virem cá.” |
| 7. De que forma respeitas o espaço escolar? | “Eu não estrago nada. Não pinto paredes, não deito papéis para o chão, não fumo, conservo o material.” |
| 8. Em que medida estás satisfeito com o curso que frequentas? Pensaste alguma vez em desistir? Qual é a disciplina em que estás mais motivado e qual aquela em que estás mais desmotivado? | “Estou satisfeito com o curso que frequento, mas pensei em desistir logo quando estávamos a começar, mas depois deixei de pensar nisso. Estou mais motivado na Mecânica porque vou para o estágio e quero ir bem preparado. Menos motivado estou em TIC.” |
| 9. Já alguma vez pensaste frequentar novamente o ensino regular? Justifica a tua resposta. | “Sim, mas agora já não quero. Agora quero ir para estágio. Estou a fazer os possíveis para tirar boa nota. Gosto mais da parte prática do que da parte teórica.” |
| 10. Como analisas o trabalho empreendido nas componentes de formação geral e de formação tecnológica? | “Trabalho mais na Mecânica.” |
| 11. Ao frequentares um curso que te pode conferir dupla certificação, escolar e profissional, quais são | “Se eu encontrar trabalho, vou trabalhar. Se não encontrar, fico na escola, vou para um curso profissional na área da Mecânica |

| | |
|--|-------------|
| os teus objetivos académicos e profissionais após terminares o 9º ano? | Automóvel.” |
|--|-------------|

| Sujeito: N Curso: SM Data: 02.05.2012 Local: Gabinete de Mecânica | |
|--|--|
| 1. O que é para ti a Escola? | “Sinceramente, para mim a escola é uma coisa boa, futuramente pode-nos dar emprego.” |
| 2. Quais são os aspetos positivos e negativos da Escola? | “Negativos são a comida da cantina e às vezes a falta de condições nos balneários e nas casas de banho. Positivos são a comida que têm no bufete, a maneira de explicar dos professores, que é boa, e, às vezes, como somos poucos alunos, os professores dão-nos mais atenção.” |
| 3. Dá a tua opinião sobre as condições de trabalho, horário de permanência na Escola, duração das atividades letivas. | “As condições de trabalho são boas, o horário de permanência na escola é razoável, a duração das aulas acho bem, mas podia ser menos.” |
| 4. Qual a tua relação com os professores? | “É boa, há dias... Há dias em que os professores estão bem dispostos e nós também estamos, há dias em que estão mal dispostos e nós também, às vezes, podemos ficar mal dispostos.” |
| 5. Qual a tua relação com os colegas? | “A minha relação com os meus colegas é boa, eles são bons colegas, estamos sempre na brincadeira, estamos sempre a falar uns com os outros das nossas parvoíces, das nossas brincadeiras, de tudo um pouco.” |
| 6. Como é que achas que a escola comunica com os pais? | “Comunica bem. O meu pai não é muito de vir à escola, mas esta escola mantém-no muito informado.” |
| 7. De que forma respeitas o espaço escolar? | “De uma forma civilizada. Não deito papéis ao chão, não fumo.” |
| 8. Em que medida estás satisfeito com o curso que frequentas? Pensaste alguma vez em desistir? Qual é a disciplina em que estás mais motivado e qual aquela em que estás mais desmotivado? | “Estou satisfeito ao ponto de que não sabia trabalhar em máquinas, não sabia pegar numa simples máquina e agora estou satisfeito porque sei trabalhar nisto, neste tipo de coisas. Este curso foi a minha primeira escolha, não estou arrependido e nunca pensei em desistir. Para mim as disciplinas são todas iguais, estou sempre motivado na mesma, para mim é tudo igual, são todas disciplinas para que temos de trabalhar.” |
| 9. Já alguma vez pensaste frequentar novamente o ensino regular? Justifica a tua resposta. | “Não, não quero voltar a frequentar o ensino regular, porque são muitos alunos e os professores dão poucas atenções a eles, principalmente aos que têm notas mais baixas.” |

| | |
|--|--|
| | Eu tenho melhorado muito o meu sucesso escolar desde que vim para aqui.” |
| 10. Como analisas o trabalho empreendido nas componentes de formação geral e de formação tecnológica? | “Eu trabalho mais na formação geral. Tenho melhores notas às outras disciplinas do que na Mecânica, mas gosto mais de trabalhar na Mecânica, gosto de trabalhar na prática, gosto de fazer peças, por mais que elas estejam erradas em algumas situações, eu gosto de continuar a trabalhar para elas saírem perfeitas.” |
| 11. Ao frequentares um curso que te pode conferir dupla certificação, escolar e profissional, quais são os teus objetivos académicos e profissionais após terminares o 9º ano? | “Penso continuar a estudar até ao 12º ano e depois acabo aí. Vou seguir para um curso profissional de Eletromecânica ou de Mecatrónica.” |

| Sujeito: O Curso: SM Data: 02.05.2012 Local: Gabinete de Mecânica | |
|--|--|
| 1. O que é para ti a Escola? | “A escola é um trabalho.” |
| 2. Quais são os aspetos positivos e negativos da Escola? | “Positivos é aprendermos coisas e negativos é ocupa-nos um bocado de tempo.” |
| 3. Dá a tua opinião sobre as condições de trabalho, horário de permanência na Escola, duração das atividades letivas. | “As aulas haviam de ser mais curtas, haviam de ser de cinquenta minutos e dez minutos de intervalo, cinquenta de aula. De resto está tudo bem, trabalho, tudo. As condições de trabalho são boas.” |
| 4. Qual a tua relação com os professores? | “É boa, sou simpático para ele e eles são simpáticos para mim, eles respeitam-me a mim e eu respeito a eles.” |
| 5. Qual a tua relação com os colegas? | “É mais ou menos. Quem respeita a mim, eu respeito a eles e têm tudo de mim. Quem não me respeita, é naquela, meto parte. Não vou dar-me com pessoas que têm conflitos. Ando com os meus colegas nos intervalos e dou-me bem com quase todos da turma. Tenho um bom convívio com os meus colegas, fazemos trabalho juntos.” |
| 6. Como é que achas que a escola comunica com os pais? | “Através da caderneta, por chamada, por mail. A escola informa bem os pais, por acaso eu não tenho queixas, a minha mãe não tem queixas.” |
| 7. De que forma respeitas o espaço escolar? | “De uma forma normal, tento preservar as coisas. Eu conservo tudo e até ajeito coisas.” |
| 8. Em que medida estás satisfeito com o curso que frequentas? Pensaste alguma vez em desistir? Qual é a disciplina em que estás mais motivado e qual aquela em que estás mais desmotivado? | “Numa medida boa, foi o curso que eu escolhi. Nunca pensei em desistir deste curso. Mais motivado é em Mecânica e em Português, menos motivado é em Inglês, mas gosto mais de Mecânica do que das disciplinas de formação geral, porque é óbvio.” |
| 9. Já alguma vez pensaste frequentar novamente o ensino regular? Justifica a tua resposta. | “Não, nem vou frequentar, porque não me adapto ao ensino regular, porque há muitas matérias, muitas disciplinas e é tudo dado dentro de aulas, nunca há prática como na Mecânica e eu gosto mais de prática. Tenho mais sucesso agora neste curso do que antes, sou mais capaz de fazer as coisas e também me esforcei mais este ano.” |
| 10. Como analisas o trabalho empreendido nas componentes de | “Eu trabalho nas duas, tem de ser as duas igual, mas na geral é mais complicado. Vou |

| | |
|---|--|
| <p>formação geral e de formação tecnológica?</p> | <p>com mais alegria para as aulas de Mecânica.”</p> |
| <p>11. Ao frequentares um curso que te pode conferir dupla certificação, escolar e profissional, quais são os teus objetivos académicos e profissionais após terminares o 9º ano?</p> | <p>“Vou-me inscrever para o exército e vou deixar de estudar. Se não conseguir ir para o exército, vou trabalhar.”</p> |

| Sujeito: P Curso: SM Data: 02.05.2012 Local: Gabinete de Mecânica | |
|--|--|
| 1. O que é para ti a Escola? | “É um lugar em que venho aprender.” |
| 2. Quais são os aspetos positivos e negativos da Escola? | “Positivos é estar aqui, conhecer pessoas, passar o tempo aqui, aprender. Negativos, para mim, não há.” |
| 3. Dá a tua opinião sobre as condições de trabalho, horário de permanência na Escola, duração das atividades letivas. | “Há condições de trabalho, só que a gente trabalha muito. Lá no Brasil não era assim, era só meio turno, aqui é o dia inteiro. As aulas eu acho que está bem, só não deviam ser tantas.” |
| 4. Qual a tua relação com os professores? | “A minha relação com os professores é normal. Os professores para mim são fixes. Dou-me bem com quase todos os professores.” |
| 5. Qual a tua relação com os colegas? | “É normal, é divertida. Não tem nada de especial para falar. Me sinto bem aqui na escola com meus amigos.” |
| 6. Como é que achas que a escola comunica com os pais? | “Isso é impecável, não falta nunca. Na primeira oportunidade é logo. Até é de mais.” |
| 7. De que forma respeitas o espaço escolar? | “Sei lá, não fazendo nada de mal.” |
| 8. Em que medida estás satisfeito com o curso que frequentas? Pensaste alguma vez em desistir? Qual é a disciplina em que estás mais motivado e qual aquela em que estás mais desmotivado? | “Estou satisfeito, gosto. Pensei desistir no começo do curso, mas agora não desistia. Este curso não foi a minha primeira escolha, eu ia para outro que já não me lembro bem o nome, que era de desenho técnico, mas já não tinha, mas depois quando comecei o curso até que gostei. Mais motivado é na Educação Física e menos acho que nenhuma.” |
| 9. Já alguma vez pensaste frequentar novamente o ensino regular? Justifica a tua resposta. | “Não, porque eu gosto assim, gosto de ter uma parte técnica e uma parte teórica. Eu acho que cá não tenho mais sucesso do que no Brasil, porque quando eu quero estudar é igual em todo o lado.” |
| 10. Como analisas o trabalho empreendido nas componentes de formação geral e de formação tecnológica? | “Trabalho mais na Mecânica.” |
| 11. Ao frequentares um curso que te pode conferir dupla certificação, escolar e profissional, quais são | “Talvez continuar a estudar ou trabalhar. Se continuar a estudar, penso fazer o 12º ano de |

os teus objetivos académicos e profissionais após terminares o 9º ano?

um curso profissional na área de Serralharia.”

| Sujeito: Q Curso: SM Data: 02.05.2012 Local: Gabinete de Mecânica | |
|--|---|
| 1. O que é para ti a Escola? | “É um sítio para estudar.” |
| 2. Quais são os aspetos positivos e negativos da Escola? | “Os positivos é que se pode aprender. Os negativos é que a escola está um bocado estragada.” |
| 3. Dá a tua opinião sobre as condições de trabalho, horário de permanência na Escola, duração das atividades letivas. | “Depende, se for nas oficinas, as oficinas até são boas, são fixes, mas relativamente ao resto da escola, está um bocado degradada. O horário de permanência na escola é bom, é razoável, nem é muito nem é pouco.” |
| 4. Qual a tua relação com os professores? | “É boa, mas com alguns menos e com outros mais.” |
| 5. Qual a tua relação com os colegas? | “Com alguns melhor, com outros pior. Tenho uma boa relação nem com todos, só com alguns.” |
| 6. Como é que achas que a escola comunica com os pais? | “A escola comunica de mais, porque tudo o que nós fazemos os professores dizem.” |
| 7. De que forma respeitas o espaço escolar? | “Eu não sujo nada nem faço nada de mal à escola.” |
| 8. Em que medida estás satisfeito com o curso que frequentas? Pensaste alguma vez em desistir? Qual é a disciplina em que estás mais motivado e qual aquela em que estás mais desmotivado? | “Gosto do curso, claro, senão não tinha vindo. Nunca pensei em desistir, mas sim em mudar para outra escola, para ficar mais perto de casa. Mais motivado é a Português e mais desmotivado é a TIC.” |
| 9. Já alguma vez pensaste frequentar novamente o ensino regular? Justifica a tua resposta. | “Não, porque tem que se fazer muitos testes, tem que se estudar muito mais. Eu gosto de mais prática e agora tiro melhores notas do que tirava antigamente. Eu nos primeiros anos do ensino regular também tirava boas notas, eu é que me comecei a desleixar um bocado.” |
| 10. Como analisas o trabalho empreendido nas componentes de formação geral e de formação tecnológica? | “Eu trabalho mais na área da Mecânica.” |
| 11. Ao frequentares um curso que te pode conferir dupla certificação, escolar e profissional, quais são os teus objetivos académicos e profissionais após terminares o 9º ano? | “Tirar o 12º ano num curso profissional de Mecatrónica. Eu, no futuro, gostava de ser serralheiro mecânico.” |

| Sujeito: R Curso: SM Data: 02.05.2012 Local: Gabinete de Mecânica | |
|--|--|
| 1. O que é para ti a Escola? | “A escola para mim é conviver com os amigos e aprender coisas novas.” |
| 2. Quais são os aspetos positivos e negativos da Escola? | “Os positivos é aprender, conviver com os colegas, falar com os professores quando é possível. Os negativos é que a escola podia estar melhor e não está, está velha.” |
| 3. Dá a tua opinião sobre as condições de trabalho, horário de permanência na Escola, duração das atividades letivas. | “A permanência na escola é boa. As condições de trabalho são boas, mas podia ter mais empregados. O horário é como todas as escolas têm. A duração das aulas... sempre foram assim de noventa minutos, acho que está bem.” |
| 4. Qual a tua relação com os professores? | “Dou-me bem com os professores. Os professores respeitam-me, mas eu às vezes estou um bocado mal disposto e falo um bocado alto.” |
| 5. Qual a tua relação com os colegas? | “Dou-me bem com uns, com outros mal. Às vezes nos intervalos ando com os colegas da turma, outras vezes ando com outros colegas. Para mim é igual os colegas da turma e outros colegas. Eles às vezes respeitam a minha opinião, outras vezes não.” |
| 6. Como é que achas que a escola comunica com os pais? | “Quando nós faltamos, liga sempre para saber onde é que nós estamos e para nós nunca faltarmos às aulas e para termos boas notas. Acho que a escola informa bem os pais.” |
| 7. De que forma respeitas o espaço escolar? | “Respeito bem, não atiro lixo para o chão, nem escrevo nas mesas.” |
| 8. Em que medida estás satisfeito com o curso que frequentas? Pensaste alguma vez em desistir? Qual é a disciplina em que estás mais motivado e qual aquela em que estás mais desmotivado? | “Não estou bem satisfeito, porque não era este curso que eu queria. Já pensei em desistir no 2º período deste ano, por causa das notas que eu tive, mas agora já não estou a pensar em desistir e estou a estudar. Nas disciplinas em que estou mais motivado é Português, Educação Física e Matemática e a em que estou menos motivado é na Mecânica. Não era este curso que eu queria, mas o curso que eu queria não tinha o ano de escolaridade que eu queria tirar. Gosto mais das disciplinas da formação geral.” |
| 9. Já alguma vez pensaste frequentar novamente o ensino | “Já, por causa dos meus amigos antigos, eles não me queriam deixar vir para aqui.” |

| | |
|--|---|
| regular? Justifica a tua resposta. | |
| 10. Como analisas o trabalho empreendido nas componentes de formação geral e de formação tecnológica? | “Trabalho mais nas outras disciplinas do que em Mecânica, mas agora já estou a melhorar mais em Mecânica.” |
| 11. Ao frequentares um curso que te pode conferir dupla certificação, escolar e profissional, quais são os teus objetivos académicos e profissionais após terminares o 9º ano? | “Estou a pensar em ir trabalhar e ao mesmo tempo ir estudar e tirar um curso profissional até ao 12º ano, de Mecânica Automóvel.” |

Anexo 3 - Guião da entrevista realizada aos alunos de SM após terem regressado da formação em contexto de trabalho

GUIÃO DA ENTREVISTA

Entrevista a Alunos dos Cursos de Educação e Formação Após Terem Concluído a Fase de Estágio

2º MOMENTO

Este guião destina-se a orientar uma entrevista estruturada a alunos de Cursos de Educação e Formação de Serralharia Mecânica, após terem concluído a formação em estágio, a fim de conhecer de que forma mobilizam saberes e experiências, potenciam competências em contexto de trabalho, se se sentem ou não preparados para integrar o mercado de trabalho.

- **Adequabilidade da formação dos CEF face às necessidades específicas do mercado de trabalho**
 1. Agora que regressaste do estágio, como consideras ter cumprido os teus deveres enquanto “funcionário” na empresa, em termos de assiduidade, pontualidade, conservação do material utilizado e de respeito aos teus superiores?
 2. Em que medida a formação que tiveste nas aulas te ajudou a resolver os problemas que surgiram no teu posto de trabalho, a seres autónomo, a trabalhar em equipa e a usares adequadamente medidas de proteção e de segurança?
 3. Como te sentes preparado para exercer efetivamente a tua profissão como serralheiro mecânico?
 4. Na globalidade, de que forma estás satisfeito com o trabalho que desenvolveste durante o período de estágio?

**Anexo 4 – Registo das entrevistas realizadas aos alunos de SM
após terem regressado da formação em contexto de trabalho**

| Sujeito: J Curso: SM Data: 18.07.2012 Local: Gabinete de Mecânica | |
|---|--|
| 1. Agora que regressaste do estágio, como consideras ter cumprido os teus deveres enquanto “funcionário” na empresa, em termos de assiduidade, pontualidade, conservação do material utilizado e de respeito aos teus superiores? | “Foi boa, cumpri tudo, espero que eles tenham gostado de mim. Cheguei sempre a horas, nunca tive problemas e... é só.” |
| 2. Em que medida a formação que tiveste nas aulas te ajudou a resolver os problemas que surgiram no teu posto de trabalho, a seres autónomo, a trabalhar em equipa e a usares adequadamente medidas de proteção e de segurança? | “Em tudo. O que eu fiz em estágio foi praticamente tudo o que aprendi aqui na escola. Havia lá uma ou duas coisas que não sabia e os formadores estiveram-me a ensinar, a explicar como é que se fazia e eu aprendi e consegui realizar tudo. Tudo correu bem. Consegui sozinho fazer as coisas, às vezes com alguma dificuldade, mas... Trabalhei bem com os meus colegas, gostei muito do que eles fizeram por mim e eu fui sempre bem educado e tudo... para eles. Utilizei as medidas de proteção e de segurança.” |
| 3. Como te sentes preparado para exercer efetivamente a tua profissão como serralheiro mecânico? | “Sinto-me preparado, sinto que já tenho alguma capacidade nessa área e sinto que já aprendi muita coisa sobre essa área, há coisas que aprende-se todos os dias nessa área, mas o básico... sinto que já estou preparado para exercer essa área.” |
| 4. Na globalidade, de que forma estás satisfeito com o trabalho que desenvolveste durante o período de estágio? | “Estou satisfeito, sinto que foi bom para mim e cumpri tudo que devia ter cumprido, e... foi sempre bom ter aprendido mais alguma coisa, a escola não nos ensinou tudo... De resto, sinto que já estou preparado para essa área.” |

| Sujeito: K Curso: SM Data: 18.07.2012 Local: Gabinete de Mecânica | |
|---|---|
| 1. Agora que regressaste do estágio, como consideras ter cumprido os teus deveres enquanto “funcionário” na empresa, em termos de assiduidade, pontualidade, conservação do material utilizado e de respeito aos teus superiores? | “Chegava cedo, entrava a horas e com os meus colegas trabalhava bem, era um trabalho em equipa...boa e sem problemas nenhuns. Respeitei sempre os meus superiores.” |
| 2. Em que medida a formação que tiveste nas aulas te ajudou a resolver os problemas que surgiram no teu posto de trabalho, a seres autónomo, a trabalhar em equipa e a usares adequadamente medidas de proteção e de segurança? | “Usava sempre botas, a farda, luvas, óculos... Consegui trabalhar sozinho e em equipa.” |
| 3. Como te sentes preparado para exercer efetivamente a tua profissão como serralheiro mecânico? | “Ainda me faltam 3 anos, por isso ainda é difícil, porque nós com um curso com o 9º ano não vamos ter futuro, acho que o 12º para serralheiro tinha mais saída, acho que devia estudar mais para ser um bom serralheiro.” |
| 4. Na globalidade, de que forma estás satisfeito com o trabalho que desenvolveste durante o período de estágio? | “Estou contente, foi boa... Gostei do trabalho que fiz.” |

| Sujeito: L Curso: SM Data: 18.07.2012 Local: Gabinete de Mecânica | |
|---|--|
| 1. Agora que regressaste do estágio, como consideras ter cumprido os teus deveres enquanto “funcionário” na empresa, em termos de assiduidade, pontualidade, conservação do material utilizado e de respeito aos teus superiores? | “Considero que fiz tudo direito, porque não estraguei nada, chegava sempre a horas, não houve nenhum dia que eu chegasse atrasado, é assim, faltei dois dias porque me aleijei, mas também depois fui logo. Nunca faltei ao respeito a ninguém da fábrica, mesmo sendo patrão ou supervisores, nunca faltei nem a empregados e acho que cumpri bem os meus deveres como funcionário de estágio.” |
| 2. Em que medida a formação que tiveste nas aulas te ajudou a resolver os problemas que surgiram no teu posto de trabalho, a seres autónomo, a trabalhar em equipa e a usares adequadamente medidas de proteção e de segurança? | “Ajudou muito, pois logo no primeiro dia que cheguei lá eles meteram-me a trabalhar no torno, numa peça que até era para mandar para fora, acho que era para... não sei, mas ajudou bastante. A trabalhar em equipa, também trabalhei, trabalhei com os trabalhadores de lá como trabalhei com os meus colegas de turma. Também usei as medidas de segurança.” |
| 3. Como te sentes preparado para exercer efetivamente a tua profissão como serralheiro mecânico? | “Sinto-me preparado, é assim, eu gostava de aprender mais, porque é assim, quantas mais bases melhor, enfim... não ocupa espaço. Acho que podia ter mais bases no meu trabalho.” |
| 4. Na globalidade, de que forma estás satisfeito com o trabalho que desenvolveste durante o período de estágio? | “Estou bastante satisfeito, eles não têm queixas a fazer de mim nem eu deles. Estou bastante satisfeito, mas ainda queria continuar a estudar, queria ver se tinha mais formação.” |

| Sujeito: M Curso: SM Data: 18.07.2012 Local: Gabinete de Mecânica | |
|---|--|
| 1. Agora que regressaste do estágio, como consideras ter cumprido os teus deveres enquanto “funcionário” na empresa, em termos de assiduidade, pontualidade, conservação do material utilizado e de respeito aos teus superiores? | “Não faltei, cheguei na hora, faltei só um dia, porque fui para o SEF tratar de documentos. Conservei o material. Respeitei os meus superiores.” |
| 2. Em que medida a formação que tiveste nas aulas te ajudou a resolver os problemas que surgiram no teu posto de trabalho, a seres autónomo, a trabalhar em equipa e a usares adequadamente medidas de proteção e de segurança? | “Conseguia trabalhar sozinho, mas depende da peça. Às vezes tinha alguém mesmo da empresa que ia ensinar primeiro e eu depois conseguia fazer sozinho. Acho que o que aprendia nas aulas me ajudou. Consegui trabalhar com os meus colegas e utilizei as medidas de proteção.” |
| 3. Como te sentes preparado para exercer efetivamente a tua profissão como serralheiro mecânico? | “Acho que fiz bom estágio, a empresa me ajudou muito. Ainda tenho de trabalhar mais para tomar mais conhecimento. Eles ficaram muito contentes comigo e até me convidaram para lá ficar.” |
| 4. Na globalidade, de que forma estás satisfeito com o trabalho que desenvolveste durante o período de estágio? | “Muito... muito satisfeito, porque a escola e a empresa me ajudou muito.” |

| Sujeito: N Curso: SM Data: 18.07.2012 Local: Gabinete de Mecânica | |
|---|--|
| 1. Agora que regressaste do estágio, como consideras ter cumprido os teus deveres enquanto “funcionário” na empresa, em termos de assiduidade, pontualidade, conservação do material utilizado e de respeito aos teus superiores? | “Em termos de assiduidade, fui sempre assíduo; em termos de material, mantive sempre o material limpo, sempre a minha bancada limpa, sempre a trabalhar funcionalmente; em termos de respeito aos meus superiores, sempre os respeitei, sempre fazíamos as nossas brincadeiras, éramos amigos uns dos outros e trabalhávamos bem uns com os outros. Era sempre pontual, às vezes até chegava mais cedo.” |
| 2. Em que medida a formação que tiveste nas aulas te ajudou a resolver os problemas que surgiram no teu posto de trabalho, a seres autónomo, a trabalhar em equipa e a usares adequadamente medidas de proteção e de segurança? | “É assim os problemas que surgiram é que eu não utilizei nenhuns... do que tive a formação aqui na escola, porque o estágio onde eu fui não englobou nada do que teve a ver, mas de tudo o que surgia e se fosse possível tiver alguma coisa a surgir, resolvia com o que aprendi aqui na escola facilmente, mas por acaso o meu estágio não teve grande coisa a ver com o que eu aprendi nestes dois anos, mas assim se tivesse alguma coisa a ver com o que aprendi aqui na escola, claro que resolveria.” |
| 3. Como te sentes preparado para exercer efetivamente a tua profissão como serralheiro mecânico? | “Eu sinto-me bem preparado, independentemente... que neste mês e meio de estágio não tive nada a ver com serralharia mecânica, mas mesmo assim não me esqueci do que fiz durante os dois anos e sempre me vou manter preparado.” |
| 4. Na globalidade, de que forma estás satisfeito com o trabalho que desenvolveste durante o período de estágio? | “Durante o período de estágio, estou satisfeito com o meu trabalho, mas agora não gostei muito da maneira como me desenrascaram... para me mandar para um estágio que não teve nada a ver com o curso que eu estive a tirar durante este tempo.” |

Aluno:O Turma: 9º F Nº 7 Data: 18.07.2012

| | |
|---|---|
| 1. Agora que regressaste do estágio, como consideras ter cumprido os teus deveres enquanto “funcionário” na empresa, em termos de assiduidade, pontualidade, conservação do material utilizado e de respeito aos teus superiores? | “Foi tudo bom, todos gostaram de mim, nunca cheguei atrasado, cumpri sempre os meus deveres e nunca estraguei nada.” |
| 2. Em que medida a formação que tiveste nas aulas te ajudou a resolver os problemas que surgiram no teu posto de trabalho, a seres autónomo, a trabalhar em equipa e a usares adequadamente medidas de proteção e de segurança? | “Ajudaram muito. Já soube como trabalhar, soube como me proteger de certas coisas... segurança no trabalho e lá também aprendi mais coisas. Já sei fazer algumas coisas sozinho.” |
| 3. Como te sentes preparado para exercer efetivamente a tua profissão como serralheiro mecânico? | “Sinto-me preparado. Tive a formação e já tinha algumas bases antes de vir para aqui, aprendi com o meu tio.” |
| 4. Na globalidade, de que forma estás satisfeito com o trabalho que desenvolveste durante o período de estágio? | “Estou muito satisfeito, cumpri todos os meus objetivos no estágio.” |

| Sujeito: P Curso: SM Data: 18.07.2012 Local: Gabinete de Mecânica | |
|---|---|
| 1. Agora que regressaste do estágio, como consideras ter cumprido os teus deveres enquanto “funcionário” na empresa, em termos de assiduidade, pontualidade, conservação do material utilizado e de respeito aos teus superiores? | “Cumpri bem. Fui assíduo, fui pontual, faltei uma vez, porque tive de ir ao SEF tratar de um assunto. Conservei o material e respeitei os meus superiores.” |
| 2. Em que medida a formação que tiveste nas aulas te ajudou a resolver os problemas que surgiram no teu posto de trabalho, a seres autónomo, a trabalhar em equipa e a usares adequadamente medidas de proteção e de segurança? | “A escola me ensinou a trabalhar e lá aperfeiçoei. Ajudou-me a formação que tive aqui na escola, porque eu tive de trabalhar e usei o que aprendi aqui. Consegui trabalhar sozinho e também trabalhei em equipa com os outros colegas. Usei as medidas de segurança.” |
| 3. Como te sentes preparado para exercer efetivamente a tua profissão como serralheiro mecânico? | “Me sinto preparado. Acho que não preciso de estudar mais, tenho que aprender é na área da serralharia nas firmas, não na escola.” |
| 4. Na globalidade, de que forma estás satisfeito com o trabalho que desenvolveste durante o período de estágio? | “Estou satisfeito, porque eu fiz um bom trabalho. Eles gostaram de mim na empresa, também nem tinha como não gostar, a gente trabalhava muito.” |

| Sujeito: Q Curso: SM Data: 18.07.2012 Local: Gabinete de Mecânica | |
|---|--|
| 1. Agora que regressaste do estágio, como consideras ter cumprido os teus deveres enquanto “funcionário” na empresa, em termos de assiduidade, pontualidade, conservação do material utilizado e de respeito aos teus superiores? | “Tudo bem. Fui pontual, fui assíduo, conservei o material e respeitei os meus superiores.” |
| 2. Em que medida a formação que tiveste nas aulas te ajudou a resolver os problemas que surgiram no teu posto de trabalho, a seres autónomo, a trabalhar em equipa e a usares adequadamente medidas de proteção e de segurança? | “A formação não me ajudou nada, porque o que aprendemos aqui não foi o que tivemos no estágio, foi muito diferente, não tinha nada a ver aqui a escola com o estágio, nem sabíamos metade do que aprendemos aqui na escola, lá é preciso saber muito mais. As máquinas aqui e lá são iguais, os trabalhos é que são diferentes.” |
| 3. Como te sentes preparado para exercer efetivamente a tua profissão como serralheiro mecânico? | “Depois do que aprendi no estágio, sinto-me bem, aprendi muito mais no estágio do que nas aulas. Aprendi mais num mês e meio do que aprendi aqui em dois anos.” |
| 4. Na globalidade, de que forma estás satisfeito com o trabalho que desenvolveste durante o período de estágio? | “Estou pouco satisfeito porque não correu muito bem, porque quase não fazíamos nada, sempre a olhar para os outros funcionários, o que aprendi foi a ver, não foi a trabalhar, pouca coisa fizemos, pouca, eu, porque o “A” já fez mais coisas.” |

| Sujeito: R Curso: SM Data: 18.07.2012 Local: Gabinete de Mecânica | |
|---|---|
| 1. Agora que regressaste do estágio, como consideras ter cumprido os teus deveres enquanto “funcionário” na empresa, em termos de assiduidade, pontualidade, conservação do material utilizado e de respeito aos teus superiores? | “Acho que fui assíduo, pontual, posso ter faltado algumas vezes, mas tenho algumas... certas coisas para ter faltado e repus sempre as faltas. Material, não parti nada. Respeitei sempre os meus superiores.” |
| 2. Em que medida a formação que tiveste nas aulas te ajudou a resolver os problemas que surgiram no teu posto de trabalho, a seres autónomo, a trabalhar em equipa e a usares adequadamente medidas de proteção e de segurança? | “Fui sempre autónomo, trabalhei em equipa e às vezes sozinho, usei as medidas de proteção e de segurança às vezes. A formação aqui na escola ajudou-me muito, aprendi muito, agora no exame tirei boa nota e tive boa experiência.” |
| 3. Como te sentes preparado para exercer efetivamente a tua profissão como serralheiro mecânico? | “Não quero ser serralheiro mecânico, mas pode ser que venha a vir a ser. Eu quero ser motorista. Acho que estou preparado para ser serralheiro mecânico.” |
| 4. Na globalidade, de que forma estás satisfeito com o trabalho que desenvolveste durante o período de estágio? | “Estou bem satisfeito, algumas vezes poderia ter sido melhor e outras... mas não calhou assim e outras calharam algumas vezes pior, mas, na globalidade,estou satisfeito.” |

Anexo 5 – Inquérito por questionário dirigido aos monitores de estágio dos alunos de SM

QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS MONITORES DE ESTÁGIO DOS ALUNOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE SERRALHARIA MECÂNICA

- ❖ Este questionário integra-se num projeto de investigação sobre os CEF, no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, área de especialização em Avaliação, na Universidade de Aveiro.
- ❖ Pretende-se conhecer, através do presente questionário, a opinião dos monitores de estágio sobre a prestação dos estagiários, como é que estes potenciam/desenvolvem competências em contexto de trabalho e se estão ou não aptos para exercer a profissão para a qual foram preparados.
- ❖ Este questionário é anónimo. Não há respostas certas ou erradas, o que importa é que as suas respostas traduzam a sua opinião.
- ❖ A sua colaboração é imprescindível. Apresentamos a nossa maior gratidão pela sua participação.
- ❖ Por favor, dê a sua resposta assinalando com uma cruz (X) no respetivo quadrado ou escrevendo a sua opinião quando solicitada.

1. O estagiário revelou ter desenvolvido um conjunto de competências genéricas que promovam ou facultem o exercício efetivo das suas funções enquanto “trabalhador” de uma empresa?

Avalie a sua perceção numa escala de 1 a 5, sendo

1- nada; 2- muito pouco; 3- parcialmente; 4- muito 5- totalmente.

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|--|---|---|---|---|---|
| Assiduidade | | | | | |
| Pontualidade | | | | | |
| Conservação do material utilizado | | | | | |
| Respeito aos superiores | | | | | |
| Autonomia | | | | | |
| Cooperação com os colegas de trabalho | | | | | |
| Utilização de medidas de proteção e de segurança | | | | | |

2. O estagiário revelou ter desenvolvido um conjunto de competências específicas que lhe permitiram desempenhar adequadamente as tarefas que lhe foram atribuídas?

Avalie a sua perceção numa escala de 1 a 5, sendo

1- nada; 2- muito pouco; 3- parcialmente; 4- muito; 5- totalmente.

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---|---|---|---|---|---|
| Manuseamento de materiais | | | | | |
| Interpretação de desenhos/projetos para a reprodução de peças | | | | | |
| Trabalhos oficiais de bancada | | | | | |
| Utilização das diferentes máquinas de metalomecânica | | | | | |
| Outras: | | | | | |

3. Pensa ser suficiente o período de duração da componente de formação prática (fase de estágio)?

Sim

Não

- 3.1. Se respondeu não, indique o período de duração aconselhável, justificando a sua opinião.

4. Considera o estagiário preparado para o exercício da atividade profissional?

Registe a sua resposta numa escala de 1 a 5, sendo

- 1-** nada preparado; **2-** um pouco preparado; **3-** preparado;
4- muito preparado; **5-** totalmente preparado.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---|---|---|---|---|

5. Na globalidade, qual o grau de satisfação relativamente ao trabalho desenvolvido pelo estagiário?

Dê a sua opinião numa escala de 1 a 5, sendo

- 1-** nada satisfeito; **2-** um pouco satisfeito; **3-** satisfeito;
4- muito satisfeito; **5-** totalmente satisfeito.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---|---|---|---|---|

Anexo 6 – Documentos: autorizações / consentimento informado

Exma. Senhora Presidente da Comissão Administrativa Provisória
do Agrupamento de ...,

Em virtude de me encontrar a frequentar um curso de mestrado em Ciências da Educação, na área de especialização em Avaliação, na Universidade de Aveiro, venho muito respeitosamente solicitar a V. Exa. autorização para desenvolver algumas entrevistas e inquéritos por questionário, no âmbito de um estudo de caso sobre os Cursos de Educação e Formação, incidindo este, neste domínio, sobre as turmas...

Mais, cabe-me registar que o anonimato será sempre salvaguardado.

Aguardando despacho favorável e grata pela Vossa atenção e colaboração, apresento os meus respeitosos cumprimentos.

Porto, 29 de fevereiro de 2012

Maria Manuel Barbosa Valente

CONSENTIMENTO INFORMADO

Exmo. Senhor Encarregado de Educação,

Presentemente encontro-me a realizar um estudo sobre os Cursos de Educação e Formação, no âmbito de um mestrado em Ciências de Educação, na Universidade de Aveiro.

Neste trabalho de investigação, quero dedicar-me aos alunos que frequentam os cursos acima referidos e perceber o que sentem em relação à escola, como se integram e quais as suas perspetivas de futuro. A finalidade deste estudo é conhecer melhor a experiência destes alunos, para poder melhorar a sua prestação.

Desta forma, proponho ter algumas conversas/entrevistas com o seu educando.

Se autorizar a participação do seu educando neste meu projeto, por favor assine este documento.

Grata pela sua atenção,

Maria Manuel Barbosa Valente

CONSENTIMENTO INFORMADO

Sim, autorizo a participação do meu educando.

Nome do Aluno: _____ Ano: ____ Turma: ____

Assinatura do Encarregado de Educação: _____

Data: ____ / ____ / ____

CONSENTIMENTO INFORMADO

Sou professora desta escola, mas também sou estudante na Universidade de Aveiro, onde me encontro a frequentar um mestrado em Ciências da Educação.

No meu trabalho de investigação, dedico-me aos alunos que frequentam os Cursos de Educação e Formação. Quero perceber o que sentem em relação à escola, como se integram e quais as suas perspetivas de futuro.

Desta forma, gostaria que colaborasses em conversas descontraídas. Para poder tomar nota e refletir sobre as tuas opiniões depois dos encontros, agradecia a tua autorização para gravar as nossas conversas. Podes confiar que apenas eu terei acesso a estas gravações.

No caso de estares recetivo a colaborar, por favor assina este documento.

Obrigada pela tua participação!

Maria Manuel Barbosa Valente

CONSENTIMENTO INFORMADO

Sim, quero participar.

Assinatura do Aluno: _____

Data: ____ / ____ / ____